REVISTA DA SEMANA

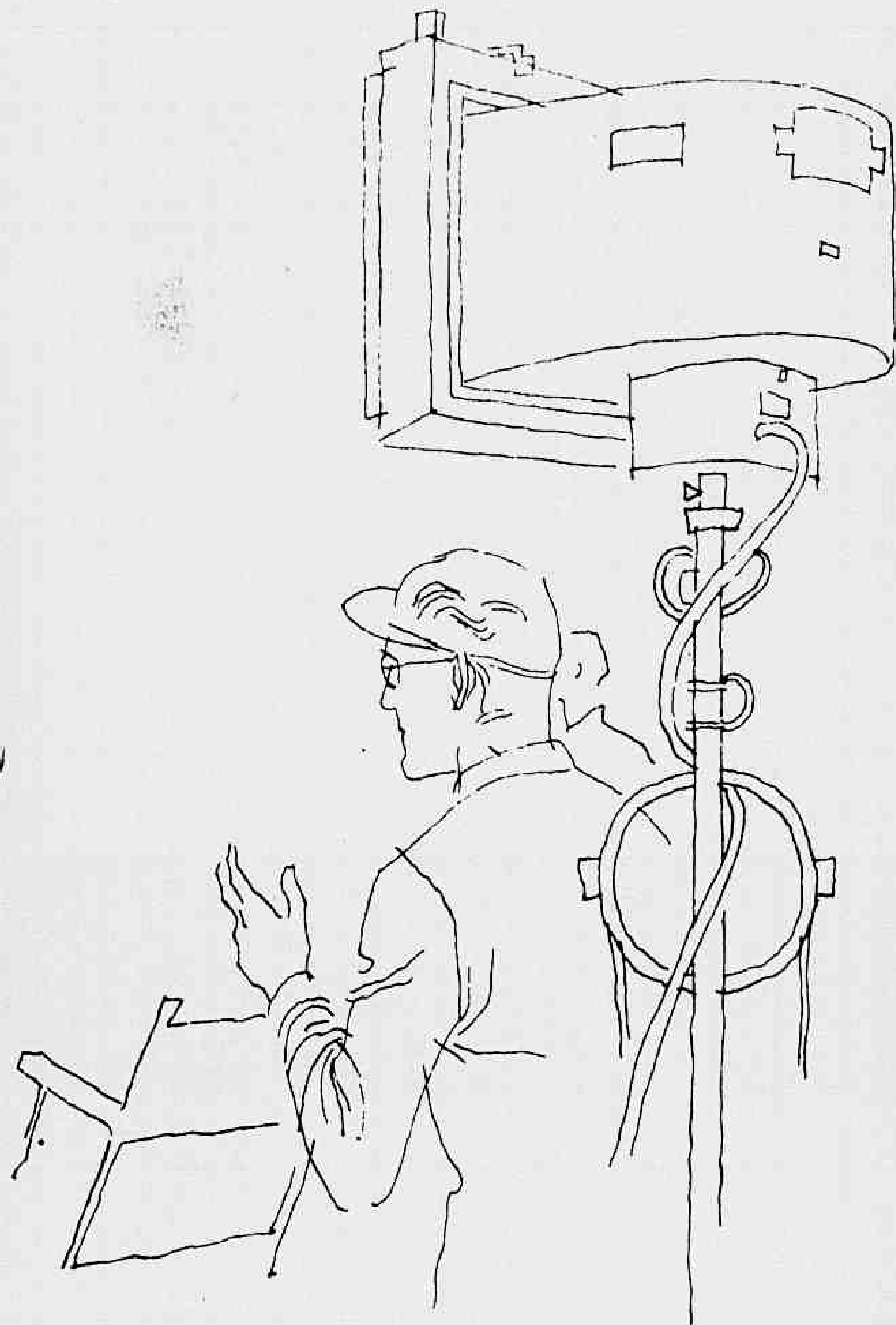
N. 49 8-5-54



Em Belo Horizonte:

SENSACIONAL O JULGAMENTO DE DÉCIO ESCOBAR





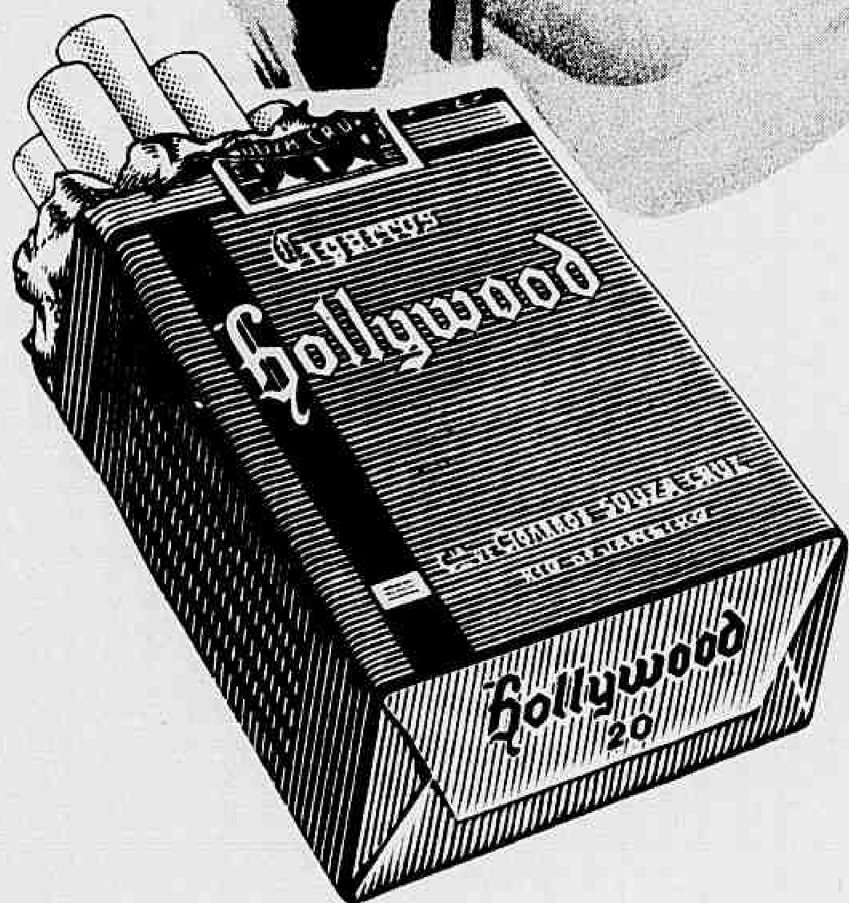
"Uma grande estrêla"...

... é aquela que, graças à sua arte e sensibilidade, sabe distinguir os caminhos para as emoções das grandes platéias.

Essa mesma sensibilidade é que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.264

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 19 ★ 8-5-1954

SUMÁRIO

Lágrimas e absolvição 3/9
Sinal aberto para Etelvino 10/13
Rio, cidade sêca 14/17
Uma mulher em três atos 20/23
Marte marchará em direção à Terra .. 30/31
O anjo da guarda (negro) de Catulo 36/37
Que é que Caymmi tem? 40/41
A casa mais louca de Hollywood 44/47
Pampulha inunda e ameaça 53

Rádio-opinião 17
A Aventura humana 19
Semana literária 24/25
Semana Santa 26/27
Para as futuras mamães 32/33
Femininas 38/39
Cinema 52
Por êsse mundo de Deus 56/57
Último flash 59

Capa:

VALERIE ROBSON
(Foto Camera Press)

● Redator chefe .... JOEL SILVEIRA
● Assistentes.. HÉLIO ABREU e LEON ELIACHAR
● Paginação .... VICTOR TAPAJÓS
● Publicidade .... J. M. COSTA JÚNIOR
S. L. GUIMARAES, A. MENDES,
S. SANT'ANA e A. NÓBREGA
● Desenho .... ALBERTO LIMA

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

● Diretor .... GRATULIANO BRITO
● Assistente .... RENATO DE ALENCAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570
— Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647
— Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 60 páginas.



Sôlto Escobar Continua Envolto em mistério o "Crime do Parque"

COMPLETA REPORTAGEM NAS PÁGINAS SEGUINTES



Antes do julgamento, Décio Escobar é abraçado pela sua mãe, que chora copiosamente.

"VOU ESCREVER UM LIVRO CONTANDO A HISTÓRIA DA MINHA DOR"

LÁGRIMAS, LITERATURA E ABSOLVIÇÃO NO JULGAMENTO DE ESCOBAR

Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

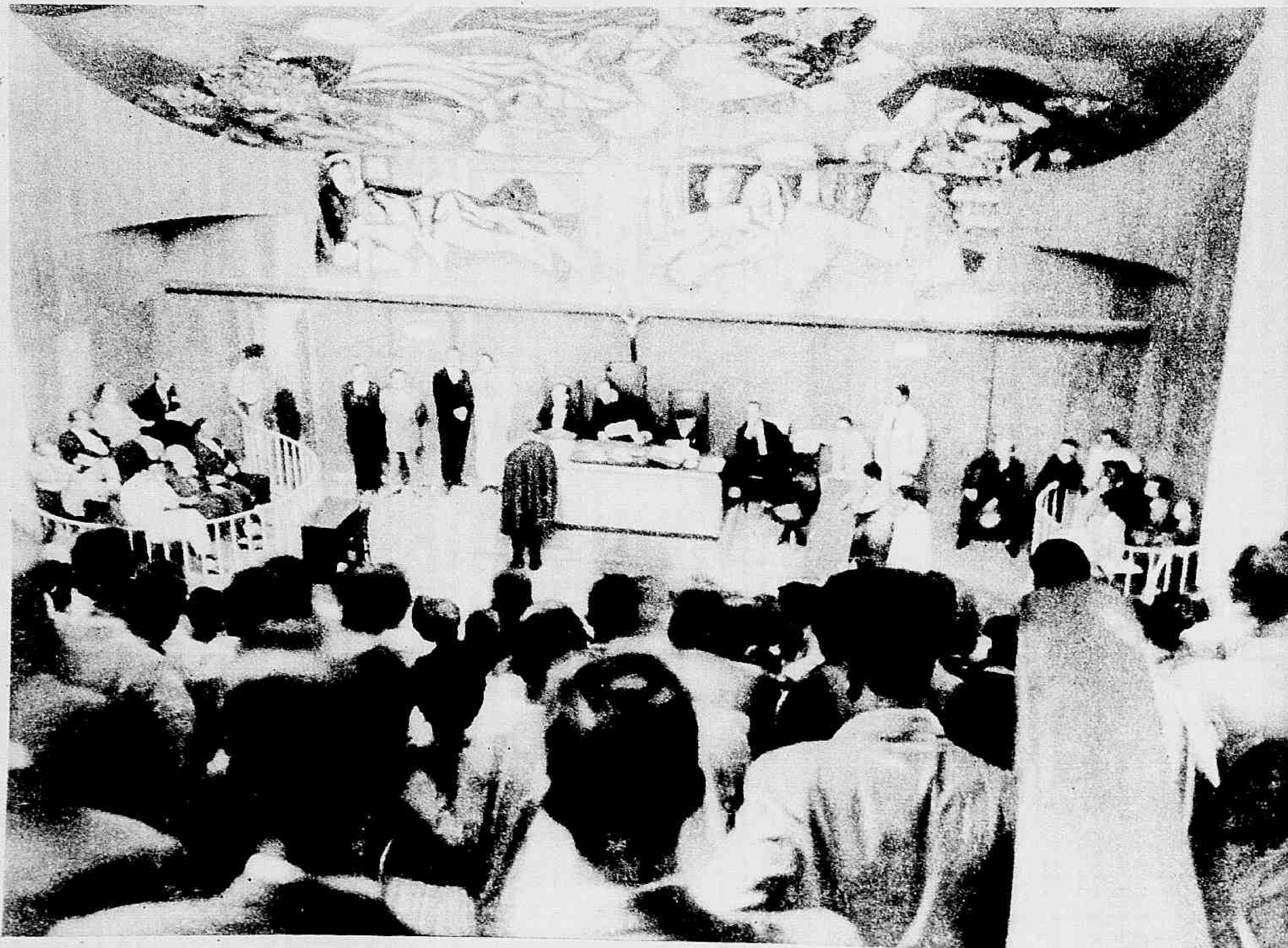
Fotos de ALBERTO FERREIRA e NIVALDO CORREIA

NERVOSO, constantemente limpando com um lenço de linho, as mãos brancas e de dedos compridos, ou, a cabeça inquieta, a seguir com os olhos as linhas modernas e os tons coloridos do belo painel de Di Cavalcânti, assim se manteve, durante mais de 30 anos, o réu Décio Escobar. «Nunca Belo Horizonte teve um julgamento tão sensacional», escreveu um matutino da capital mineira. E assim foi. Na sexta-feira, quando o fim teve começo, a ampla sala do moderníssimo Tribunal do Júri já se encontrava repleta; e uma pequena multidão formava do lado de fora, na espectativa de uma possível conquista de lugar.

Uma caminhoneta da polícia vara a multidão, buzinando estridentemente. «É êle», ouve-se gritar. Escobar salta da viatura, escoltado por policiais. Veste um impecável terno azul marinho, camisa branca, gravata escura, de listras. A barba foi aparada há pouco — vê-se. E os olhos grandes e inquietos se destacam na face extremamente pálida. Alguém grita-lhe pelo nome. Êle volta-se, como que assustado, faz um gesto com a mão, entra apressado no edifício. Dez minutos após estaria frente a frente com os seus acusadores, defensores e julgadores — para o desfecho de um caso que há oito anos abala a população de Belo Horizonte.

O CADAVER DO PARQUE

Exatamente oito anos. Naquela manhã de 6 de dezembro de 1946, um grupo de normalistas atravessava



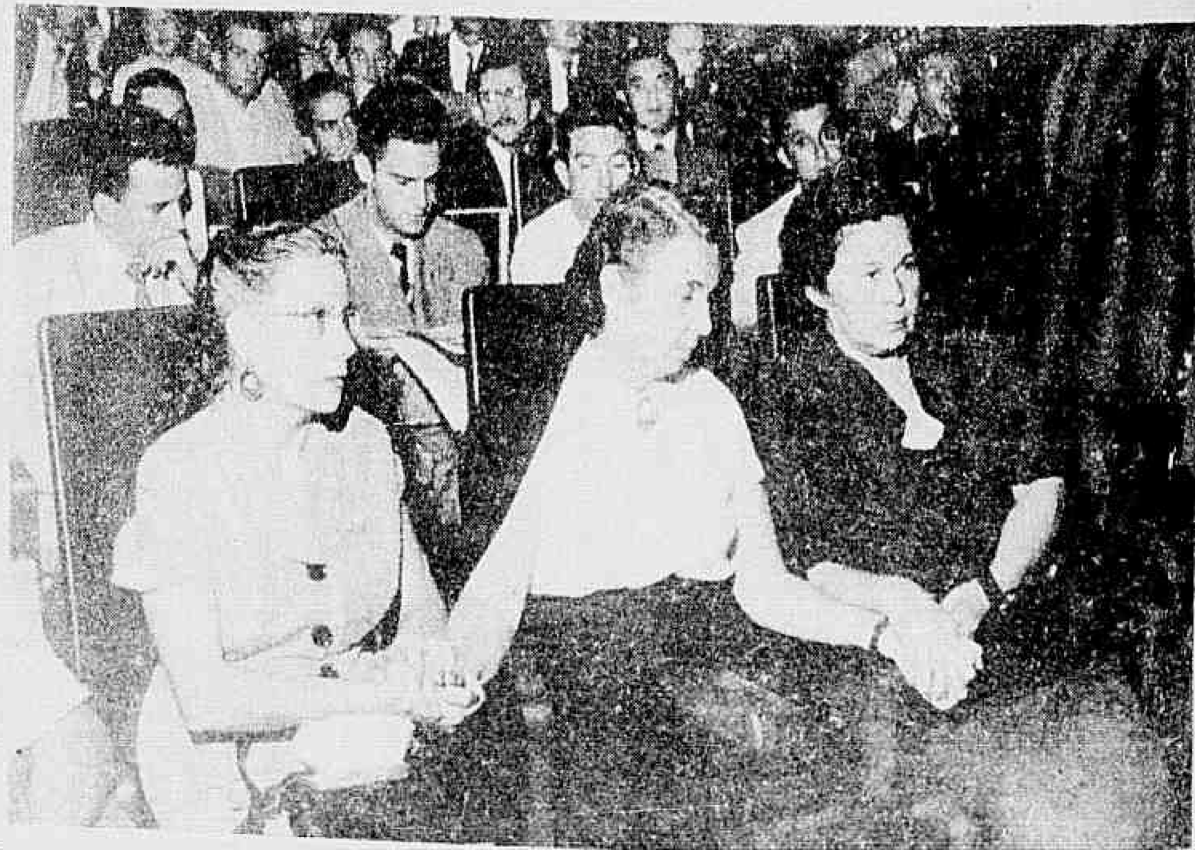
O enorme painel de Di Cavalcanti, ao fundo da sala de Júri, dava uma nota diferente ao mais sensacional julgamento já verificado em Belo Horizonte.

O POVO CARREGOU O POETA NOS BRAÇOS. E QUANDO LHE PEDIRAM UM DISCURSO, ÊLE ENDURECEU A VOZ E RECITOU UM POEMA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE ★ CONTINUA SEM RESPOSTA A PERGUNTA DE OITO ANOS: QUEM ASSASSINOU (COM 28 FACADAS) O ENG.º LUIS DELGADO?



Os pais de Décio Escobar acompanharam, durante tôdas as 32 horas que êle durou, o julgamento do filho. Ela sempre em pranto; êle, sereno, calado, a máscara perfeita de uma amargura sem protesto.





O advogado Nei Messias, vindo de Pôrto Alegre, fêz uma defesa brilhante e objetiva. (À dir.): A mãe de Décio Escobar, numa das fases mais culminantes do julgamento, é amparada por amigas. Nem por um só instante ela deixou de acompanhar o filho que era julgado.

O julgamemto foi mais sensacional que a inundação da Pampulha



O paletó ensanguentado de Luís Delgado marcou o instante emocional do julgamento. Mas o recurso da defesa não demoveu os jurados.



Após o julgamento, procurado pelos jornalistas, Décio Escobar revelou: «Vou escrever um livro contando a história da minha dor».



Décio, no banco dos réus, entre os seus guardas. Por vêzes, o cansaço parecia abatê-lo, e temia-se que êle fôsse desmaiar.

o enorme e edênico Parque Municipal, no centro da capital mineira, quando uma delas, que se distanciara, esbarra, espavorida:

— Tem um homem morto ali!

E aponta para o matagal ao lado. Chama-se a polícia, o cadáver é removido para o necrotério. E os jornais da tarde já lhe dão a identidade: trata-se do engenheiro Luís Delgado, conhecidíssimo nas rodas da mais baixa e pervertida boêmia da capital. O criminoso que o prostara fôra de uma selvageria sem par: nada menos de 28 perfurações, produzidas por faca, foram encontradas no seu corpo sangrento. Outros detalhes (tão escabrosos que só mesmo constam do processo do «Crime do Parque») logo indicaram à polícia a natureza passional do crime: Delgado fôra vítima de um dos seus companheiros de noitadas e perversões. Sôbre isso não podia haver a menor dúvida.

IEDA, A GRANDE ACUSADORA

E como não havia dúvida, o trabalho policial começou pelo levantamento do cadastro de todos os homossexuais conhecidos no «bas-fond» belo-horizontino. Dezenas dêles (alguns de famílias importantes e conceituadas) foram detidos, interrogados, postos sob suspeição e seguidos durante dias, meses. Um dêles era o poeta Décio Escobar.

Escobar não era de Belo Horizonte; lá chegara, anos antes, vindo do Rio Grande do Sul, por recomendação médica: estava sofrendo dos pulmões. Em Belo Horizonte, Escobar ligou-se imediatamente às rodas intelectuais da capital e, apesar do seu precário estado de saúde, passou a ser um dos elementos mais destacados da roda que, mais tarde, seria citada no processo como «a malta dos 400 pederastas». Escobar era amigo quase íntimo do engenheiro Delgado: por inúmeras vêzes os dois foram vistos juntos.

Mas o detetive Alfredo Zuquim, encarregado de deslindar o caso, só começou a suspeitar de Décio Escobar quando soube dêle, que já não se encontrava em Minas (voltara ao Rio Grande, fôra depois para o Rio e, em seguida, nomeado pelo Itamarati para servir como Adido Cultural de nossa embaixada na Bolívia), ter em várias ocasiões confessado a autoria do crime. Prêso, trazido de volta a Belo Horizonte, Escobar nega: suas «confissões» não passavam de uma atitude literária para impressionar o «auditorium» de «artistas» e literatos que mantém sempre em tôrno de si. Mas eis que acontece o inesperado: a própria mulher de Escobar, Lúcia Ieda Ribas Escobar, que procura o desquite, atordoa a opinião pública com uma série sem conta de revelações as mais comprometedoras. Também a ela, diz, Escobar por diversas vêzes confessou ter sido o assassino de Delgado; sim, êle, Escobar, era um pervertido sexual, coisa do que Lúcia Ieda veio a saber poucos meses após o casamento. Avolumam-se, portanto, sôbre a cabeça de Escobar indícios que são quase provas. Êle reage, porém, afirmando sempre: «Não matei ninguém».

Mas uma outra acusação, ainda mais poderosa, surgia: a doméstica Maria do Nascimento Silva, que servia à família Escobar, informara que na noite do crime Décio Escobar chegara à noite em casa trazendo a camisa ensanguentada; e que pedira a ela, Maria, lavasse a peça às escondidas, para que a progenitora do poeta do fato não tivesse conhecimento. Parecia que o cêrco ia fechar-se em tôrno de Décio Escobar. E os outros suspeitos foram libertados, inclusive o bailarino Paulo Gomes de Matos, igualmente sob a alça de mira da polícia.

AS ARMAS DA DEFESA

No dia do julgamento, uma poderosa defesa está a serviço de Décio Escobar: três advogados chegam de Pôrto Alegre; e o «forum» de Belo Horizonte fornece, para a acusação, talvez o seu qualificado representante: Pedro Aleixo. Todos êles travam uma luta que demora dois dias. E acabam por convencer os jurados da inocência de Escobar. Em que se baseara a defesa para a conquista da retumbante vitória? Em mostrar a impossibilidade, no tempo e no espaço, de Décio Escobar ter praticado crime. Eis os seus argumentos:

Quando encontrado, no Parque Municipal, o corpo do engenheiro Delgado apresentava a marca de 28 golpes produzidos por instrumento pérfuro-cortante. Ora — a única arma encontrada em poder de Escobar era um velho canivete de ponta obtusa. A hora em que se deu o crime também facilitou a defesa de Escobar. O poeta recolhia-se à casa sempre antes das 23 horas (entre 22,30 e 23 horas, porque assim lhe recomendaram os médicos), e quando se demorava mais tempo na rua, sua mãe mandava buscá-lo por alguém. Uma testemunha, o sr. Ivo Hilário dos Santos, que morava num barracão ligado à casa de Escobar, depôs afirmando ser verdade o fato de Décio recolher-se sempre entre 22 e





Às vêzes nervoso, às vêzes despreocupado e risonho, assim manteve-se Escobar durante o julgamento. Na foto, num dos seus momentos de euforia, comenta com um dos guardas o painel de Di Cavalcânti. (À dir.): Ponto conclusivo da defesa: quando Delgado foi morto, Escobar já se encontrava em casa, dormindo. «Eu confessei para fazer literatura», declarou perante o juiz o indigitado autor do «Crime do Parque».

Lágrimas, literatura e absolvição...



O juiz Furtado de Mendonça dá a conhecer a sua sentença: Escobar é absolvido. Dois votos contra, cinco a favor.



Auxiliar da acusação, Pedro Aleixo arrebatou, por vêzes, a assistência. E chegou a arrancar lágrimas dos presentes.



Absolvido, Escobar é abraçado pela sua mãe. As lágrimas são, agora, da mais incontida felicidade. Mais tarde, falando ao povo, o poeta de «Rua Sul» recitaria um poema de Carlos Drummond de Andrade.



Conhecido o «veredictum», Décio Escobar é car- regado

22,30 horas. Outra evidência favorável ao poeta: o banheiro de sua casa era embutido, o que não permitia que nenhuma peça de roupa fôsse escondida por debaixo dêle. Uma outra testemunha (a quinta ouvida no julgamento), foi o porteiro da Cultura Inglêsa, sr. Nativo das Chagas, que reafirmou o que já dissera na polícia: «Vi Delgado ainda vivo entre meia-noite do dia 5 e 1 hora do dia 6 de dezembro de 1946. Delgado passou por mim, cumprimentou-me e seguiu direção do Bairro da Serra».

«E AGORA, JOSÉ?»

Trinta e duas horas — foi quanto demorou o julgamento. As 7,40 da manhã do domingo, 26 de abril, os jurados encaminharam-se para a sala secreta, dali saindo 20 minutos após. Por cinco votos a favor e apenas dois contra, Escobar fôra absolvido. A mãe, em lágrimas, cai-lhe nos braços. Décio está mais pálido, um suor frio poreja sua fronte. Lá fora, o povo exige a sua presença. E ei-lo, minutos após (tais as inesperadas reações do povo), carregado em triunfo, como um herói ou um mártir. Na praça mais próxima exigem-lhe algumas palavras. Faz-se um silêncio de cemitério. Mas, ao invés de um discurso de júbilo, que é o que se espera, Décio Escobar, poeta lírico e imaginoso, endurece a voz e recita, pausadamente, êste poema de Carlos Drummond de Andrade:

«E agora, José?
A festa acabou,
A luz apagou,
O povo sumiu,
A noite esfriou
E agora, José?

Na entr...
corpo d...



regado pela multidão que grita o seu nome. Um pequeno comício foi improvisado na praça vizinha. «E agora, José?» — recitou Escobar.





Na entrada da sala de julgamento, Escobar e Ieda defrontaram-se por alguns segundos. Êle encarou-a fixo; ela desviou o olhar. (À direita): O corpo de jurados, assim constituído: Nei Otaviano Bernis, Rubens Cardoso, Sandoval Soares de Azevedo Filho, Alyson Faria, Lauro Furtado da Silva, Washington Guerrieri e Maurício Vanderley.

OURO PRÊTO:

Sinal aberto para Etelvino

A antiga Vila Rica do Albuquerque — Ouro Prêto — viveu, depois da conjura mineira, o seu maior dia político a 21 de abril. O Alferes Xavier, do alto do monumento que lhe pertence, na praça principal da cidade, assistiu a um dos maiores desfiles políticos de todos os tempos. A homenagem ao Proto-Mártir da nossa independência política levou a Ouro Prêto nada menos que sete governadores de Estado, além do Presidente da República (que se fazia acompanhar do séquito habitual).

Tiradentes cultuado à sombra de entendimentos políticos — Ausência de Valadares (Benedito), Amaral e Etelvino — Pedro Aleixo responde (na bucha) ao discurso de Vargas — Interêsse geral pelo caso paulista — Garcez e Getúlio acertam os relógios — Sete governadores presentes.

Reportagem de HÉLIO ABREU

ANTES, PORÉM...

A interdição do aeroporto da Pampulha, então inundado pelas águas da reprêsa do mesmo nome, obrigou a descida dos aviões em Lagoa Santa, localidade distante 40 quilômetros da capital mineira. De Lagoa Santa rumaram os que foram convidados (e os que não foram, mas que compareceram) para Ouro Prêto. Os cento e poucos quilômetros que separam Belo Horizonte da cidade de Tiradentes foram vencidos em pouco mais de uma hora, graças à nova rodovia Inconfidentes, recentemente inaugurada pelo governador Juscelino Kubitschek (o que prova que o Binômio está funcionando). Em Ouro Prêto, no hotel do Estado, foi então servido (e celebrado) um almôço cujo menu anotamos: Sopa de fubá com couve, frango ao môlho pardo (Danton Coelho repetiu 3 vêzes) e lombinho de porco à moda de Minas, etc. Entre os gastrônomos presentes destacamos o dito Danton, o governador Lucas Nogueira Garcez, de São Paulo, o sr. Régis Pacheco, da Bahia e o próprio anfitrião Juscelino Kubitschek (sopa 2 vêzes e lombinho 4). Findo o ágape, por intermédio de bem fardado oficial da Fôrça Pública do Estado, foram os presentes avisados de que sòmente o Presidente da República (71 anos) utilizaria o automóvel para chegar à praça Tiradentes, local onde se realizariam as solenidades e que os demais convidados (inclusive Tancredo Neves) rumariam a moto-pé. Todo o mundo oficial caiu no lôgro e foi à praça... enquanto que S. Excias., Presidente e governadores, se dirigiam para o segundo andar do hotel «com o propósito de escovar a roupa». E assim, por alguns momentos, viram os que compareceram a Ouro Prêto, o maravilhoso hotel de turismo da cidade transformado em tinturaria... Pois sim. Dizem (e foi o que se apurou) que nesta meia hora não se falou de política, mas o certo é que estiveram reunidos, por mais de trinta minutos (bastam apenas três para uma operação de apendicite) os srs. Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, Lucas Garcez, Fernando Costa (Mato Grosso), Régis Pacheco (Bahia), Munhoz da Rocha (Paraná) e o governador de Santa Catarina. O sr. Ernesto Dorneles, do Rio Grande do Sul, sòmente chegaria no dia seguinte.

OS DISCURSOS

A velha e legendária Vila Rica assistiu à fala de Juscelino com entusiasmo, e recebeu de maneira reservada a arenga do chege da nação. Falou-se muito em liberdade e nos muitos decretos que beneficiaram Ouro Prêto. O sr. Euvaldo Lodi, que é um ouropretano de quatro costados, estufava o peito cada vez que surgia uma referência ao heroísmo dos inconfidentes. Parecia mesmo que, da sacada do casarão fronteiro, Marília de Dirceu acenava para êle um lencinho rendado... Juscelino (que é bom orador) falou bem num discurso comprido e Vargas (que já foi bom mas que está fraco) falou regularmente numa pequena oração. Depois veio a queima dos fogos de artifício e, enquanto possantes holofotes do Exército iluminavam o monumento a Joaquim José da Silva Xavier, as solenidades terminaram. O espetáculo pirotécnico foi maravilhoso e de parabéns está o jovem Pedro Pereira Filho, chefe do Cerimonial do Palácio da Liberdade e um dos responsáveis pelo acontecimento. Depois, numa chuvinha miúda que caía com insistência, rumaram os convidados para Belo Horizonte.

APOLÔNIO REZA E GETÚLIO CONVIDA

Estava findo o programa do dia 21, foi o que anunciaram. Agora, sòmente no dia seguinte é que se cuidaria da Conferência dos Governadores da bacia do Paraná. O repórter, aproveitando então a noite livre, dirigiu-se para o hotel onde estavam hospedados os «bigs» e foi ao apartamento do Vice-Presidente da República, sr. Café Filho, à cata de notícias. Lá, encontrou o senador Apolônio Sales de pijama e rosário nas mãos, descalço e eufórico por estar hospedado em companhia do Vice. Café Filho, o deputado vibrante e indiscreto é agora a segunda



GETÚLIO fala (baixinho) ao ouvido de Garcez que, atento, escuta o Presidente. S. Paulo foi um dos assuntos em Ouro Prêto e B. Horizonte.



MUNHOZ DA ROCHA, LUCAS GARCEZ e GETÚLIO conversam. Paraná? São Paulo? Quem sabe o mal que se esconde nos corações humanos!



GARCEZ e **GETÚLIO** (sorridentes) acertaram os relógios em Ouro Prêto e planejaram (longamente) em Belo Horizonte. Nada transpirou sôbre o que fizeram ou disseram mas... o certo é que o Presidente tratou Garcez muito bem. Pêsames a Frota Moreira.



APOLÔNIO SALES (o homem mais feio do planêta) em companhia do governador catarinense (outro feioso) com um sorriso, ouve Getúlio falar.



DORNELLES (parente de Vargas) e o ministro Tancredo Neves estiveram em Ouro Prêto. Pensativo, de dedo à bôca, o governador medita...



NO MEIO DA FESTA, a palestra. Em Ouro Prêto, por ocasião do almôço, Getúlio e Juscelino Kubitschek ouvem líderes sindicais de Minas Gerais.

pessoa do govêrno e anda falando pouco, com mêdo da língua e, talvez, do esquema Etelvino... S. Excia. conversou muito com o repórter, porém nada disse. Ficou tudo no parece que é, mas não é; ou no é mas parece que não é. A coisa estava neste pé (Apolônio já recolhido, com rosário e tudo) quando o telefone tilintou. O Vice pede licença e atende. «Sim, sim. Estarei presente. Obrigado». (Eram 22 horas e trinta minutos.) E voltando-se para o repórter disse: «Acabo de receber um convite para jantar com o Presidente, agora, no Palácio das Mangabeiras». Não esperamos mais. Procuramos Garçez em seus aposentos e nada: tinha saído. Buscamos os outros governadores, tendo o mesmo resultado. Todos tinham ido «jantar» com o Presidente no Palácio das Mangabeiras, residência oficial do governador de Minas Gerais.

NO MEIO DO CAMINHO, A PORTEIRA

Tôda a reportagem então em Belo Horizonte, se deslocou para as Mangabeiras. Situado na serra, mais parece o Palácio uma cidadela que outra coisa, e, a 500 metros do edifício, existe uma porteira, e atrás da qual homens com ordem de não deixar passar.

MINAS, S. PAULO E ETELVINO

Ao término do «jantar» (1,25 da madrugada), foram os governadores assediados pela reportagem. Tudo em vão. Mais pareciam rocha que governadores. O senador Apolônio (agora sem rosário), segredava, no saguão do hotel, coisas ao ouvido esquerdo do Vice-Café Filho. Todos estavam extenuados e se recolhiam, menos a reportagem que, «apertando» um ex-ministro do sr. Getúlio Vargas, apurou que a sorte do esquema Etelvino não foi selada, e que o Presidente censurou, perante o sr. Lucas Garcez, o procedimento da ala Frota Moreira, do PTB paulista, inclusive dizendo não endossar os conceitos emitidos pelo prócer rebelado, em entrevista à imprensa. Também Minas Gerais (é ainda nosso informante quem diz), figurou na palestra da noite. O Presidente e os demais governadores aplaudiram o Governador de Minas Gerais pelo acelerado ritmo de progresso que a sua administração vem imprimindo ao Estado. Da sucessão presidencial, se tratou em linhas gerais, o que reduziu em muito a importância da reunião.



MUNHOZ — Compareceu a Ouro Prêto tendo no bôlso a candidatura Café Filho. Apesar de brilhante, não conseguiu convencer.



FERNANDO — Mato Grosso assinou o ponto em Ouro Prêto. Fernando Costa (médico e «udenista deslocado») fêz um bom discurso.



PEDROSA — O governador do Rio Grande do Norte (reservado e bem trajado) escutou em silêncio os cochichos políticos.



A presença do ANJO NEGRO (Gregório) se fêz notar em tôda parte. O «tenente» (cuidando de Getúlio Vargas) não teve tempo de almoçar.

PEDRO ALEIXO RESPONDE A VARGAS

Duas horas depois de ter o sr. Getúlio Vargas pronunciado o seu discurso, em Ouro Prêto, o líder udenista mineiro, sr. Pedro Aleixo, falando numa festa de estudantes, repeliu a oração do Chefe do Govêrno, «que ia a Minas falar de liberdade, esquecendo-se de que foi o criador do Estado Novo». Cópias do discurso do sr. Pedro Aleixo (cunhado de Juscelino) foram distribuídas a granel.

OS QUE COMPARECERAM

Estiveram em Ouro Prêto e Belo Horizonte os ex-ministros Negrão de Lima, Sousa Lima e Danton Coelho; os deputados Euvaldo Lodi, Tarcílio Vieira, de Melo, Berbert de Castro, Edson Passos, Israel Pinheiro, Lúcio Bitencourt, Clemente Medrado, etc.

OS AUSENTES

Causou a maior estranheza a ausência dos senhores Benedito Valadares (que se encontra na mais perfeita saúde) e Amaral Peixoto. A UDN de Minas não compareceu a Ouro Prêto, preferindo cultuar Tiradentes na Assembléia Legislativa do Estado e na reunião onde o sr. Pedro Aleixo respondeu ao discurso do Presidente da República.

OUTRA VEZ O ESQUEMA

A reportagem apurou que, com relação ao «esquema Etelvino», o campo está aberto, e que se muitos governadores não o apoiam ostensivamente, é porque temem as conseqüências de uma candidatura pessedista neste momento, uma vez que na quase totalidade dos Estados impera o sistema de govêrno inter-partidário. Seja como fôr, a impressão reinante é que o sr. Etelvino Lins agiu acertadamente não comparecendo a Ouro Prêto. Assim, Tiradentes, um dos maiores vultos de nossa história política, recebeu em Ouro Prêto o preito de gratidão e a homenagem do Brasil, e as coisas políticas foram mexidas e remexidas sem que nada de novo surgisse no «front» nacional. São Paulo, pela sua importância política e econômica, continua sendo a Coréia brasileira... enquanto que, de longe, Etelvino sonha com a vitória de seu esquema e Apolônio reza, talvez pedindo a Deus que faça Café Filho sentar, em breve, no trono da rua do Catete.



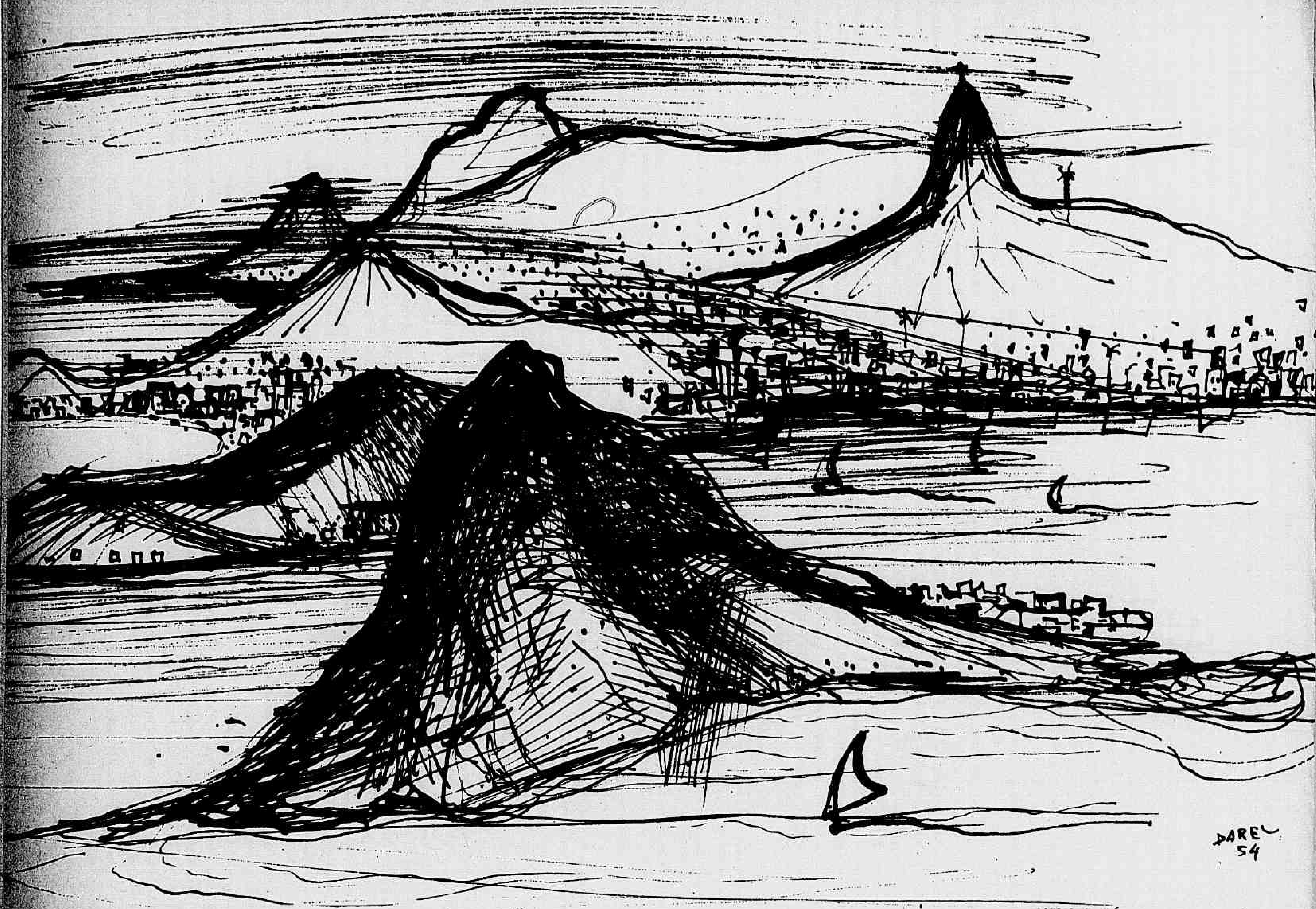
IRINEU (udenista deslocado) — O governador de Santa Catarina agradou (de mais) e adulou (em excesso) o presidente Vargas.



RÉGIS (trazendo na testa o esquema Etelvino) — Sorridente e bonachão, Régis Pacheco levou a voz da Bahia a Ouro Prêto.



JUSCELINO — Feliz como orador e anfitrião. Deu papas de milho, lombinho de porco e frango ao môlho pardo aos convidados.



RIO, CIDADE SÊCA

PORQUE NOS FALTA ÁGUA ★ HIDROGEOLOGIA REGIONAL ★ A ÁGUA QUE NOS SERVE ★ DADOS DO PLANO AGACHE ★ PLANOS E MAIS PLANOS ★ PERSPECTIVAS DO FUTURO ★ LATA DÁGUA NA CABEÇA ★ FIM.

Por LÚCIO CARDOSO (Desenhos de DAREL)

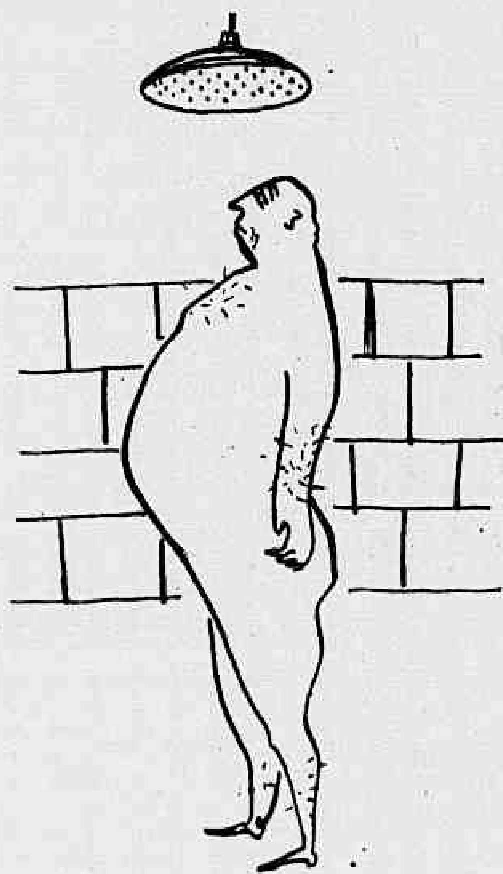
LÚCIO CARDOSO, REPÓRTER

● Uma novidade para os nossos leitores: LÚCIO CARDOSO, o consagrado romancista de «Maleita», «Luz no sub-solo» e outras obras que o consagraram como um dos mais vigorosos ficcionistas da moderna literatura brasileira, estréia hoje como repórter. Amargurado, como todos os cariocas, pelas penosas restrições de uma cidade, como o Rio, que não passa de um simulacro de metrópole, o conhecido romancista resolveu transformar em reportagens as suas aflições de habitante desta capital — e o fêz, como o leitor verá, com precisão, objetividade e amplo conhecimento dos problemas que abordará. Hoje êle trata do mais terrível de todos: a falta dágua.

NÃO há nenhuma dúvida, e quem a tiver que more nesta morna cidade de São Sebastião, que entre os muitos males que nos afligem, falta de transporte, de carne, de leite, de pão, de energia elétrica, de tudo enfim, nenhum é tão grande quanto o da falta dágua. Diàriamente, ao se levantar, o carioca comprova a desoladora realidade — mais ainda, assiste ao inquietante espetáculo das filas, dos habitantes do morro descendo em busca do líquido precioso, das torneiras abertas sem uma única gôta que sirva de consôlo. Estranho espetáculo dessa

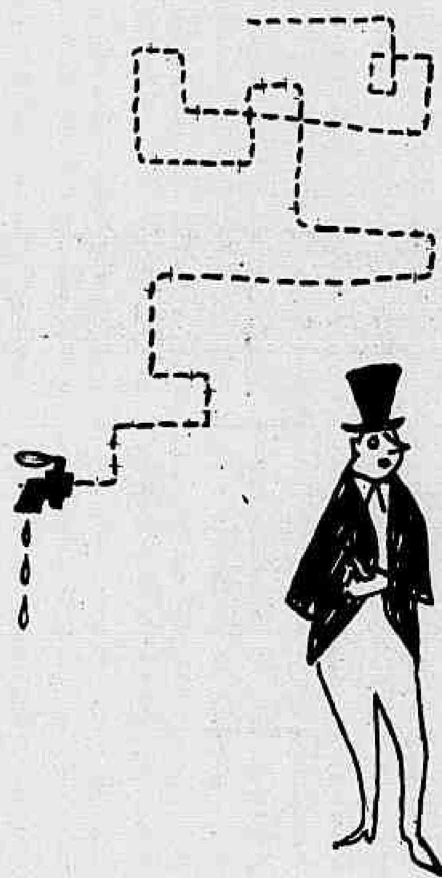
cidade, com edifícios que crescem silenciosamente à sombra dos bairros importantes, com um pôrto abarrotado, teatros cheios, uma vida noturna que progride avassaladoramente, e sem água para suas necessidades, como um núcleo primitivo da África ou qualquer aldeia perdida nos confins da Ásia. Não há muito dizia Jayme Adour da Câmara que o Rio agonizava — e na verdade, não será difícil imaginar êsse apocalíptico espetáculo de uma cidade imensa, parada estática no ar, com suas raízes sêcas, porque se estancaram as fontes das montanhas próximas. Exauridos, êsses morros que tanto inebriaram outrora o embaixador Paul Claudel, apenas guardam a silhueta de uma cidade morta, onde ainda teimam em deblaterar os últimos demagogos e os últimos oportunistas... Já se tem sugerido vários remédios para o enorme mal — e é claro, neste país de salvadores já têm surgido alguns profetas que buscam e rebuscam as possibilidades — alguns escavando aflitamente o solo, como o sr. Yedo Fiúza, que prometeu, prometeu e não cumpriu... — e regressam depois ao anonimato, berço final de todos os salvadores e de quase todos os profetas. Seria curioso estudar as origens do fenômeno, e foi o que tentamos, consultando velhos alfarrábios e roteiros clássicos dessa cidade, postos à nossa disposição pela mão hábil e experimentada do professor Maciel Pinheiro.

PORQUE NOS FALTA ÁGUA



O Rio de Janeiro, ao contrário do que sucede com tôda cidade importante do mundo, não foi construída à margem de nenhum rio. Não temos o Tamisa, nem o Hudson, nem o Beberibe, nem o Tieté. Nenhum dos fabulosos sistemas de fornecimento dágua levantados à sombra dêsses rios, e que servem a cidades tão importantes ou maiores ainda do que a nossa, foi estabelecido aqui. Escutemos um pouco a voz do professor Agache, que o govêrno Washington Luís trouxe até nós, a fim de resolver êsses e outros problemas urbanísticos. Diz êle: «Embora a freqüência e a intensidade das quedas meteóricas, sobretudo nas partes de altitude elevada, dêem origem a numerosas nascentes, essas fornecem pequenas e inconstantes quantidades dágua. A sua reserva de abastecimento é pequena e se exaure ràpidamente desde o começo do período sêco». Aí está, falou quem nos viu lá pelos anos de 30, imagine se pudesse constatar agora o martírio que nos assola...

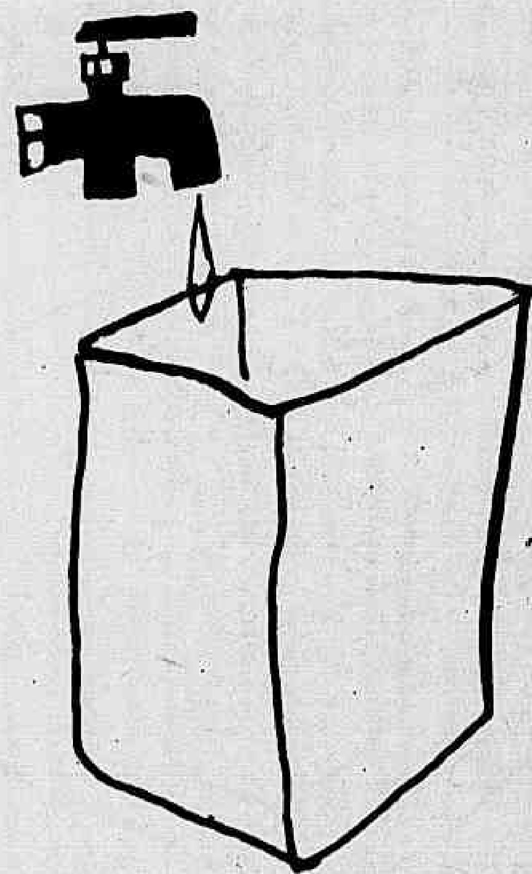
HIDROGEOLOGIA REGIONAL



Passemos agora a êste complicado problema de hidrogeologia, se quisermos conhecer as causas reais da nossa permanente falta dágua. O Rio de Janeiro está abastecido por nascentes e rios captados ou derivados do massiço Carioca — Andaraí — Tijuca, massiço êste contíguo à cidade pròpriamente dita, e por diversas outras vindas das formações rochosas situada a N-E da cidade, no Estado do Rio, em distâncias que variam entre 45 e 60 quilômetros. São as primeiras as mais antigas que se conhecem, datando seu aproveitamento da época colonial. As mais recuadas são captadas em pleno leito dos rios, daí levadas para seservatórios de distribuição e finalmente encaminhadas ao Distrito Federal. As que provém de massiços afastados são fornecidas por pequenos rios captados, denominados São Pedro, do Ouro, Tinguá, Xerém e Mantiqueira. Note-se: o período de estiagem começa no mês de setembro e o da máxima quantidade das águas começa em janeiro. Isto, segundo o sr. Eurico de Oliveira, que é autoridade no assunto.

A ÁGUA QUE NOS SERVE

Explique-se desde já que há grande número de reservatórios espalhados pelo Rio de Janeiro. Mas os mais importantes, porém, são os de Pedregulho, Macacos, Monteiro de Barros, Caixa da Tijuca, Francisco de Sá, Santa Teresa e da Viúva. Tôda essa água, no entanto, não bastava naquela época para fornecer ao Distrito Federal,



quanto mais agora. Para Paquetá, por exemplo, construiu-se um canal submarino, derivado do rio Suruhy. Também Governador é abastecida por canal submarino, assim como as ilhas de Boqueirão e Rijo. Conta-se que o sistema de Paquetá é o mais perfeito, servida por uma experiência que não foi levada avante, mas cujá promessa ficou nessa única e admirável efetivação. Releve-se aqui o curioso sistema de abastecimento ideado pelo conde de Boadella o prefeito Passos do rei don João VI, que imaginou abastecer o morro de Santa Teresa com um sistema especial de aqueduto. Assim tivemos o levantamento dessa pitoresca obra que são os Arcos, hoje inspiradora de tantos artistas modernos. Citaremos entre êstes, a título de curiosidade, os de Aníbal Machado no romance, que ideou um capítulo do seu «João Ternura» passado ali, Burle-Marx na pintura, que sonha para os Arcos um cenário de «ballet», e Cavalcânti no cinema, que imagina fotografá-lo de algum ângulo especial. Nenhum dêles, pròvàvelmente, lembrar-se-á que os famosos Arcos são apenas um sistema de conduto de água para o velho morro que hoje é um bairro aristocrático.

DADOS DO PLANO AGACHE

Sem dúvida, entre o plano Agache e a realidade vai uma distância imensa. Folheando hoje aquelas páginas, sentimos palpitar uma época do Brasil, promissora sem dúvida, mas sem nenhum contato com a atualidade. No capítulo que se refere à água, de há muito seus cálculos foram ultrapassados, e as necessidades do carioca tornaram-se de tal vulto, que construções imediatas tiveram de ser tentadas. O pro-

Rio, cidade sêca



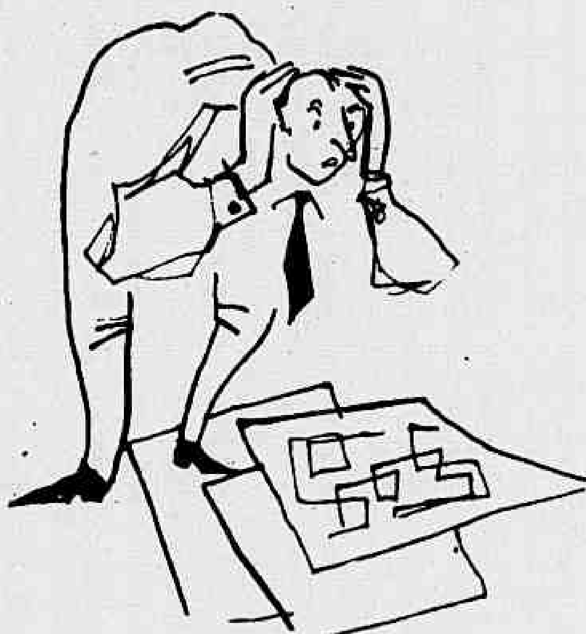
blema hoje está colocado em outros têrmos, se bem que permaneça o mesmo em sua essência. Por exemplo, Agache calcula que em 1960 o Rio terá uma população de 3.300.000 habitantes. Já temos isto em 1950. O cálculo dêle, na base de 250 litros diários para cada habitante, é de 825.000 m² por dia. Dá pena, imaginar que segundo êsses fabulosos cálculos, cada um de nós disporia de 250 litros dágua por dia. Por dia, meu Deus! A verdade é que minguamos mesmo com duas ou três gôtas, e o plano Agache, com suas adutoras e seus extraordinários serviços de abastecimento, está relegado a um esquecimento, não diremos justo, mas pelo menos ligeiramente meritório.

PLANOS E MAIS PLANOS



Numa dessas crises prolongadas, Paulo de Frontin, com a energia que o caracterizava, resolveu momentâneamente o problema, produzindo água para o Rio de Janeiro. Golpe de magia, sem dúvida, e que mais tarde iria ser imitado por muito profeta falso, que imagina fazer escoar nas pobres torneiras familiares do Rio, o líquido que teima em se esconder bem distante daqui. Desde Yedo Fiúza, o mais recente, que escavou metade do Rio de Janeiro, procurando ocultas nascentes de que ninguém sabia a origem, até o engenheiro Janot Pacheco que abandonou o chão para escavar as nuvens, os processos têm sido vários e os mais singulares possíveis. Inútil tudo: o Rio continua sem água. E por um motivo muito simples, que é fácil constatar: não há de onde tirá-la. Tudo o que podia ser aproveitado nas vizinhanças, já foi sugado para a cidade — e os habitantes aumentam, os bairros crescem, as necessidades se fazem cada dia mais inadiáveis. Portanto, apesar dos planos, o problema fica de pé. Esperemos que algum dêles invente, não o processo, que é impossível, mas algum rio verdadeiro, que surgindo inesperadamente na Tijuca, desague triunfal e solene por alguma avenida já de antemão condenada pela Prefeitura.

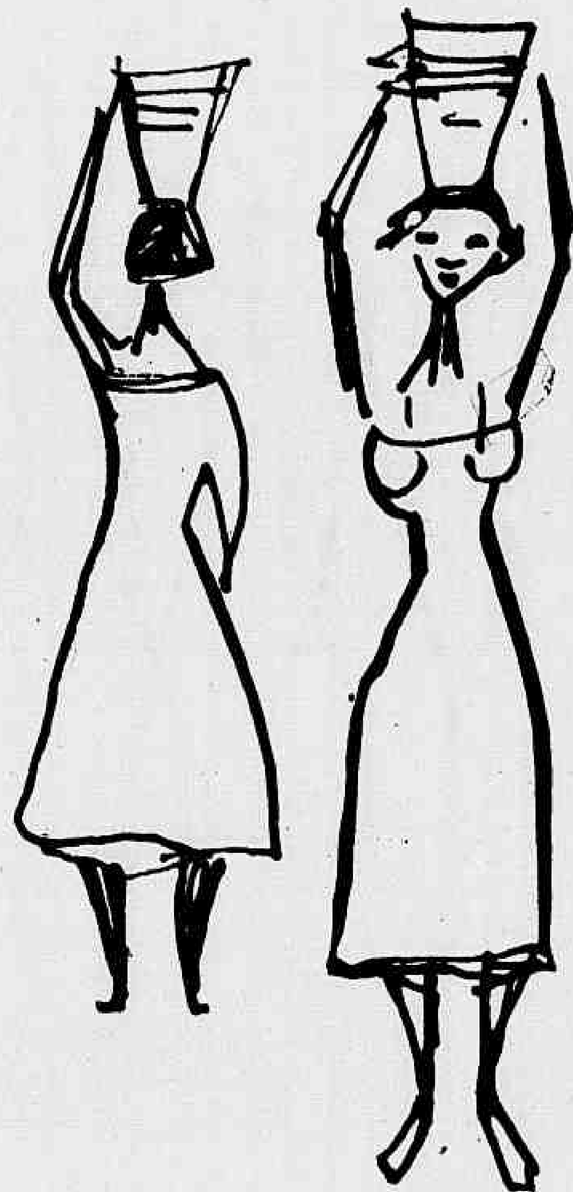
PERSPECTIVAS DO FUTURO



Mais uma vez deixemos a palavra a Mestre Agache: «Os recenseamentos feitos desde cêrca de cinqüenta anos permitem determinar a lei de aumento da população urbana e suburbana. Êste estudo de demografia dinâmica faz sobressair como em 1960 o Rio de Janeiro terá uma população de cêrca de 3.300.000 habitantes, o que representará um volume dágua mínimo, diàriamente distribuído de 825.000 m². Onde encontrar permanentemente tal massa dágua? E como reparti-la por tôda a aglomeração de modo a garantir o consumo a qualquer hora do dia, principalmente na ocasião de maior gasto? Eis duas importantes questões do grave problema atual que pede uma solução premente. Poder-se-ia objetar que as necessidades atuais estão longe de exigir uma tal abundância e que antes de nos preocupar de uma época tão longínqua, seria preciso cuidar da situação presente e limitar as previsões numa duração mais curta. Seria um êrro, e a experiência nos demonstra que um tal raciocínio foi sempre prejudicial. Nesta questão é preciso ter vistas grandiosas e de grande alcance para não colocar a aglomeração numa situação crítica em intervalos aproximados, o que é a pior das soluções e a mais custosa».

Aproximamo-nos vertiginosamente de 1960 e, infelizmente, só vemos confirmadas as previsões do mestre francês.

LATA DÁGUA NA CABEÇA



Enquanto isto, qual é a solução do problema para o carioca aflito? Lata dágua na cabeça, como muito bem o disse o samba carnavalesco. Que o pobre morador do morro, espremido entre ruas intransitáveis, carregue a sua lata, enquanto do apartamento o morador paciente espia para as nuvens, a espera de uma solução impossível. Tem sido assim e forçoso será confessar que ainda o será por muito tempo. Pelo menos, até quando Deus quiser. Enquanto isto o Rio de Janeiro se candidata à cidade morta e os que podem, exaustos, arribam para São Paulo, por exemplo, onde a água não falta e as perspectivas são menos pessimistas.

FIM

Fechamos os alfarrábios e os livros de estatísticas. Rio, cidade sêca, não tem solução. Os aproveitadores, os inspirados e os iluminados podem surgir de vez em quando — mas serão derrotados pela realidade impiedosa e regressarão ao nada, porque, segundo Agache, e a experiência comprova, desde o início nossa capital foi aquilo a que precisamente se chama: uma cidade errada.

DECADÊNCIA DA CANÇÃO

● Podem dizer que ficar em casa é uma coisa muito de mulher, mas ninguém dirá que sabe de alguma atitude melhor que a de não sair pra rua. E eu fico e quanto mais fico mais gosto. O que ainda há de bom, no asfalto ou na calçada, a gente vê pela janela. E o que não presta a gente evita, ficando em casa. E eu sou uma que fico e faço de um rádio de boa marca o meu grande companheiro. Durante o dia, entrego-me aos programas musicais em discos e, de tal maneira, que sou capaz de garantir que ninguém é, hoje, tão em dia com os lançamentos quanto eu. E, infelizmente, a maioria das músicas é ruim. Muito ruim. Sambas feitos à base de uma melancolia sem beleza, alguns plagiadíssimos, outros com letras que a gente não pode guardar (de tão aguadas e vazias) ou se obriga a guardar para sempre de tão aberrativos que são. Nota-se, na indústria do disco, a fraqueza das direções artísticas. São flagrantes os descasos e as concessões, resultando em música ruim, em letras de mau-gôsto, etc. O prejuízo das fábricas é grande, mas o do público será maior, com o passar do tempo. A música brasileira feita por autores incapazes, em vez de beleza, terá grosseria. E os exemplos estão aí para quem os quiser tomar. Basta que se tome um dia para ouvir rádio, basta que se fique em casa (com o que casa tem de mais de tranqüilo) e, no rádio de cabeceira, se entre no exame dessas canções que são gravadas «à la diable», sem o julgamento de um homem que, além de bom-gôsto, tenha autoridade. Pensem nisso os diretores das gravadoras e, concordando comigo — nem que seja em parte — já estarão fazendo alguma coisa de digno dentro dos cargos que ocupam — Maria Helena de Aguiar.

10 INIMIZADES DO RÁDIO


«Barcelos foi grosseiríssimo comigo.»

Não se dão, por vários motivos: Sílvio Caldas e Zezé Fonseca — Almirante e Paulo de Grammont — César Ladeira e Manoel Barcelos — Antônio Maria e Fernando Lôbo — Vítor Costa e José Mauro — Reinaldo Dias Leme e Silvana — Dorival Caymmi e Gilberto Martins — Ribeiro Martins e Nestor de Holanda — Ovídio Grottera e Paulo Gracindo — Maestro Carioca e Péricles do Amaral.


«Não sei por que Zezé não fala comigo.»

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

A Cultura parou de vez com a sua programação da madrugada. Uma pena. — Cantando bem Norma Ardanuí (Nacional). — Isaurinha Garcia gravou o seu melhor disco dêsses últimos dois anos: «Pense em mim», breve lançamento da RCA-Victor. — Hebe Camargo, atualmente, é a maior atração feminina dos auditórios paulistas. Sua entrada em cena provoca verdadeiros desmaios na platéia. — A Difusora, agora, entre seus programas especializados em esportes, só irradia música brasileira. Talvez seja uma boa providência no sentido de conquistar pela Excélsior, às sextas-feiras, um programa de ouvintes. — O escritor João Batista Ramos apresenta consultas sôbre direitos do trabalhador. Boa conversa e excelente apresentação radiofônica. — Na Tupi, em grande estilo, o produtor Túlio de Lemos. — E, na Nacional, os magníficos arranjos de Guerra Peixe.

TENÓRIO NA T. V.

O parlamentar caxiense compareceu à TV, na noite do último domingo, respondendo às perguntas dos telespectadores, através do comentarista Arnaldo Nogueira. Começou assim a sua fala: «Devemos abrir, no coração de todos, orifícios profundos»... Naturalmente, tratava-se de uma imagem literária, mas, a nosso ver, só se pode abrir orifícios (profundos ou não) no coração dos outros com tiro de revólver ou ponta de faca. Qualquer pessoa poderia começar, assim, sua entrevista: menos o deputado caxiense. No decorrer do programa (Falando Francamente), mostrou-se muito empenhado em falar difícil, repetindo, com certa constância, as palavras: «inzemplo» e «trepudiar» (com o «E» bem aberto). Foi uma entrevista engraçada (para quem enxerga) e perigosa (para quem ainda se ilude).

POR QUE NÃO ESCREVE PARA O RÁDIO?

A cronista Elsie Lessa, cada vez escrevendo melhor, inteligente e queimada de praia, responde:

«Nunca me convidaram. Em matéria de escrever, sendo obrigação, eu acho que escrevo qualquer coisa. É só encomendar. Se me pedem crônica, escrevo crônica; reportagem, escrevo reportagem. Se tiver obrigação de escrever romance histórico, peça de teatro ou novela de rádio, sou capaz de escrever. É só ter um secretário de redação reclamando pelo telefone, uma máquina de escrever na frente, a tarefa acaba saindo. Ruim, mas sai. Só não faço versos».

ESTA LETRA É RUIM

PUBLICAMOS, hoje, outro exemplar de monstruosidade da canção popular brasileira. Aí, não sòmente os versos são ruins, como as ausências de poesia e beleza são notadas do primeiro ao último verso. Chama-se ESBARRO (já o nome é o auge do mau-gôsto) e seu autor é o mesmo de «Vida de Bailarina», nome poupado ao confronto com sua obra, desde a semana passada. Leiam, com atenção, pelo amor de Deus:

"Desculpando-se do esbarro
Ela pediu-me um cigarro
Em gestos muito banais...

(Como é que é gesto banal de pedir cigarro)?

E fazendo-lhe a vontade
Eu vi na leviandade
As suas credenciais

(depois disso, esta rima encantadora):

Mostrando não ser idônea
Falou-me sem cerimônia
E o braço me ofereceu...

(Aí entra a rima mais sensacional do meu Brasil):

Mas, confesso, enquanto escuto-a
Uma simpatia mútua
Entre nós dois floresceu.

II

De manhã, ao despedir-me
Julguei tê-la pôsto firme
No bom caminho do bem.
Jurando, ela me dizia
Que nunca mais pediria
Nenhum cigarro a ninguém...

(logo, ia deixar de fumar)

Voltando, à noite, apressado,
Ao novo encontro marcado
Minha alegria morreu...
Pois lá no lugar do esbarro
Ela acendia um cigarro
Que um outro ingênuo lhe deu"...

Hoje, não sublinhamos versos. Acentuar uma sandice seria cometer ingratidão com as outras. Mas, aí está a prova do que dissemos em nossa crônica. A música popular brasileira cresce para baixo, feito rabo de cavalo. Mais culpados que o autor dêstes medonhos versos é o cantor que gravou, é o diretor da fábrica que mandou gravar, é o discotecário que os divulga. Compare-se isto a um verso de Noel, que diz: «o sol da vila é triste»...

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL

OUÇA

MÁRIO ZAN

segundas, às 20,35

★

CARLOS GALHARDO

têrças, às 21,35

★

ANSELMO DUARTE

e

ILKA SOARES

quartas, às 20,35

★

TRIO NAGÔ

quintas, às 21,00

★

CASCATINHA e INHANA

sextas, às 19,05

★

INEZITA BARROSO

sábados, às 20,00

★

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros

ondas curtas 19 — 31 — e 49 metros

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 8 E 14 DE MAIO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Empregue, no máximo, suas atividades, no curso da próxima semana. O leitor terá à frente, um período altamente favorável aos seus interêsses de tôda sorte. O momento será o mais propício às reestruturações de que tiver necessidade, em qualquer setor.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Seu ambiente será muito calmo nos próximos sete dias. Dêsse modo, não alimente a idéia de grandes realizações nem espere conquistar algo de maior interêsse. O índice dos acontecimentos será bem medíocre.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os melhores dias, na semana próxima, para o leitor, serão 9 e 11. Os influxos favoráveis atingirão em cheio, em tais dias, o astro que lhe orienta o destino. Circunstâncias as mais favoráveis lhe facilitarão os negócios, em tais dias, de modo surpreendente.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — A nova semana lhe proporcionará uma intensa alegria. O setor sentimental será pôsto em justo relêvo, o mesmo acontecendo na esfera da profissão e dos negócios. O leitor vai ter uma semana cheia, destacando-se os dias 7, 8, 10 e 13.

★ LEAO (21/1 — 20/2) — O novo período não favorecerá as atividades do leitor. Suas aspirações sentimentais serão frustradas. Não se aventure em tal setor, pois poderá ser envolvido num fato escandaloso. Lilith está a montante, no seu horóscopo.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — As inaugurações, as instalações, o lançamento de negócios, assim como as inovações, são desaconselhados na vigência da próxima semana. O melhor é a continuação do que já estiver sendo feito, do que estiver em andamento. Fique no ordinário.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não haverá solução de continuidade, no seu caso. As astralidades dominantes na semana anterior, continuarão em relêvo sôbre seu destino. Continue recusando as propostas muito vantajosas que lhe fizerem. O ambiente é falso, ainda.

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — O período de favorabilidade passou. Fique na estacada, aguardando nova oportunidade para agir. Aproveite a trégua para traçar melhores e mais viáveis planos de ação, pois não tardará muito, uma fase de fecundos acontecimentos.

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — Seu magnetismo pessoal descerá em potência, nos próximos sete dias, reduzindo-se ao mínimo. Dêsse modo, não confie na sua própria «chance» nem na sua capacidade para convencer. Aconselhe-se como puder e reflita muito no que tiver de empreender.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Não viaje por via-aérea, principalmente nos dias 8, 12 e 13. Há perigo de acidentes fatais em tais dias. Nos demais setores o leitor terá uma ambiência muito favorável, principalmente aos negócios.

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — O leitor conseguirá vencer tôdas as resistências que lhe sejam postas no caminho, no decurso dos próximos sete dias. Sua «chance» nos domínios da especulação será admirável. Seus pedidos serão atendidos e aceitas as propostas que fizer.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Seu ambiente doméstico será anuviado em virtude da ação malévola de parentes, de íntimos ou de vizinhos. Controle-se, evite discussão, pois num caso de conflito, levará a pior. Sua liberdade pessoal estará ameaçada.

OS NOMES DA SEMANA

Maio,	8	—	Miguel	—	Vitória
»	9	—	Vítor	—	Nandira
»	10	—	Antonino	—	Geraldina
»	11	—	Florêncio	—	Almerinda
»	12	—	Basílio	—	Suzana
»	13	—	Fausto	—	Fátima
»	14	—	Bonifácio	—	Cléa

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Maio,	8	—	17º 21' 13''	(Signo do Touro)
»	9	—	18º 19' 14''	(« « »)
»	10	—	19º 17' 13''	(« « »)
»	11	—	20º 15' 11''	(« « »)
»	12	—	21º 13' 7''	(« « »)
»	13	—	22º 11' 1''	(« « »)
»	14	—	23º 8' 52''	(« « »)

A aventura humana

RAYMUNDO SOUSA DANTAS

A idéia de escrever uma série de narrativas, sôbre alguns personagens que a aventura humana me levou a conhecer, e com os mesmos privar, vez em quando me volta ao espírito, como nesta oportunidade. Sem obedecer a qualquer outro plano, a não ser o de apresentar fatos de sua vida, ou episódios que os marcaram para sempre, a preocupação seria destacar algo fundamental, em cada uma dessas existências aparentemente condenadas a permanecerem ligadas à corrente ordinária cotidiana. Criaturas à primeira vista inexpressiva, em que tudo denota a fadiga, e que se mostram desinteressadas em provocar melhores perspectivas para a sua vida, imprimem no ambiente em que exercem as suas atividades, com a sua carga de dramas, um clima trágico, sufocante; em que elas se movimentam silenciosas. Houve época na literatura brasileira, coisa recente, em que o funcionário público fracassado, o chefe de família sem emprêgo, o jovem incapaz de realizar os seus projetos, eram os personagens mais em voga, tendo inspirado dezenas de romances, cujo primado era o solilóquio sôbre as suas desventuras, a incapacidade de mudar o curso de sua própria existência.

● As narrativas, como está visto, teriam como base estas vidas fracassadas não por elas próprias, mas por que sòmente sondando-as se chegaria a penetrar naqueles segredos e mistérios mantidos nos recessos. A idéia me veio, já há alguns anos, enquanto observava uma criatura por todos apontada como um molambo humano, sem importância, e que apesar de ter família grande morreria — disso todos estavam convictos — sem ter quem a chorasse. No entretanto, aquêle ser acàbado, de quem sabíamos apenas as desventuras, tinha um segrêdo que só não desvendei antes de sua morte porque o seu passamento deu-se de repente, da noite para o dia. Morreu grávida, de um de seus amantes, os quais ela escolhia entre os jovens mais belos. Como poderia, aquela criatura sem atrativos, que desfilava o dia inteiro a sua amargura e desdita? E' exatamente esta a pergunta para a qual desejaria procurar a resposta. E encontraria buscando uma brecha, nestas vidas ordinárias, que seria como uma porta aberta para os seus movimentos mais secretos.

● O romance seria preferível às narrativas, mas na ficção não me agrada a busca do **estado de crise**, e sim dar início à ação exatamente com a apresentação dêsse mesmo **estado de crise.** Arrolar os fatos e acontecimentos, numa exploração de abismos que só a alma humana é capaz de apresentar, é também e especialmente do romance, como êste mergulho nas zonas mais sombrias do coração do homem, e não em função apenas da busca de um segrêdo particular, de um fato único, embora fundamental — e sim da revelação dos movimentos do ser humano, para assim oferecer, um retrato seu mais profundo, revelando não apenas um segrêdo seu, mas todos os segredos, quando as ambições que queria para estas narrativas seriam modestas, e estariam ligadas apenas ao desejo de desvendar um fato escondido nos recessos que por si só pudessem emprestar grandeza a uma existência condenada à corrente ordinária da vida.

Desenho de GIPSON





1 Milor Fernandes: «O ato de escrever para o teatro, foi, como tudo, em minha vida, resultado de amadurecimento lento e de circunstâncias inteiramente fortuitas».

"UMA MULHER EM TRÊS ATOS"

● «Uma mulher em três atos», de Milor Fernandes, (o Vão Gôgo popularissimo no Brasil inteiro), era para ficar apenas uma quinzena ali no Teatro Dulcina. Ficou mais — ficou um mês inteiro. Foi um sucesso absoluto. Os críticos descobriram na peça, além de uma segurança inesperada, inteligência, urdidura, espírito e bom gôsto. E até os chicharros da imprensa, êsses que vivem de provar e não gostar dos que os outros cozinham e servem, não podendo falar mal, limitaram-se a êsse arzinho incréu de quem não se convence com a primeira amostra. Milor Fernandes pensou em escrever a sua primeira peça há três anos, por sugestão exatamente de Armando Couto, o extraordinário ator que vive agora o personagem principal de «Uma mulher em três atos». A peça foi escrita (em vinte dias), levada com sucesso em São Paulo, e agora está no Rio, com casa sempre cheia. Armando Couto e Ludi Veloso, ambos vindos do TBC paulista, são atores de primeira grandeza. E todo o conjunto da representação, inclusive os magníficos cenários, marca um dos pontos altos da temporada deatral de 1954.

PERSONAGENS

Maria — Aproximadamente trinta anos. Mulher menos que desejável. Caráter decidido. Espôsa de Eduardo. Vinte e três anos no momento em que a história se passa.

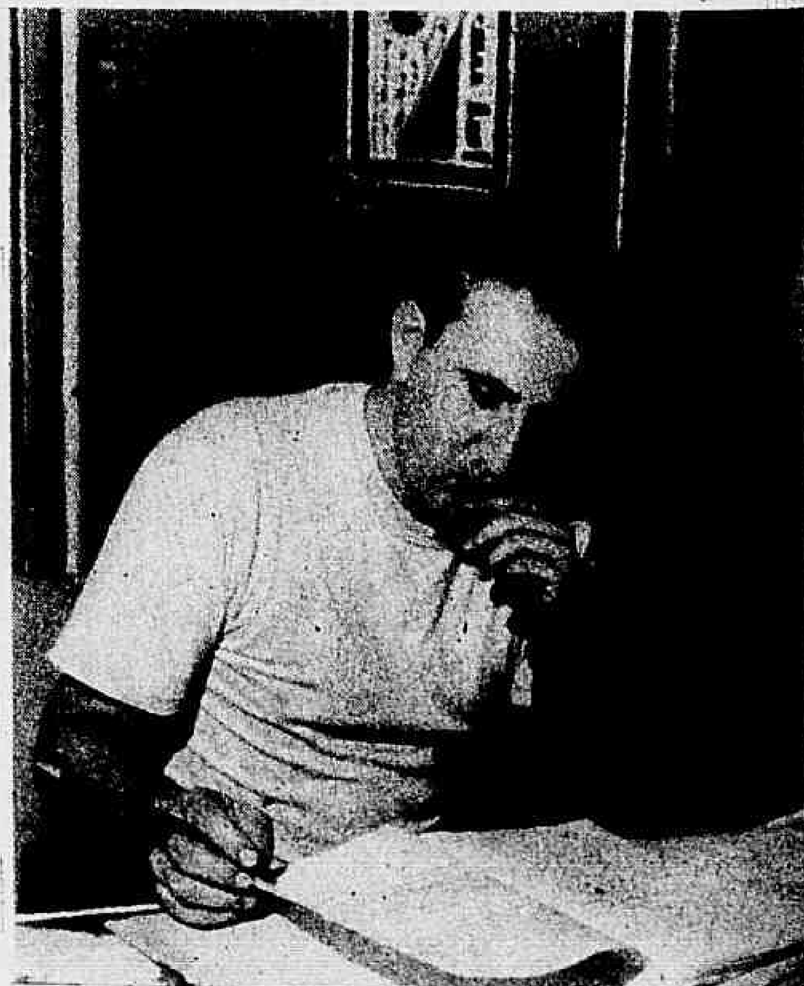
★

Eduardo — Trinta e três anos. Aparenta mais. Tem o ar desolado de quem se vê perdido. Revoltado conta tudo, mas dominado por uma incapacidade inata de lutar.

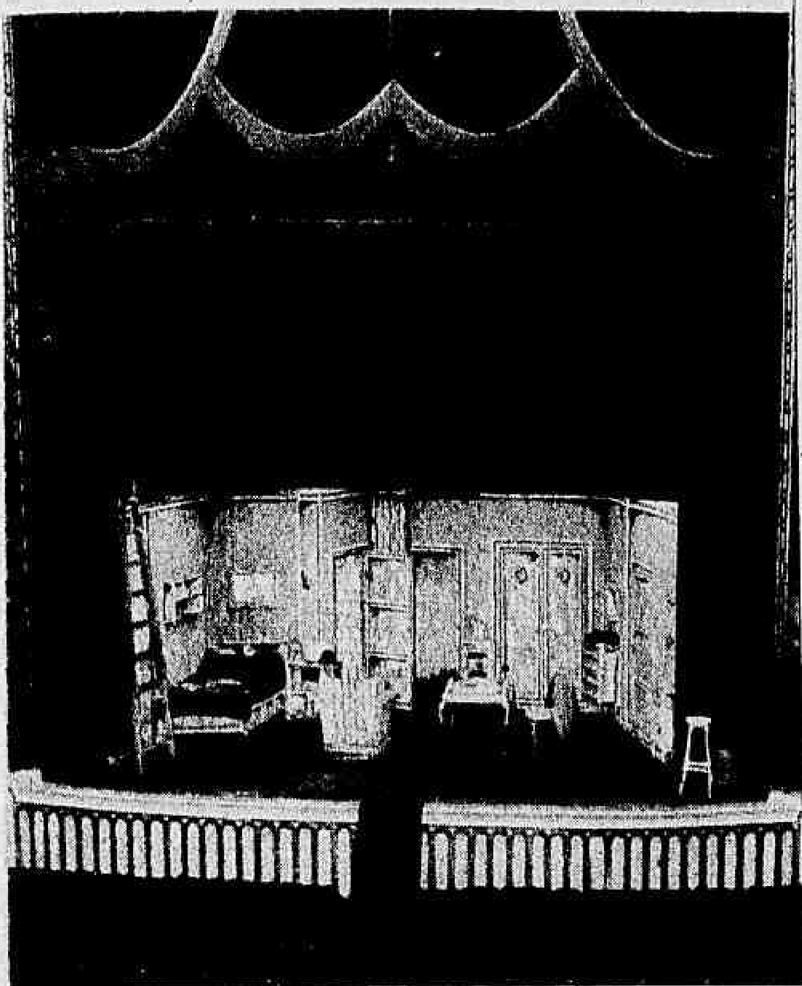
Valquírio — Seguro de si. Bem nascido econômicamente. Mal educado. Não destituído de inteligência. Sem sombra de escrúpulos ou sensibilidade. Trinta anos.

★

Radagazio — O instinto mais ou menos puro. Cheio de arroubos juvenis, 25 anos, demonstra a revolta inócua e a paixão sem consistência própria da idade.



5 Adolfo Celli lançou o teatrólogo Filor Fernandes. Celli é a flama do TBC de São Paulo.







2 Entre as 4 paredes de um apartamento barato, se apertam todos os sonhos de Maria.

3 Armando e Ludi chegam ào teatro, já com a indumentária com que aparecem na 1ª cena.

4 Armando e Ludi no camarim. Já consagrados como atores dos mais inteligentes do teatro.

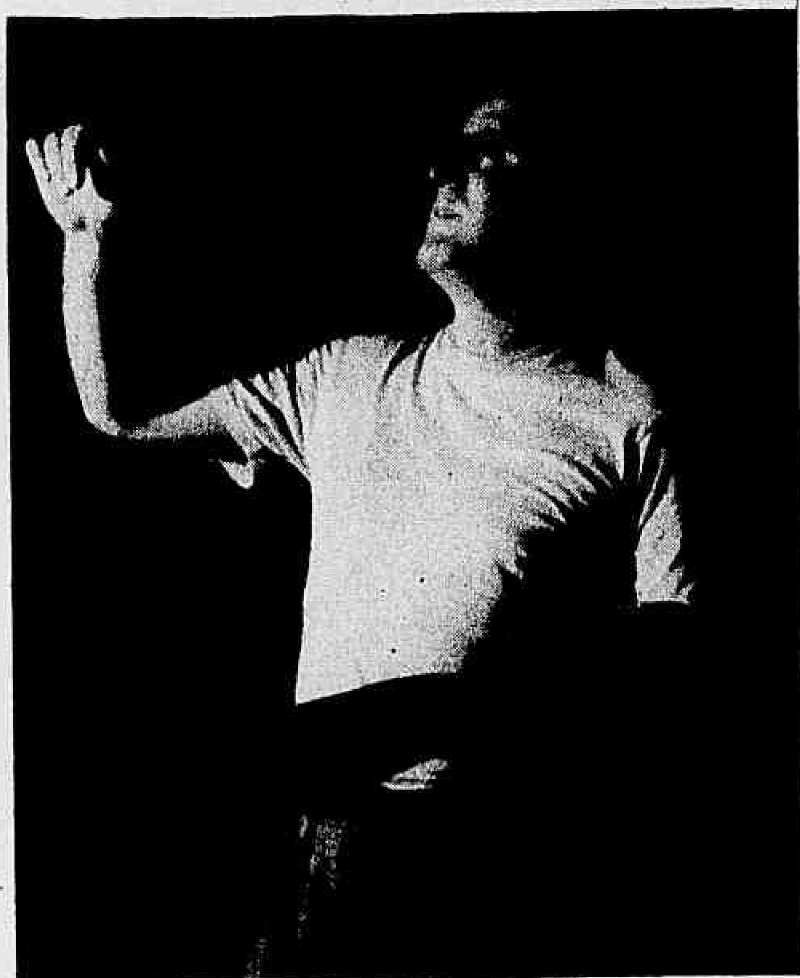
SAINDO DA IMPRENSA PARA O PALCO O HUMORISTA FAZ UMA DEMONSTRAÇÃO DE COMO FAZER UMA PEÇA DE TEATRO E COMPOR UMA MULHER (EM 3 ATOS).

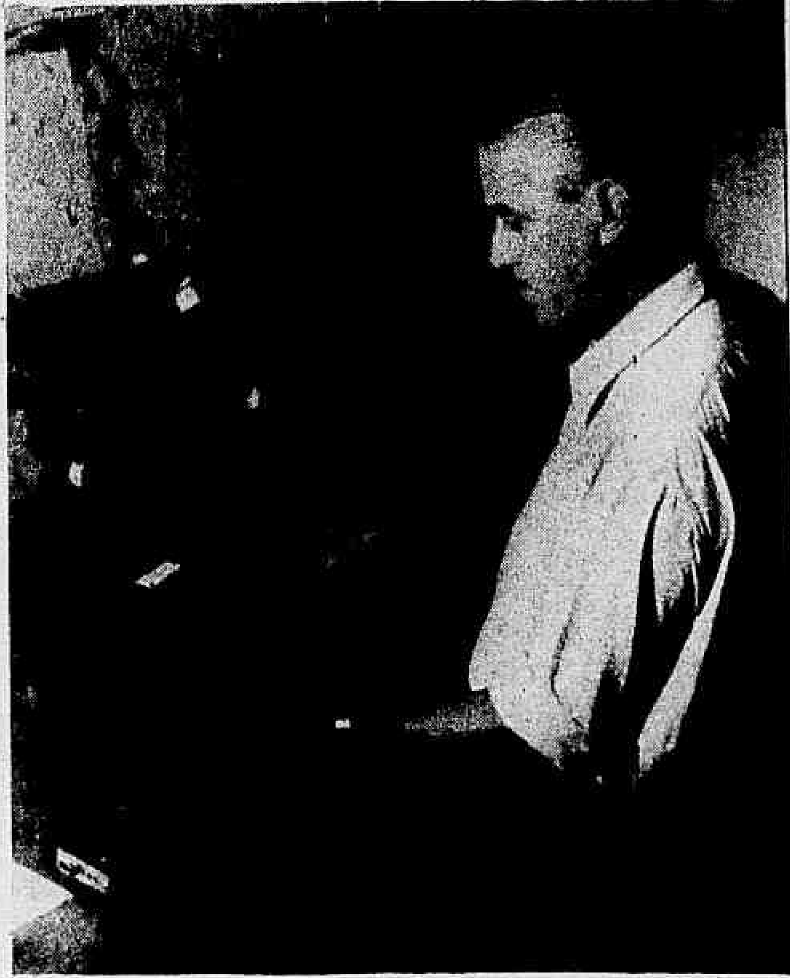
Reportagem de FRANCISCO RIBEIRO

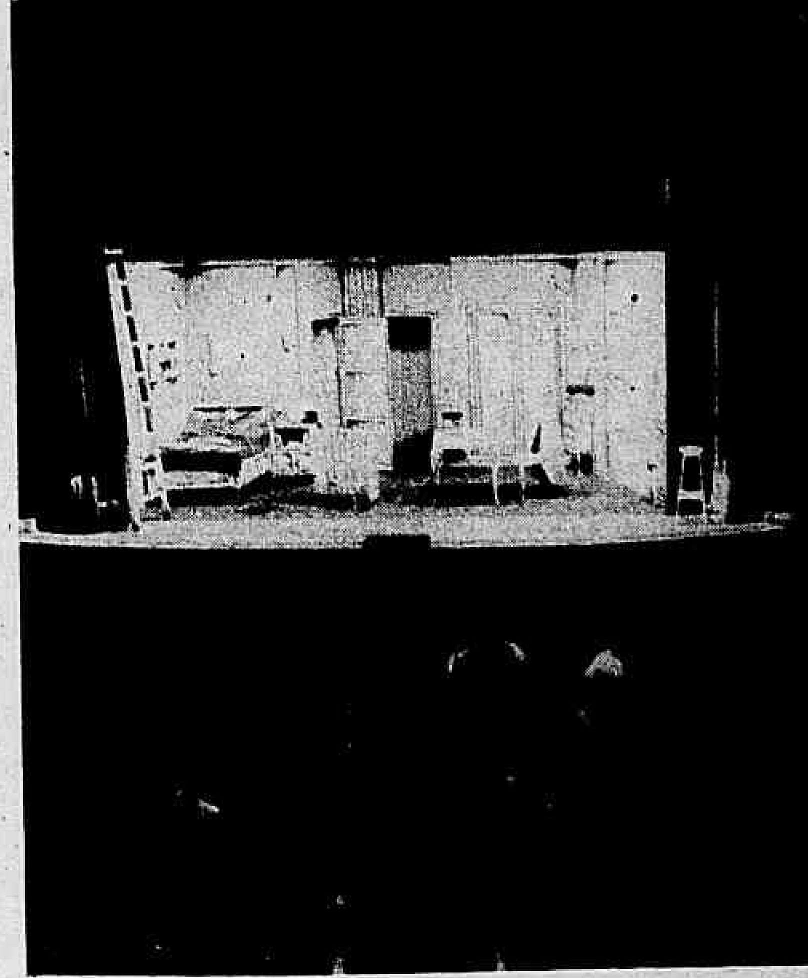
Fotos de ALBERTO FERREIRA

MARIA é uma flor de frivolidade, mas também uma pequena ilha de angústia, debatendo-se entre as paredes de sonhos impossíveis e perigosos. Mas desde o início da peça, quando ela surge, airosa e inquieta a fazer a sua primeira confissão, o espectador sente logo que ela conquistará o seu mundo. Irá por caminhos incertos, tateará emoções e experiências com o cego ardor de quem quer subtrair-se de qualquer maneira às contingências de uma vida medíocre — mas conquistará o seu mundo. A natureza deu-lhe exuberâncias e encantos que não podem ser confinados num apartamento barato, entre o estridente «boogie-woogie» do vizinho da direita, «que preferia o «jazz» às mulheres»; e o franzino retalho do céu que a janela mostra, e no qual, uma vez por mês, duas vêzes no máximo, a lua aparece com a pressa de uma visita rica e enfastiada. Apertada nessa redoma barata, Maria tem ímpetos de libertação; êsses ímpetos acabarão por romper as paredes — tôdas elas construídas com o frágil material dos escrúpulos e das conveniências — e Maria é, uma, duas, quatro vêzes, pássaro livre, aza sôlta, nuvem caprichosa desgarrada na amplidão do azul. Do azul que está além do pequeno mundo que a sufoca e enche-a de um incontido desejo de libertação.

Os amantes se sucedem — são peões de um jôgo meio maluco. Mas não existe, entre êles, uma escala ascendente ou descendente: Maria apenas prova do amor; prova-o porque tem sêde e fome: porque se não o provar, assim clandestino e perigoso, morrerá de fome e sêde. E' verdade que, no último ato, aquêle senador diante de cuja invisível porém tão presente «blaserie», ela deságua suas últimas máguas e seus derradeiros desesperos, pode ser o símbolo do mundo maravilhoso tantas vêzes sonhado entre as quatro paredes do quarto pobre e quase nu. O senador é a segurança, talvez o pôrto final. Mas o fato é que quando o pano desce, sente-se que o que chegou ao fim foram os três atos de uma peça inteligente e bem urdida — e não Maria. Maria continua. Valquírio, o cafageste, Segismundo, o médico, Eulálio, o advogado, Teodoro, o esportista, Radagásio, o poeta e até mesmo o senador — todos não passam de etapas de um caminho que se encompridará indefinidamente, e que só terminará diante do impacto das rugas que já não poderão ser disfarçadas. Assim é Maria: nuvem, aza, passarinho sem amarras, sedente e faminta, pobre criatura a quem o Senhor deu tesouros mas não deu armas suficientes para que ela os pudesse defender.







6 Celli rege, como um verdadeiro chefe de orquestra, o ensaio final da peça de Milor.

7 A música de jazz, vinda do quarto vizinho é um outro personagem, e dos mais presentes.

8 As cadeiras estão vazias — mas é porque se trata do ensaio final. Milor está presente.







I ATO

● Eduardo, intelectual, é um lutador frustrado. Vive de imaginar vitórias que nunca se realizam. E entrega-se à luta com o ardor de um cruzado. Mas acaba vencido. Sua vida é medíocre. Êle sabe tudo, lê tudo, ensina tudo. Mas essas grandes e êsses talentos só servem para realçar ainda mais o contraste de uma vida quase miserável.

● Maria é uma mulher encantadora, insinuante, vive impaciente à espera das vitórias de Eduardo. «Você sempre diz a mesma coisa. Da vez passada foi assim». E sente que é preciso aproveitar a mocidade, os encantos próprios. Vive nervosa com a presença do marido. Quase não sai de casa. «Não fôsse êsse cruzamento aí em frente, nem sei o que seria da minha vida». E sonha.

● Às vêzes Maria se faz provocante para o marido. São as emoções do seu mundo interior que ela não consegue esconder totalmente. Maria sonha em vencer aquelas paredes, ganhar o mundo livre, enredar-se em aventuras, entregar-se a amôres que ela imagina tecidos com os fios de uma fantasia que só enxerga o outro lado da vida — o lado côr de rosa. Mas tudo acaba anular-se diante da realidade, pobre e encardida.







II ATO

● Radagázio é a legenda, a poesia amena, os doces arrebatamentos líricos, o poeta que, quase sempre, se transubstancia no palhaço arrebatado e ao mesmo tempo tímido, no ciador de devaneios e castelos, no miráculo artífice de mundos imaginários. Maria gosta de escutá-lo, de ser embalada pelo seu ritmo, mas jamais será inteiramente dêle.

● Radagázio é um parnasiano com arrebatamentos de condoreiro. O que êle quer não é uma amante, que uma alma de poeta não se alimenta de tais «nourritures» tão terrestres. O que êle quer uma deusa — o ideal inatingível e intocável que será guardado num altar, como os santos. Maria, requestada por um sonhador, passa, por alguns instantes, a ser parte do próprio Sonho. E é feliz, uma felicidade que demora minutos.

● A revolta de Eduardo é a revolta do ano bom. O que explode de dentro dêle não é apenas a certeza, tantas vêzes ladeada, de que está sendo traído — mas também as frustrações que incham dentro do peito como um fermento de recalques e protestos. Um dia êle explodirá a gente sente. E o anjo bom será tomado de tôdas as fúrias do Homem. Diante dessa tempestade inesperada, Maria treme: e o que fá-la tremer não é o mêdo, mas a surprêsa.





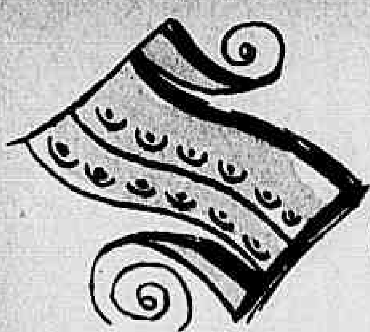


III ATO

● Eduardo, amarrotado por decepções, amarguras, derrotas, chega ao terceiro ato da história de Milor Fernandes no limite extremo de suas fôrças. Atravessar êsse limite é penetrar no sombrio mundo da loucura. E Eduardo cruza a linha maldita. O anjo bom é agora o insano — mas mesmo na alma do louco resta, intacta, uma porção de ingenuidade suficiente para que a loucura seja vencida, fàcilmente, apenas com palavras.

● Quando é que Eduardo começa a sentir que o que de fato existe contra êle é a própria vida? A vida é um inimigo poderoso de mais — não pode ser vencido. Só resta uma solução, a solução dos fracos ou dos cínicos: a fuga. Eduardo não é um cínico. E a sua fuga é, antes de mais nada, uma capitulação honesta. Ele apenas deporá as armas, como guerreiro sem armas. Sua rendição é um gesto de renúncia e uma afirmação de nobreza.

● Cada um tem a sua verdade — como acreditar no que os nossos olhos vêem, envolvida a cena nessa atmosfera irreal que é a atmosfera da farsa? E como acreditar na história da própria Maria? O que se sabe é que a morte, pesadelo final, acabou com todos os pesadelos de Eduardo. Mas Maria continua. Continuará além dos três anos, continuará por muitos atos ainda, até o fim dos fins. E' o que se sente: o pano desce e Maria continua.



Semana Literária

OTTO SCHNEIDER

Fichário



★ A propósito de «Alvarus e seus Bonecos» — novo álbum de caricaturas organizado pelo escritor Herman Lima e publicado pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação — sugeriu recentemente Magalhães Júnior que os caricaturistas brasileiros se unissem num mesmo sentimento de gratidão para promoverem a ereção de um monumento, em vida, ao escritor Herman Lima, a exemplo do que se fêz com Catulo Cearense. Anteriormente, Herman Lima publicou «Rui e a Caricatura» e «Álbum de J. Carlos». Já tem prontos 18 capítulos, dos 30 de que se deve compor sua «História de Caricatura Brasileira» (1837-1937). O novo álbum «Alvarus e seus Bonecos» reúne mais de 70 dos melhores trabalhos do conhecido caricaturista de «A Noite».

★ «Paisagem Mural» é o título de um volume de poemas de Lylian Schwartzkopf, lançado há dias pelos Editôres Irmãos Pongetti. Pintora e poetisa, no esplendor dos seus 22 anos, Lylian evidentemente sabe que tanto o vocábulo como a côr são instrumentos muito relativos. Quando, em princípio, deveriam acarretar uma comunhão mais perfeita entre autor e leitor (no caso do vocábulo), o que acontece é que tal comunhão torna-se tanto mais difícil quanto mais nos depuramos na emoção e nos sentimentos. Isto porque então passamos a exigir do leitor maior soma de experiências, maior riqueza espiritual, e maior sensibilidade. Lylian faz um tipo de poesia exigente, de um lastro subjetivo muito acentuado. Ela diz: — «A angústia é a dinâmica da luz. Antigo, o olhar dissolve a impresença do gesto, a mímica aprendida. Longo é o percurso de um revérbero assim»...

★ Continua pairando denso mistério sôbre o título do novo romance de Herberto (O Cascalho) Sales. Sabe-se, porém, que êle deverá ser publicado por volta de agôsto próximo. O escritor baiano dirige as Edições «O Cruzeiro», por onde vem lançando duas coleções de romances: uma nacional, e outra que só inclui trabalhos de ficção de autores contemplados com o Prêmio Nobel.

★ «Revista de Automóveis», cujo ségundo número deverá estar em circulação esta semana, parece ter encontrado, de imediato, o denominador comum entre o interêsse do público e um periódico especializado. Tanto assim que o 1º número (tiragem: 6.000 exemplares) esgotou-se no Rio e em S. Paulo em menos de uma semana. O 2º número deverá circular com 10.000 exemplares. «Revista de Automóveis» obdece à direção de Murilo P. Reis, e conta com a colaboração de um grupo de profissionais do automobilismo, da imprensa, da distribuição e da publicidade.

★ Comemora-se êste ano um punhado de centenários: o da publicação das «Memórias de um Sargento de Milícias», de Antônio Manuel de Almeida; da pregação do famoso sermão de São Pedro de Alcântara, por Frei Francisco de Mont'Alverne; do nascimento de Oscar Wilde; de Almeida Garret; e da morte do filósofo alemão Schelling, que foi o grande intérprete dos fenômenos religiosos e místicos da história da humanidade.

★ Tasso da Silveira está escrevendo uma «Literatura Comparada», livro que lhe foi encomendado especialmente pela Editôra Civilização Brasileira. A convite de uma grande editôra de Madrid, o poeta-professor-romancista paranaense está elaborando uma «História da Literatura Brasileira». Tem pronto um novo romance (já em mãos do editor Simões dos Reis): «Sombras no Caos», e lançará em breve mais um volume de poemas: «Puro Canto», com ilustrações do artista iugoslavo Sepp Baendereck. À margem de tanta produção, trabalha em «Canto, Alma e Tempo de um Poeta: Silveira Neto e o Simbolismo Brasileiro».

★ Acaba de ser editado na Itália o livro de Marcedes La Valle: «Un Secolo de Poesia Brasiliana», antologia de poetas brasileiros desde os românticos aos modernistas.

Convite ao mergulho vertical

Despe tuas vestes olímpicas
e mergulha vertical em meus poemas
que não têm a forma geométrica
nem o fundo limitado das piscinas...
Mergulha no mundo de símbolos
da minha poesia
de forma agitada e incontida de mar...

A mensagem do poeta
não está restrita à epiderme das palavras
num sabor de tatuagem,
nem ao sentido trivial
da superfície das frases!...
A mensagem do poeta
não é letra de lei nem bula de remédio...
Poesia é a profundidade da emoção!
Observa que não ficam à tona d'água
os ramos de sol dos corais decorativos
nem as pérolas pálidas e tímidas
que são gôtas românticas de luar...

Tu que tens a chave para decifrar
todos os meus símbolos,
precisas ganhar profundidade
lendo minha emoção cifrada,
num mergulho vertical de estátua viva
pela minha poesia
de forma agitada e incontida de mar...

LUIZ ANTÔNIO PIMENTEL em «A Curiosa dos Olhos Doces» (inédito).



"Seria preciso raptar um cavalheiro africano e fazê-lo representar, à fôrça, o papel de Otelo?" — Ilustração de Newton Whittaker para o ensaio de G. K. Chesterton: "False Theory and the Theatre".

O LIVRO DA SEMANA

"ESTADISTAS FAMOSOS"

● Os reis, os conquistadores e os ditadores são os filhos mimados da família humana. Seja por herança, seja por apropriação, encontram-se na posse de uma fatia injustamente grande do bôlo da felicidade material. E, na avidez com que a devoram, costumam arruinar a sua digestão moral. Todos êles incarnam, embora de modos diversos, o mesmo drama do grande e intransponível abismo que existe entre o infinito da ambição humana e as limitações da humanidade ambiciosa. A sucessão dêste drama ininterrupto desfila mais uma vez diante de nossos olhos à leitura do livro de Henry e Dana Lee Thomas, que acaba de sair em 4ª tiragem pela Editôra Globo: «Estadistas Famosos» (tradução de Lino Vallandro e ilustrações de Gordon Ross, 222 págs.). A exemplo de outros livros dos mesmos autores, também êste é uma série de resumos biográficos de homens célebres, sem outra pretensão senão a da divulgação acessível ao grande público. A Henry e Dana Lee Thomas não interessa a interpretação da História. Contentam-se com datas, fatos, episódios. Exigem pouquíssimo do leitor. E talvez por isso mesmo seus livros tenham obtido tão larga aceitação.

No presente volume encontramos resumos biográficos de Salomão, Asoka, Júlio César, Augusto, Constantino o Grande, Carlos Magno, Kublai Khan, Henrique VIII, a rainha Isabel, Montezuma, Ivan o Terrível, Catarina a Grande, Luís XIV, Frederico o Grande, Napoleão Bonaparte, a rainha Vitória, o Kaiser Guilherme, Benito Mussolini e Adolf Hitler. Feita esta indicação, vamos a alguns episódios da vida dêsses estadistas.

DESEJOU UM CORAÇÃO COMPREENSIVO

● Certa vez, em sonhos — assim conta a lenda — o Senhor perguntou **a Salomão qual** o dom que, mais que qualquer outro, desejaria ter.

— Um coração compreensivo — disse o jovem rei.

— Tu o terás — prometeu o Senhor.

E quando o rei acordou, achou no seu leito o anel de safira de Adão — o anel mágico que governa os ventos do ar, as águas do mar, os mistérios da terra e o poder da vida e da morte.

O jovem rei temperava a justiça com a sabedoria. Inventava novas e engenhosas maneiras de perscrutar o caráter dos seus súditos. Um dia, chamou à sua presença um oficial que era considerado o homem mais leal de Jerusalém.

— Se cumprires as minhas ordens — disse — eu te compensarei generosamente.

— Vossa Majestade ordena; os seus súditos obedecem. Qual é o desejo do rei?

— Toma esta espada — disse Salomão. — E se amanhã de manhã me trouxeres a cabeça de tua mulher, far-te-ei o primeiro dos meus governadores.



O oficial tomou a espada. No dia seguinte voltou — mas sem a cabeça da mulher.

— Desembainhei a espada — disse — quando minha mulher dormia. Mas, estando para dar o golpe, notei como o seu cabelo se espalhava pelo travesseiro e caía sôbre o rosto dos nossos dois filhos. Não tive coragem.

No dia seguinte, Salomão chamou a espôsa dêsse homem, que era considerada a mulher mais leal de Jerusalém.

— Toma esta espada — ordenou-lhe. — E se amanhã me trouxeres a cabeça de teu marido, far-te-ei rainha.

A mulher tomou a espada e voltou para casa. Naquela noite preparou um banquete para o marido. E, logo que êste caiu em pesado sono causado pelos vapores do vinho, ela lhe fêz descer com fôrça a espada sôbre o pescoço. Mas Salomão, na sua prudência, dera-lhe uma espada de estanho. O golpe despertou o marido, mas não lhe causou dano.

Na manhã seguinte — continua a lenda — o rei chamou marido e mulher ao palácio.

— Vêde — disse, apontando-os à multidão — encontrei um homem leal entre mil; mas uma mulher leal entre dez mil não pude encontrar...

IVAN, O TERRÍVEL

● Órfão com muito pouca idade, Ivan, mais tarde cognominado de «o Terrível» (1530-1584), foi entregue aos cuidados de nobres que, ávidos de poder, conspiravam uns contra os outros pela posse do trono moscovita. Porque, naquela época, o trono russo não era eletivo nem hereditário. Sempre que um tzar morria, o mais forte dos seus guerreiros apoderava-se da sucessão à ponta de espada.

O príncipe Ivan foi educado num ambiente de arengas políticas e tumultos militares. Em criança presenciou a morte repentina de sua mãe que, após alguns anos de govêrno despótico, foi envenenada. E nunca esqueceu o horrendo espetáculo dos adversários dela, pendurados em forcas, a intervalos regulares, ao longo da estrada que leva de Moscou a Novgorod. Moldado por essa educação, Ivan tornar-se-ia um soberano extremamente despótico, cruel, mesmo bárbaro, embora dotado de notável inteligência. Foi êle o consolidador do império russo, depois de haver cerceado o poder da nobreza que mantinha a Rússia retalhada em diversos principados bastante autônomos.

Ivan não tolerava ser contestado, nem admitia que alguém lhe chamasse atenção para as suas arbitrariedades. Certa vez o bispo de Moscou, que tinha o hábito de falar sem rebuços, denunciou-o em plena assembléia dos fiéis, dizendo:

— As próprias pedras desta igreja clamam contra vós!

— Como! — bradou Ivan, interrompendo o sermão do bispo.. — Tu também és um rebelde?

— Oh não, Majestade, eu falo só para o bem de vossa alma.

Ivan não esperou nem mais um minuto. Agarrou um porrete e ministrou ao bispo uma valente surra. Despojou-o então das vestes e do cargo e condenou-o a prisão perpétua.

— Mas, antes que tu vás — ordenou — dá-me a absolvição.

— Nada vos posso dar senão silêncio. Êste silêncio é uma condenação dos vossos pecados.

Ivan tremia.

— Vai-te então para o cárcere. E diabos levem a tua absolvição!

Tendo-se desembaraçado do bispo, o tzar tornou às suas orgias. Numa delas — era durante um grande banquete — Ivan notou que um nobre se mostrava triste. Fêz questão de ir visitá-lo no dia seguinte, para perguntar-lhe o motivo da sua tristeza.

— Majestade — disse o fidalgo — eu penso no destino da Rússia. Nosso país está atrasado. Porque nós, que escrevemos a história, molhamos a nossa pena com sangue em vez de tinta... Tende piedade do nosso povo, Majestade!

— É um povo de bárbaros — volveu Ivan.

— Então deveis dar-lhe boas leis para civilizá-lo.

— Não posso.

— Ah, é um problema difícil e requer atenção.

— Chega de baboseiras!

— Não, Majestade, é preciso que eu fale abertamente. Vós tendes mêdo de pensar, de civilizar a nação, de vos civilizardes a vós mesmo.

— Eu não tenho mêdo de nada! Hei-de assar-te a fogo lento, por me chamares de medroso!

DINHEIRO DE CASCA DE AMOREIRA

● Kublai Khan (1216-1294), riquíssimo e poderoso soberano mongol que se tornou célebre através das narrativas de Marco Pôlo, já praticava há sete séculos o mesmo método peculiar a certos governos modernos



que emitem dinheiro sem a preocupação da cobertura pelo Tesouro. Kublai Khan adorava a magnificência, o luxo, a pompa, e esta não lhe custava um vintém de metal precioso. Simplesmente pagava tudo que adquiria, não com ouro, mas com uma moeda feita de casca de amoreira e estampada com o sêlo real. Êsse dinheiro, que não tinha nenhuma garantia do Tesouro e era emitido ilimitadamente, circulava com tanta solenidade e autoridade como se fôsse ouro puro. O soberano não se preocupava com os efeitos da inflação sôbre o povo, mesmo porque êste já estava abaixo de qualquer consideração econômica. O importante era que Kublai Khan pudesse gozar todos os prazeres e acumular tôdas as riquezas sem dispêndio para si próprio. Morreu aos 82 anos, farto de mulheres, prazeres e pompas. Suas 100 espôsas foram enterradas vivas com êle.

Semana Santa

NO dia em que lerdes estas notas, já será outra semana e a vida voltou funcionar com dantes, em todo o seu mecanismo de trabalho, suas graças e agruras. Não seria possível exigir — mesmo que fôsse de um leitor amigo — a exata compreensão para o que se diz em sexta-feira santa, num bairro sem gente, numa rua sem som, numa hora, exatamente, fria e cinzenta. São lembranças que chegam e, acolhidas com bondade, pousam na mesa de escrever. Quantos anos se passaram depois daquele tempo em que despescávamos um viveiro no bairro dos Afogados, em Recife? Mais de vinte. As pessoas grandes da casa recebiam o peixe, cuidavam de tratá-lo e esperavam, enquanto assasse no fogo. Depois, numa mesa grande, iam enrolá-lo em fôlhas de bananeira (cada embrulho, 3 curimãs), porque a encomenda deveria seguir no trem da tarde para os parentes e amigos do interior. Cada embrulhinho com a sua coisa escrita: «Jejum de Glorinha e Vevinha». Trinta e quarenta «jejuns» seguiam todo ano para uma gente que ficava muito grata e mandava dizer: «comemos pensando em você e pedindo a Deus que nunca lhes falte paz e saúde». (trecho de um bilhete). O que ficava era uma enormidade e dava para fazer moquecas, ensopados de côco, fritadas, escabeche... e a pimenta vinha nadando em molhos de côco e azeite. Muito arroz-feito-papa e todos, à mesa, embora comendo muito, com o pensamenos em via-sacra, seguindo os passos de Cristo, do Hôrto das Oliveiras ao Calvário. Quando tiravam os pratos, ficávamos à mesa e minha mãe, com voz lenta e uma leitura muito bonita, contava a Paixão (segundo São Mateus). Sem me insurgir (por mêdo e incapacidade) eu me dividia dentro do conceito cristão e achava que Pôncio Pilatos era um bom sujeito. Chegou a apelar para o povo e a pedir que escolhessem entre Jesus e Barrabás. A massa, porém, intrigada pelos anciãos e sacerdotes, pediu a liberdade de Barrabás, exigindo que o sangue de Cristo caísse sôbre seus filhos. Já a mulher de Pilatos era chegada a sonhos e mandou avisar ao marido governador: «Nada haja entre ti e êsse justo, porque muito em sonho padeci por seu respeito». Ensinavam-me, porém, a condenar a tibieza de Pilatos, que se tentava inocentar lavando as mãos em público e gritando ao povo de Israel: «Eu sou inocente do sangue dêsse justo; vós lá vos avinde». E lembravam a citação do «Credo», que diz: «padeceu sob o poder do Pôncio Pilatos».

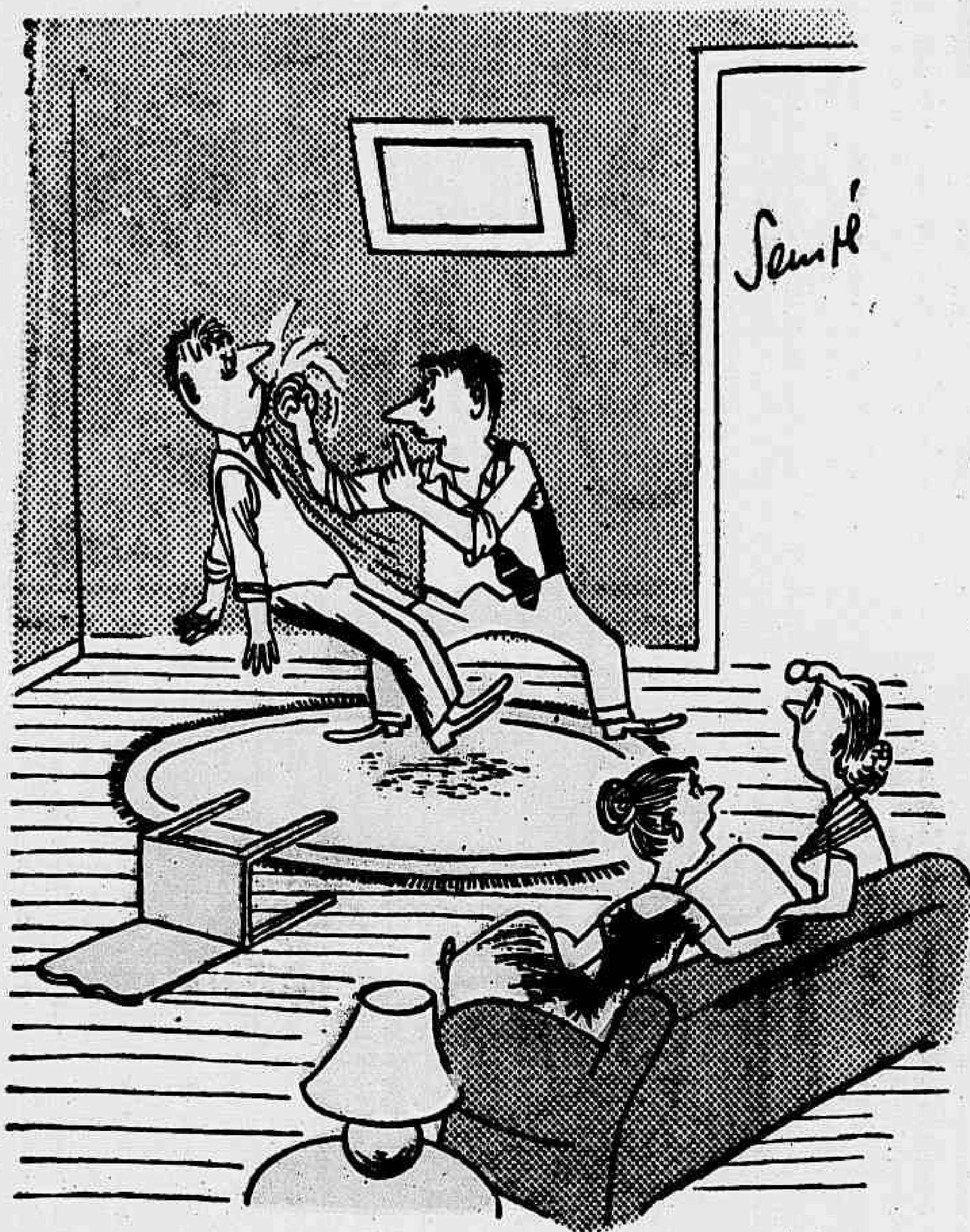
• Até certo ponto, era contra Pedro. Embora tenha sido êle o único a seguir Cristo (muito de longe, é verdade) das Oliveiras ao Pretório, não lhe concedia o direito de mentir às três perguntas das criadas. Não lhe perdoava o esquecimento pois, avisado por Jesus de que o negaria três vêzes antes do galo cantar, seu papel era dizer: «sim, eu sou um dos seus discípulos, eu o conheço e lhe sigo os passos». Então, me explicavam que essas coisas tôdas aconteciam para que se cumprissem as predições dos profetas. Ensinavam-me, também, a ver em Pedro um ser humano, frágil, inclinado ao êrro e à negação. E havia, também, o trecho que eu achava muito bonito (ainda hoje acho); trevas sôbre a terra, desde a hora sexta até a hora nona e, num dado momento, Jesus clama em voz alta: «Eli, Eli lamma sabacthani»? (Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste)? Houve uma pequena confusão e os soldados entenderam que Cristo clamava por Elias. Deram-lhe, então, uma esponja com vinagre, insultando o crucificado, duvidando que Elias viesse tirá-lo da cruz. (Aí entra o bonito): «E Jesus, clamando outra vez em alta voz, **rendeu** o espírito. E eis que se rasgou o véu do templo em duas partes d'alto a baixo: tremeu a terra e partiram-se as pedras. E os sepulcros se abriram e muitos corpos dos santos, que tinham **adormecido,** ressuscitaram». Estão aí duas modalidades encantadoras de chamar o ato de morrer: uma é «render o espírito» e a outra é a dos corpos **adormecidos** ressuscitarem. Ponho-me, agora, ante a inexorabilidade da morte e gostaria (só isso, em semelhança do Nazareno) de render o espírito e, em seguida adormecer..

Outra lembrança que agora me chega a deslumbrar (em comparação com as coisas que já não existem) é a da Procissão de Entêrro. Velhas matracas soando na rua Formosa. Gente andando devagar, com a cabeça baixa e a banda de bombardinos tocando o mais grave dos cantos fúnebres. Repetiam uma superstição muito recifense de que: em tôda a casa onde o corpo do Senhor parasse, morreria uma pessoa da família. E nós ficávamos na janela do sobradão (União-Esquina de Formosa), com os olhos postos no povo, pedindo a Deus que a procissão não parasse ali. Mas, parece que era de propósito: todo ano parava e todo ano morria um tio nosso.

Essas lembranças a que me entrego, com certo prazer, sei que a ninguém interessa. Faço delas uma crônica sem beleza, porque demasiadamente pessoal, e dou, sem esperanças, a alguém que talvez lhe entenda as emoções.

Desenho de DAREL


DARE
54



— Enquanto Jacques conta a seu marido a luta de box que êle assistiu, nós poderemos tomar um cafèzinho...



— Feche os olhos, o sono se aproxima...



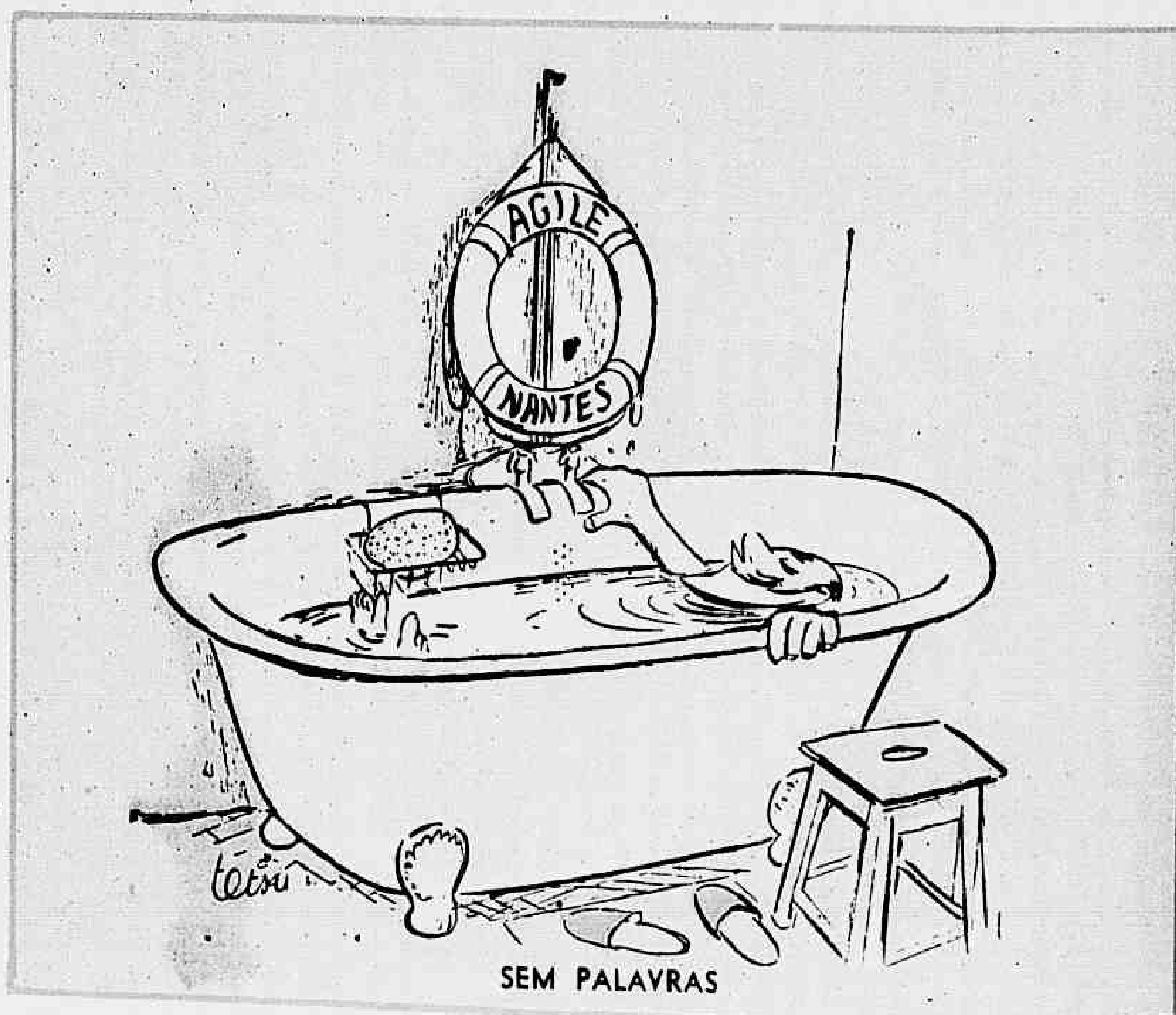
— Você verá se eu sou ou não capaz de morrer por sua causa.



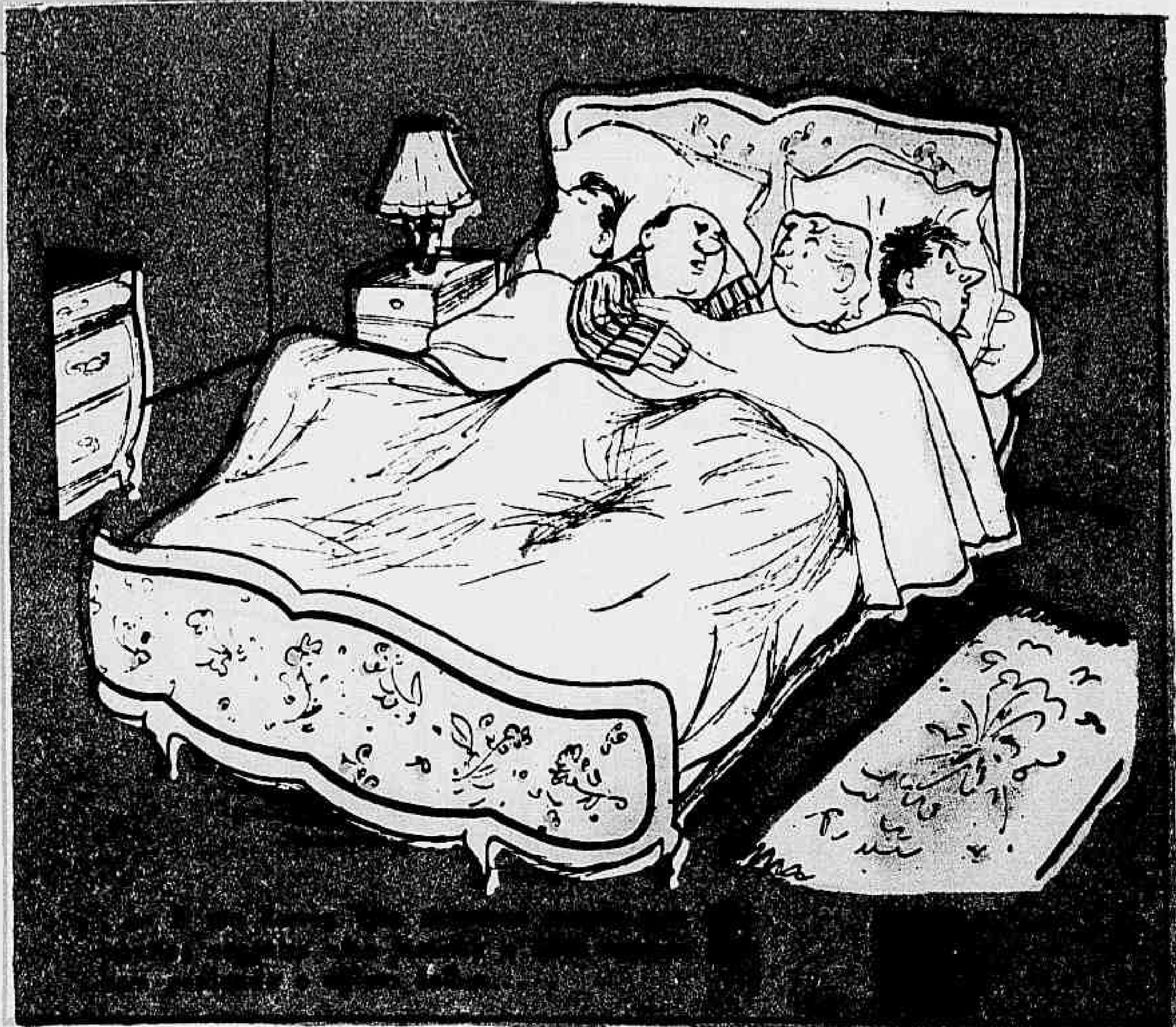
— Deixe êle por minha conta!

O RISO DOS OUTROS

em technicolor

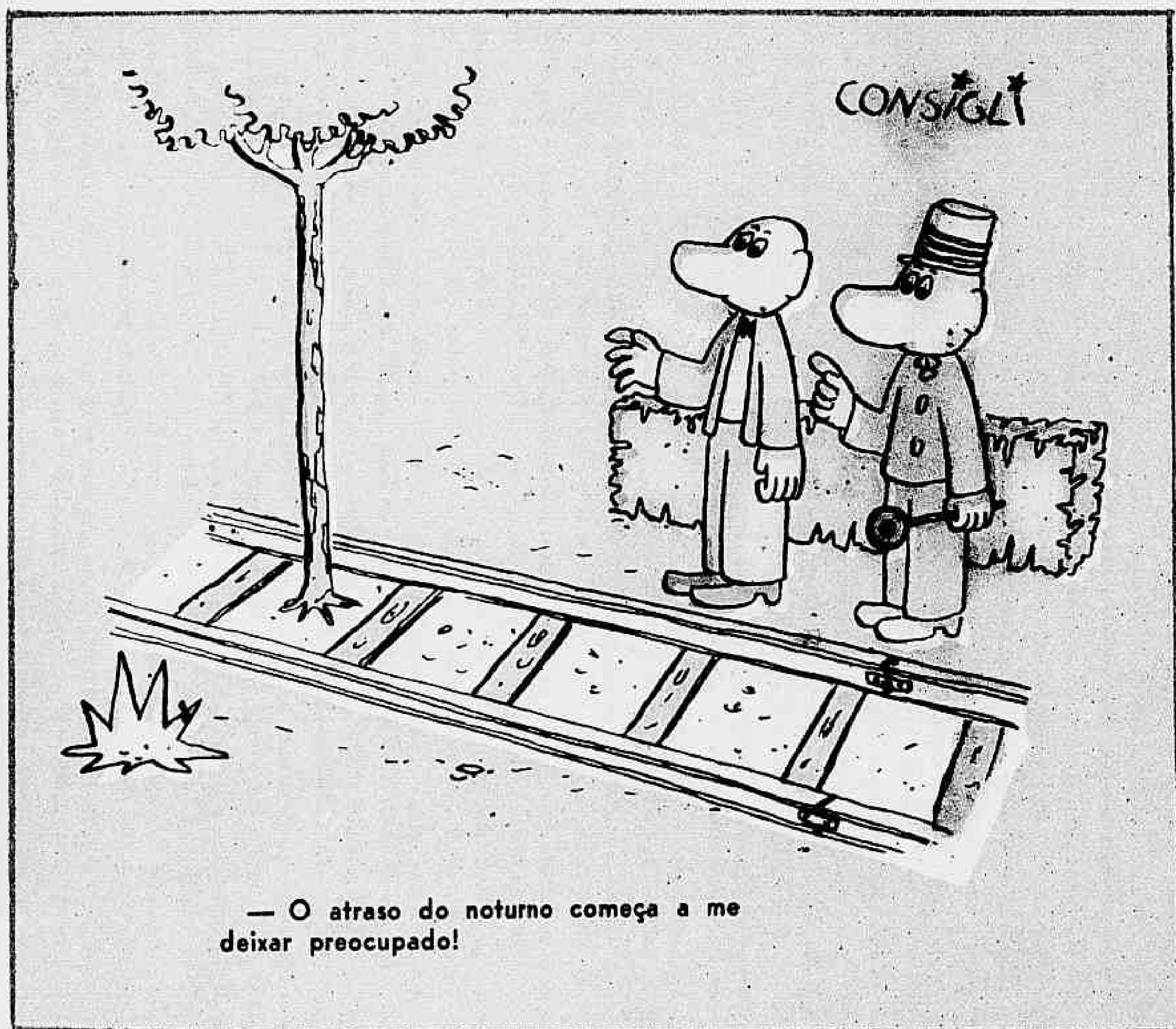


SEM PALAVRAS





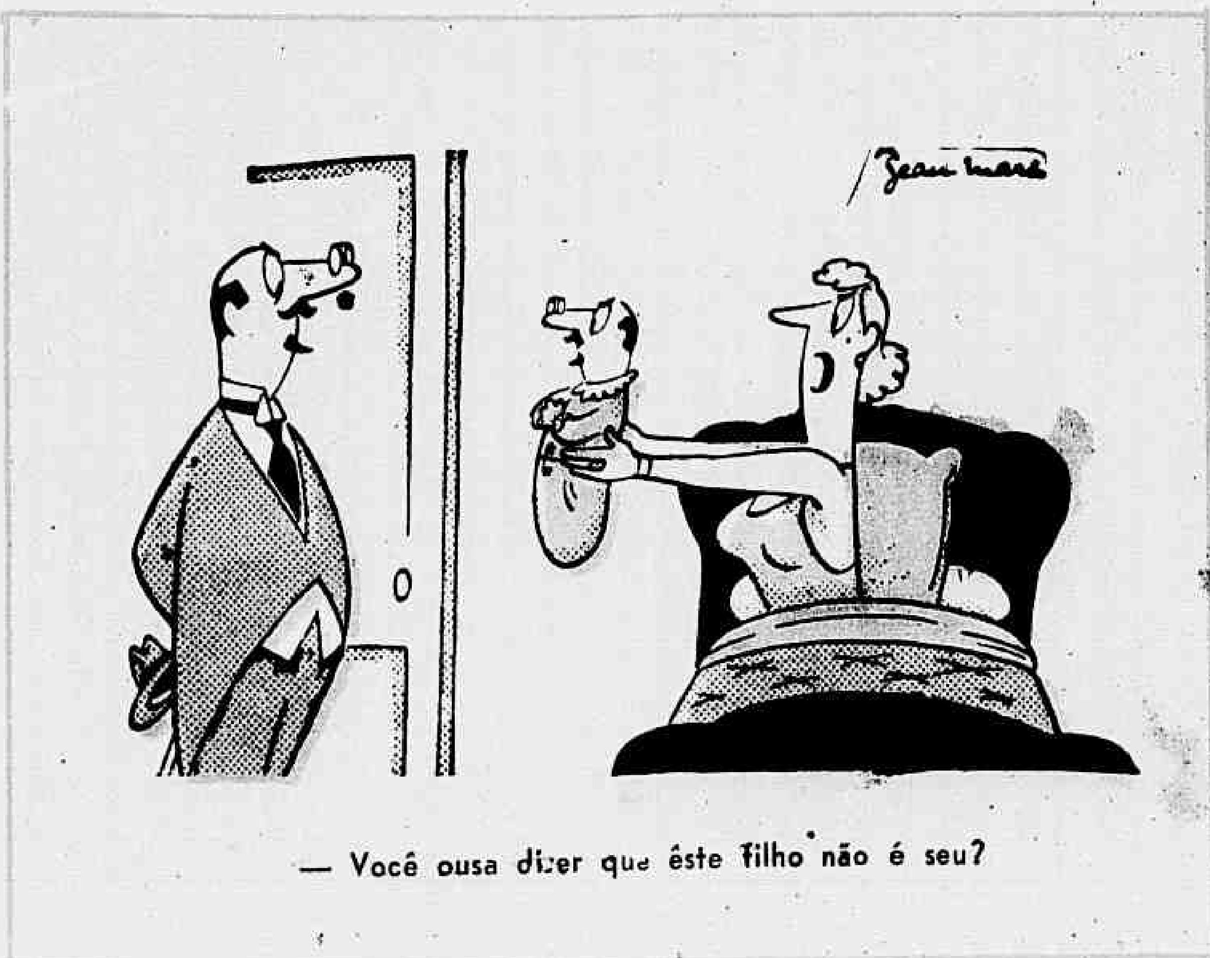
— Você viu meu pijama?



— O atraso do noturno começa a me deixar preocupado!



SEM LEGENDA



— Você ousa dizer que êste filho não é seu?



— E' um senhor que acabo de encontrar.

Em Agôsto de 1956 o sensacional acontecimento

MARTE MARCHARÁ EM DIREÇÃO À TERRA!

E OS ASTRÔNOMOS DO MUNDO INTEIRO PENSAM DECIFRAR DE UMA VEZ OS TRÊS INTRINCADOS MISTÉRIOS DO PLANÊTA NOSSO VIZINHO

Reportagem de RO MAY

Desenho de RAMÓN

DE todos os planêtas do sistema solar, é Marte o mais próximo da Terra. Eis o motivo por que os homens sempre se viram tentados a saber o que se passa ali. A distância média de Marte à Terra é de 79 milhões de quilômetros. Em agôsto de 1956, Marte não estará a mais de 55 milhões de distância de nós, a posição mais próxima do nosso globo até agora verificada. Desde já, os atrônomos do mundo inteiro se preparam, com a esperança de poder penetrar o mistério que ali reina, e o gigantesco telescópio do Monte Palomar, nos Estados Unidos, espera resolver o problema, aproveitando-se da posição favorável do planêta.

Antes de ir mais longe, recordemos que Marte é um mundo sete vêzes menor do que o nosso e que dá a volta ao Sol em pouco mais de dois anos (um ano e 321 dias), girando sôbre si mesmo em vinte e quatro horas e trinta sete minutos. Seu equador, estando inclinado vinte e cinco graus sôbre sua órbita — para a Terra esta inclinação é de 23 graus e 27 minutos, segue-se daí, que as estações em Marte e os climas são da mesma natureza que entre nós. Observam-se em cada pólo manchas brancas brilhantes, que diminuem à aproximação do verão. Devem ser, naturalmente, campos de neve ou de gêlo.

● **SABE-SE MUITO POUCO SÔBRE MARTE** — O calor solar é duas vêzes e meia menos intenso em Marte do que na Terra. Mas sabemos, com certeza, que Marte possui uma atmosfera rarefeita. O oxigênio que houver ali deve ser em dosagem muito pequena. O espectroscópio revelou a presença de vapor dágua na proporção de 15% daquela existente na atmosfera terrestre. Isto é suficiente para explicar a presença das mássas de gêlo a que nos referimos antes. A gravidade é ali três vêzes mais fraca e a pressão, dez vêzes menor do que aqui. A temperatura atinge dez a vinte graus. E aí está tudo o que se sabe de mais certo acêrca do planêta Marte. Com tais condições, não é fora de possibilidades que em Marte haja vida como existe na Terra, e mesmo sêres viventes ali habitam, com seus organismos adaptados a tais condições de vida. Talvez que se trate de sêres inferiores na escala animal; mas, serão dotados de inteligência?

● **O SEGUNDO MISTÉRIO DE MARTE** — Por meio do telescópio vemos sôbre o planêta avermelhado, manchas de côr verde carregada, ou escuras, amorenadas, no hemisfério astral (já se pensou que se tratasse de mares extintos), e tonalidades rosadas ou avermelhadas no hemisfério boreal. Os desenhos dos diversos observatórios concordam bastante, entre si, que isso representa acidentes geográficos na superfície marciana.

O mistério de Marte começou a interessar à ciência, quando, em 1877 Schiaparelli ali descobriu traços semelhantes a canais que iam de um mar a outro. Quatro anos mais tarde, êstes canais pareciam ter sido desdobrados, e, ainda hoje o fenômeno não recebeu explicação suficiente. Se nos reportamos a descrições de observadores antigos, vamos encontrar dados que permanecem: haveria então em Marte mares e continentes.

As grandes regiões de tonalidade amarelo-vermelho, parecem ser vastos desertos. Algumas vêzes essas regiões são envolvidas por ligeiros véus amarelados, estando os observadores tendentes a supor se trate de tempestades de areia. Tôda uma literatura surgiu com a notícia dos famosos canais de Marte. Em virtude de seu traçado ser engenhoso, pensou-se terem sido construídos pela mão humana. Mas isto é pouco provável, uma vez que a maior parte dos mesmos tem mais de cem quilômetros de largura e alguns chegam a atravessar a metade do globo marciano. Não haveria explicação para tamanhas proporções, mesmo se os seus criadores fôssem gigantes, em virtude da penúria dágua naquele planêta.

Contudo, um dos partidários da teoria de que Marte é habitado, o astrônomo Louvell, encontrou para isso explicação plausível: as tais linhas retas não seriam pròpriamente canais, e sim zonas de vegetação formadas pela irrigação à direita e à esquerda dos canais, que, muito estreitos, não seriam visíveis. Aí a razão por que os mesmos só aparecem no verão, crescem e se alargam vagarosamente. Mas isso não passa de hipótese como outras tantas.

● **O TERCEIRO SEGRÊDO DE MARTE** — As manchas de um amarelo-vermelho claro não mostram, por assim dizer, mudanças de côr (são essas manchas que fazem acreditar, até agora, na existência de continentes ali); mas que as «regiões marinhas» apresentam tons variados em seus contornos. Conforme as estações, passam do azulado a verde-cinza e ao moreno-escuro. Isso constitui o terceiro mistério de Marte, depois dos canais e da população humana ali imaginada pelos sábios da Terra. O professor russo Tikhov d'Alma Ata observou ùltimamente mudanças de côres no planêta. Viu aparecer imensas «toundras» violetas em certos pontos. Ora, nas regiões de nosso globo onde o clima se aproxima do de Marte, — nas «toundras» siberianas — a vegetação, vista de longe, tem o mesmo aspecto azulado. Isto faz supor que a vida, sob uma forma particular, é possível em Marte. Esperemos, pois, agôsto de 1956. Os gigantescos telescópios dos quais os astrônomos disporão, talvez venham a permitir a solução e descoberta dos três segredos do nosso vizinho celeste.



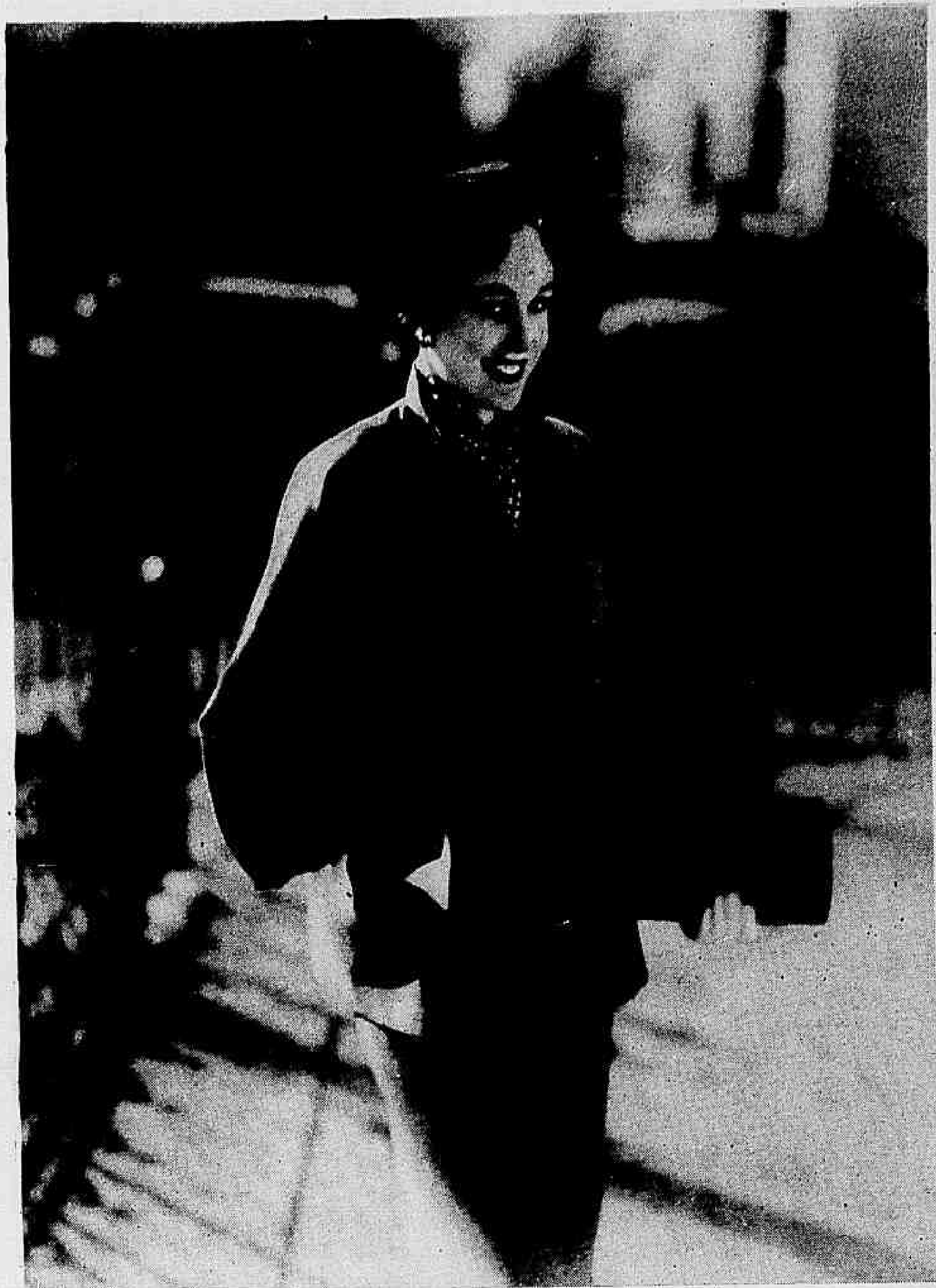
Para as futuras mamães

NOVA YORK — maio, 1954 (por Gay Lombard — correspondente exclusiva da REVISTA DA SEMANA nos EE. UU.)





Original modêlo em "shantung" de sêda italiano, côr de mel, com punhos e enfeites azul-marinho. De Eleonora Garnett.



Um casaco mais abrigado; saia no mesmo tecido. O transpasse é mantido fechado, por botões colocados internamente.

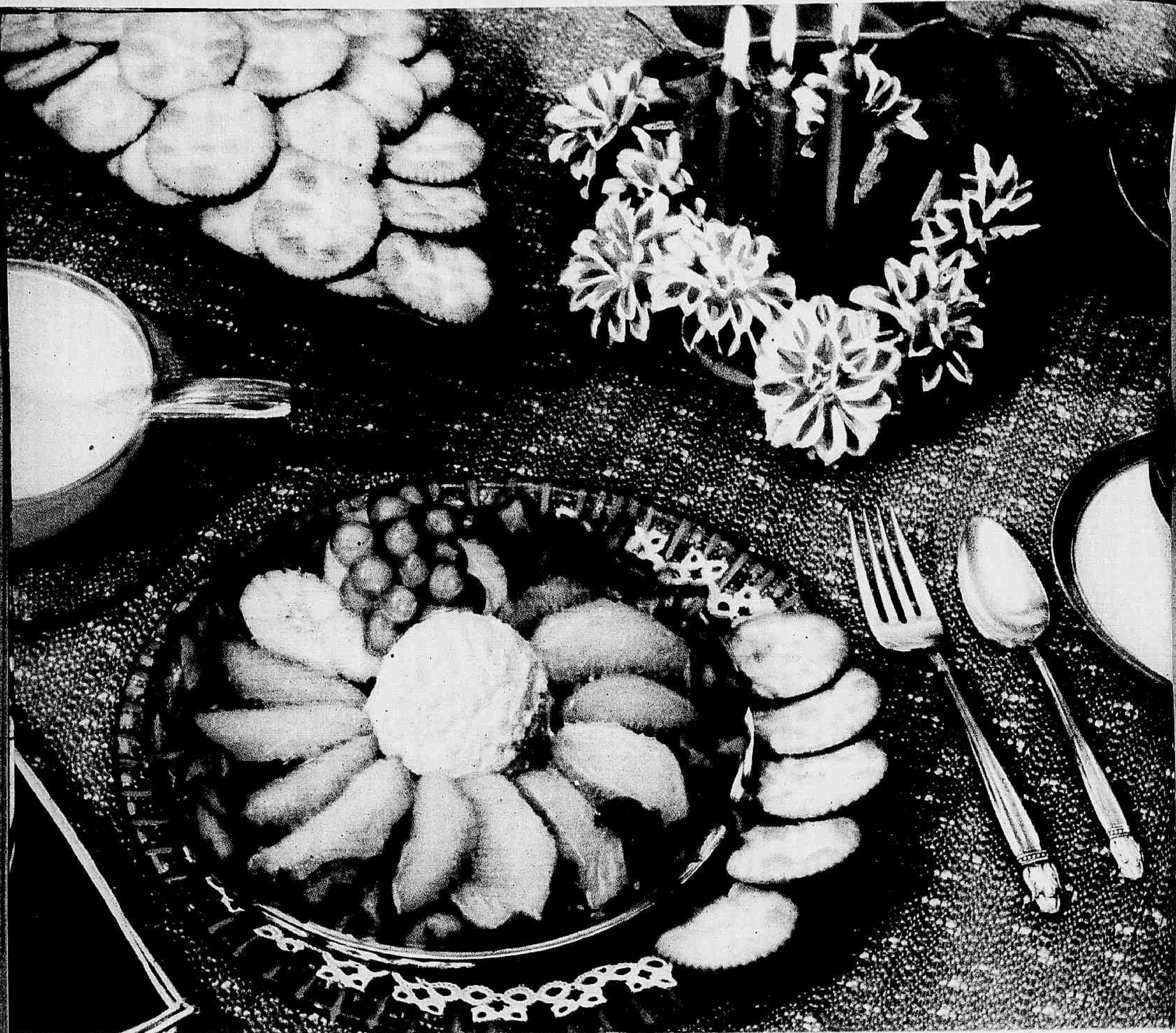
OS costureiros norte-americanos organizaram alguns desfiles especiais para apresentar os últimos modelos de trajes para gestantes, numa espécie de «avant-première» do Dia das Mães, que se comemora intensamente aqui nos Estados Unidos. Os modelos são — de um modo geral — bem simples, e não fogem da linha clássica: saia e bata. A saia, com uma abertura coberta por tecido fino, e com elástico na cintura, a fim de proporcionar confôrto à futura mãe. Esta abertura se oculta sob a bata, de bom comprimento. A bata conserva sua forma tradicional, de corte reto, com certa largura (mas não demasiada) e suas linhas são discretas, apenas acentuadas por carreiras de botões, punhos e golas em côr que contraste, ou o corte mais original de um bôlso...

Preferiram também os tecidos grossos, que caem melhor em duas peças, em côres clássicas, ou suaves; quando muito um estampado discreto em duas tonalidades. As fotografias ilustram bem a concepção moderna de vestuário para as futuras mamães.

◀ O linho mescla foi escolhido para êste conjunto para as futuras mamães. Criação de Pearl Arts.



Em grossa sêda marinho com estampado miúdo em branco, num modêlo prático, com pala redonda e botões na frente.





LARANJAS E LIMÕES

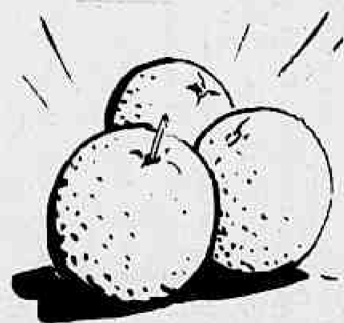
"Salada de laranja" para servir com pato" — foi o pedido de uma leitora desta seção. Isso me sugeriu a apresentação de outras maneiras pouco usuais de saborear limões ou laranjas — cuja estação começou a pouco. — Tia Dulce

A SALADA DE LARANJA é bastante simples: descasque, tire a pele, e corte a laranja, em secções regulares. Tempere com um môlho de azeite e vinagre, ao qual deverá acrescentar uma pitadinha de açúcar. Se preferir, pode substituir o vinagre pelo caldo de limão. Prepare a salada de laranja com certa antecedência e deixe-a em repouso (temperada) por uma hora ou pouco mais. Sirva com alface ou agrião — ou com ambos — que conseguirá um prato muito saboroso. Os apreciadores de cebola podem acrescentar finas fatias das mesmas, que devem ser adicionadas junto com os temperos e deixadas em repouso com a laranja. As fôlhas sòmente são acrescentadas no último momento. Essa salada acompanha muito bem um pato assado, ou uma galinha d'Angola (cocar).

● Se quiser acentuar mais ainda o sabor da iguaria, sirva junto também um **môlho de laranja** — que se prepara com laranja ácida. Existem duas receitas muito boas dêste môlho, uma delas assinada pelo famoso Escoffier e que é a seguinte:

Faça um caldo com as partes do pato ou da galinha d'Angola não aproveitáveis. Acrescente um pouco de açúcar caramelado, dissolvido em uma colher das de sopa de vinagre de vinho, o suco de uma laranja grande e de um limão pequenino. Junte pedacinhos de casca de laranja e de limão (sòmente a parte externa, de côr, que é onde há sumo) cortadas bem miudinhas.

● Porém, o môlho de laranja não é sòmente agradável com pato ou cocar. Será delicioso com costeletas de porco ou carneiro o **Môlho de Laranja e Menta** — muito apreciado nos Estados Unidos.



Misture uma colher das de sopa de caldo de laranja, a mesma quantidade de caldo de limão e algumas folhinhas de hortelã pimenta, picadas muito fininhas: junte quatro colheres das de sopa de suco de abacaxi e tempere com um pouquinho de açúcar. Deixe descansar por meia hora e sirva como está.

● Antes de passar para a receita de limão, na próxima vez que preparar filé de peixe grelhado ou frito, experimente servi-lo com fatias muito finas de laranja introduzidas no meio de cada pedaço, como recheio. Creio que nunca comeu nada mais delicioso!

Inverno... Primavera... verão...

3 estações do ano em que sua pele exige de você cuidados especiais.

ANTISARDINA...

3 fórmulas de creme científicamente preparado para atender os reclamos da cútis feminina em tôdas as estações do ano



Antisardina

3 escudos para proteger 3 vezes mais a pele feminina contra as intempéries que tanto mal causam ao frescor e beleza da mulher —

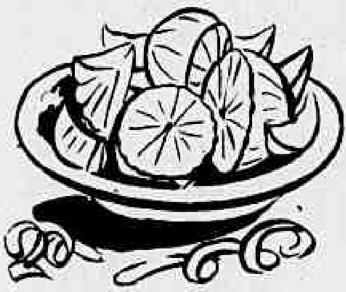
USE, POIS, os 3 tipos de ANTISARDINA e prolongue 3 vezes mais a sua juventude e beleza





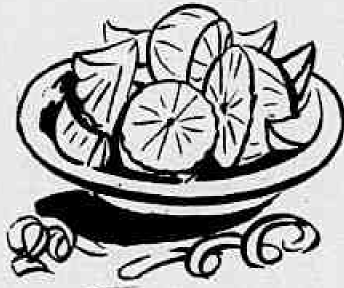
ANTISARDINA renova as células gastas da epiderme, protege as celulas novas, restitui à pele cansada, ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc.
ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados





● Passemos agora a **SOPA GREGA DE LIMÃO** — que fechará com chave de ouro as receitas de hoje. Ferva meio litro de caldo de carne ou de galinha, com uma cebola cortada em dois dentro. Depois acrescente 50 gramas de arroz cru e ferva mais, até que fique cozido. Tire, então, os pedaços de cebola.

Numa tijela grande, bata um ôvo, juntamente com o suco de um limão pequenino. Bata bem, para que fiquem misturados. Junte a esta mistura a sopa quente, uma colher de cada vez, mexendo sempre, para que o ôvo não cozinhe em pedaços. Torne a pôr
mexendo sempre, para que o ôvo não cozinhe em pedaços. Torna a pôr
deixe ferver outra vez. Sirva com torradas, e nunca mais se esquecerá dessa receita!



● Uma outra receita de **MÔLHO DE LARANJA**, também deliciosa, é esta: Ferva uma xícara e meia de caldo de carne escuro e junte-lhe mais ou menos a mesma quantidade de vinho clarete; tempere com salsa, pimenta, o suco de duas laranjas ácidas, e um pouco de casca ralada da mesma.

Aquêles que preferem um gôsto mais acentuado de vinho, podem preparar o môlho de outra forma: pique duas cebolas, misture com a casca ralada de uma laranja, e um pouquinho de pimenta. Ponha numa panela, derrame por cima um pouco de caldo, e um copo de vinho do Pôrto. Ferva por cinco minutos. Acrescente o suco de laranja e de um limão. Passe numa peneira fina e sirva.

Maria Augusta (50 anos)

CATULO, NA INTIMIDADE

Mais do que ninguém, Maria Augusta poderá falar de certas particularidades relativas à vida íntima e ao temperamento de Catulo, com quem viveu durante 35 anos de perfeita compreensão e afetividade. Foi com essa intenção que organizamos uma série de perguntas estilo **ping-pong** e que a ex-companheira do poeta respondeu prontamente, na sua linguagem de quem só sabe ler «para uso próprio», conforme diz.

— Catulo era bom para a senhora?

— Era, e até de mais. Não podia me ver doente, ficava doidinho...

— Tinha ciúmes da senhora?

— Ciúmes de mim, pra quê, se eu não via outro homem na terra senão êle?

— Mas a senhora tinha ciúmes dêle, não?

— Ah, eu tinha. Comigo era no duro. Mas o velho era muito respeitador e nunca me deu um só desgôsto. Nunca discutimos. A gente vivia um para o outro, na dor e na alegria.

— Catulo vivia sempre **liso?**

— Que nada! Êle ganhava dinheiro com a venda de livros e com seus recitais. Só houve um tempo em que êle estêve muito sacrificado, e eu, para ajudá-lo, fui trabalhar na casa de d. Nenem, irmã de Sílvio Caldas, ganhando Cr$ 50,00 por mês. Naquele tempo era muita coisa...

— Nunca deram a Catulo um bom emprêgo?

— Coisinha! Primeiro êle trabalhou como fiscal de encadernação na Imprensa Nacional (secção das moças), ganhando Cr$ 10,00 por dia. Depois houve um corte no pessoal, e o dr. Pires do Rio conseguiu arranjar-lhe um lugar como datilógrafo da Central do Brasil.

— Em quantos dias Catulo escrevia um poema?

O poeta e a companheira saudosa. Enquanto vivo, Catulo teve em Maria Augusta o anjo de sua guarda. Após sua morte, ela continua amando-o com a mesma dedicação

O ANJO (negro) DA GUARDA DE CATULO

Vive de lavar e engomar, para conservar as relíquias daquele com quem viveu durante 35 anos ★ Catulo da Paixão Cearense, na intimidade ★ Uma dívida que a Nação tem a pagar: adquirir e transformar em Museu a casa onde o poeta se despediu dêste mundo.

Reportagem de ROGACIANO LEITE

EM 1904 nasceu em Recife uma pretinha que se chamou Maria Augusta e que logo ficou órfã de pai e mãe. Passou a viver bolando pela casa alheia e, menina ainda, veio para o Rio em companhia de d. Virgínia de Sá, com quem foi morar na rua Joaquim Silva, esquina com a rua da Lapa. Sua patroa só lhe dava mesmo a comida e o teto. Nem sequer um vestido ou um par de chinelos. Nas horas de folga, Maria Augusta lavava e engomava para fora, a fim de poder comprar as suas «coisinhas». Sua vida limitava-se num círculo de sacrifícios e desejos insatisfeitos e ela — a esta altura já mocinha — não antevia os horizontes pelos quais se encaminhariam as linhas ou melhor, as curvas do seu destino. Entregar-se-ia a qualquer malandro da Lapa ou acabaria tuberculosa, no leito de algum hospital? Não. A sorte lhe reservou algo melhor.

AQUÊLE HOMEM ESQUISITO

Certa noite, há muitos anos, Maria Augusta foi à rua da Lapa visitar uma sua amiga cearense, a quem tratavam por d. Maroca. Ao entrar, viu «aquêle homem esquisito» ruminando silêncio a um canto da sala. Tinha o nariz grande e recurvo, a corrente do relógio brilhando à lapela, e rodava entre os dedos longos o cabo de um guarda-chuva que havia sido prêto. Ao ver Maria Augusta (que àquele tempo devia ser um «brotinho» negro bem simpático), o «homem silencioso» dirigiu-lhe «uns olhos compridos», de quem desejava alguma coisa...

Aquêle homem era Catulo da Paixão Cearense que, logo depois, por intermédio de d. Maroca, convidava Maria Augusta para viver em sua companhia.

— A princípio eu fiquei sem saber o que fizesse — diz Maria Augusta — mas, como d. Maroca afirmou-me tratar-se de um homem muito bom, acabei aceitando o convite. Era melhor do que viver bolando pela casa dos outros...

ITINERÁRIO DOS DOIS

Inicialmente, Catulo e Maria Augusta foram morar na rua Francisca Méier, nº 37 (Engenho de Dentro), onde o poeta comprou por Cr$ .... 1.000,00 um terreno de 11 x 60 m, terreno êste que êle vendeu, mais tarde, por Cr$ 7.000,00. Algum tempo depois mudaram-se para a rua Dias da Cruz, nº 943. O senhorio era «seu» Jorge, dono da Farmácia Centenária, e o aluguel (por se tratar de Catulo) foi reduzido de Cr$ 110,00 para Cr$ 105,00 mensais. Decorrida uma boa temporada, voltaram novamente (e definitivamente) para a rua Francisca Méier, 78, casa 3 (hoje rua Catulo Cearense), onde o grande poeta faleceu a 10 de maio de 1946.



CATULO

— Conforme. Mas era depressa. Êle metia o lápis no papel e num instante dava conta de tudo. Depois me chamava pra ouvir e dar a minha opinião.

— É verdade que êle tomava uma «pinguinha»?

— Mentira! Êle sofria de arterioesclerose, não fumava nem bebia. Não gostava nem de tomar muito café para não ficar nervoso.

— De que é que êle mais gostava?

— Da Lua, de crianças, de pássaros, de animais e de pintura.

— É verdade que êle chegou a criar 60 cachorros de uma só vez?

— Tanto assim, não. Mas criava muitos, que os amigos davam de presente. Cada um tinha um nome. Era quase tudo em francês. O último que morreu chamava-se «Bouvier». Morreu oito dias antes da morte do velho. O que a gente tinha muito era passarinho, além de três papagaios faladores. Um dêles foi presente do nosso grande amigo dr. Astério de Campos. Por isso eu lhe batizei de «Astério». Os outros dois chamavam-se «Nicola» e «Caruso».

— Não resta mais nada do tempo de Catulo?

— Restam um canário da terra, um belga e um coleiro — que eram os mimos do velho.

— Catulo dizia à senhora que era casado?

— Nunca me negou. Êle casou aos 18 anos de idade. Sua espôsa ainda hoje está viva. Chama-se d. Hermelinda. Quando o velho morreu, ela estêve aqui em casa.

— Sabe se êle teve outra companheira além da senhora?

— Antes de mim êle viveu com uma, de nome Teodora. Mas foi pouco tempo.

— É verdade que quando êle ia receber visitas mandava a senhora «lavar as paredes»?

— Que nada! É porque naquele tempo a gente morava num barracão de madeira onde havia uma cortina separando a cozinha. Inventavam muita lenda a respeito do velho...

— Êle tinha raiva dos críticos literários?

— O velho não tinha raiva de ninguém no mundo. Podiam dizer dêle o que quisessem, que êle nem ligava. Ora, Agripino Grieco vinha aqui em casa quase todos os domingos...

— Catulo nunca mostrou desejo de rever o Maranhão?

— Como, se êle tinha pavor do mar? Várias vêzes êle rejeitou convites até para ir a França. Não foi, com mêdo de viajar de navio.

— A senhora testemunhou algum entendimento entre Guimarães Martins e Catulo, a respeito dos direitos autorais do poeta?

— Nunca assisti a nenhum entendimento. Só sei que êle (Maria Augusta não gosta sequer de dizer nem de ouvir o nome de Guimarães Martins) vivia diàriamente conversando com o velho e batendo a máquina uma papelada enorme. Do resto, não dou notícia...

O MUSEU DE CATULO

Ao contrário do que muitos pensam, a casa de Catulo nunca foi adquirida pelos poderes públicos nem transformada oficialmente em museu. Houve apenas isto: com a morte do poeta, o dr. Astério de Campos (então secretário da Educação da Prefeitura) reuniu um grupo de amigos e fundou a Sociedade Catulo Cearense, que se encarregaria, entre outras finalidades, de pagar o aluguel da casa, até que a mesma revertesse ao patrimônio histórico nacional. Acontece que a dita Sociedade teve uma vida muito efêmera, e o dr. Astério (um dos grandes amigos de Catulo) é quem vem pagando, do seu próprio bôlso, o aluguel correspondente.

Todavia, ao que fomos informados, vários intelectuais cariocas estão no momento trabalhando junto aos poderes competentes no sentido de que seja realmente adquirida e transformada no Museu de Catulo a casa onde ainda hoje vivem (numa doce e espiritual afinidade) a leal companheira e as relíquias do mais **brasileiro** dentre todos os poetas nacionais. A casa, aliás, está precisando de urgentes reparos, pois se encontra bastante deteriorada, suja, com as portas quebradas e o teto ameaçando desabar. E Maria Augusta (50 anos de idade), que só possui mesmo a vida e um ferro de engomar, nada pode fazer — embora tudo aquilo seja a única razão dos seus últimos dias de existência, pois não tem mais nenhum parente vivo sôbre a Terra.



Maria Augusta vive dia e noite agarrada ao ferro de engomar. Seu pensamento, entretanto, repousa na lembrança do poeta com quem viveu durante trinta e cinco anos.



Entre os Santos de sua devoção, Maria Augusta pôs também (sem qualquer profanação) um busto de Catulo, em cuja intenção dirige a Deus as suas orações diárias.



O diploma (na foto) foi conferido a Catulo pela Associação Católica de Moços do Rio de Janeiro, em cuja sede o poeta leu o seu poema intitulado «O Testamento da Árvore». Vê-se também sapatos e os guarda-chuva por êle usados.

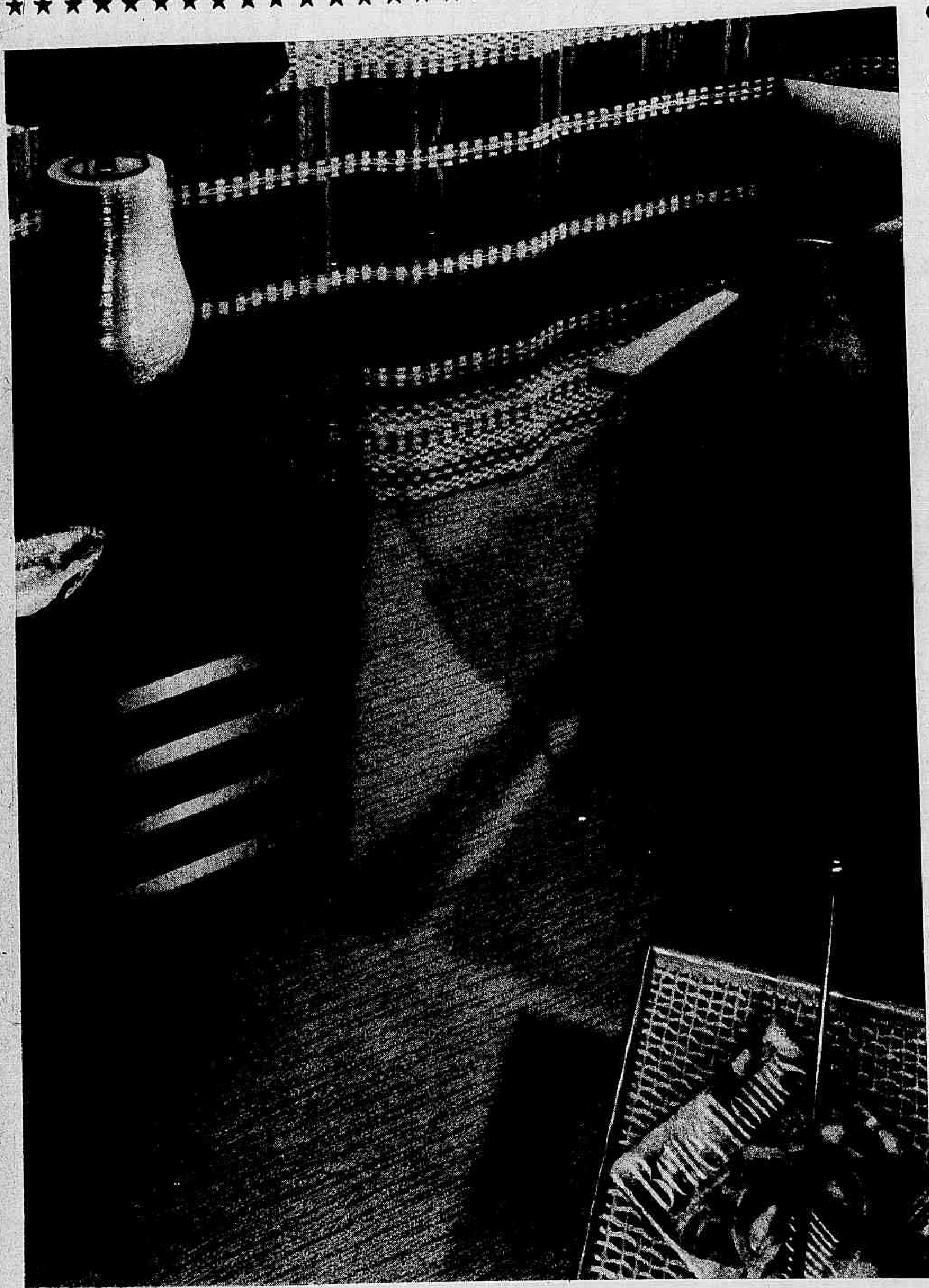


As relíquias de Catulo resumem-se nalguns móveis, livros, quadros de pintura, autógrafos, retratos de amigos, imagens de santos e objetos de uso pessoal.



Foi nesta cadeira que Catulo exalou seu último suspiro. Quando estava morrendo — diz Maria Augusta — apontava para mim e dizia: «Não chore, não chore...»

Conversa de MULHER



SUGESTÃO PARA O LAR

● **A fotografia que hoje ilustra esta crônica de decoração, foi tirada de um ângulo pouco comum. Deixa, porém, perceber-se muito bem certos detalhes interessantes dêste ângulo de sala moderna. O móvel mais característico é a mesinha com gavetas de puxadores embutidos, encimada por abajur com pé em cerâmica, originalíssimo. No primeiro plano, uma outra mesa, — de centro — que em vez de tampo tem uma bandeja de corda trançada para revistas e jornais.**

A cadeira, forrada em tecido listradinho, de algodão, é armada em tubos de ferro, pintados a pistola. O mais interessante, porém, é a cortina de palha trançada que forma o fundo. Em tonalidades vivas, contrasta com o verde discreto da poltrona e o cinza do tapête — de Maggee. Um conjunto muito original, como vêem, que servirá de inspiração para a decoração de uma sala de estar bem moderna. — NIKE.

● MULHERES «BARBEIRAS»



Absolutamente não estou me referindo à maneira de guiar automóvel de certas mulheres... a palavra «barbeira» vai aí usada em seu verdadeiro sentido. Pouca gente sabe que na Inglaterra já existem 400 mulheres trabalhando em barbearias. Não como manicuras, mas com a tesoura e a navalha. O secretário da Federação Nacional dos Cabeleireiros Britânicos, sr. Briggs, declara mesmo que em 1954 êsse número aumentará. A causa? Os homens preferem ser cabeleireiros de senhoras, pois êsse setor da profissão lhes rende muito mais. Assim, pouco a pouco, vão abandonando às mulheres o encargo de cuidar dos cabelos e das barbas masculinas.

● ROSA OU AZUL?

Essa é a grande dúvida das mães que esperam bebê. Preparam o enxoval sempre no escuro, e muitas fazem tudo branco deixando para colocar depois lacinhos rosa ou azul, conforme venha a nascer um menino ou menina. A ciência até hoje não descobriu um processo certo de determinar o sexo da criança que vai nascer. Existem alguns, mas não ainda comprovados, e de difícil observação. No entanto, o dr. Eduardo Novitski — Diretor do Departamento de Estatística Vital da Universidade de Missouri — verificou que, quanto mais idoso o pai maiores possibilidades tem de ter uma filha em vez de um filho. Sua teoria surgiu da observação de milhares de famílias numerosas, em que os filhos mais velhos são homens, seguidos de uma porção de mulheres. A idade da mãe não tem nenhuma influência sôbre isso.

● JORNAIS PERFUMADOS



As donas de casa chilenas não porão mais fora a primeira página de «La Nación» — jornal chileno que aos domingos sai com uma tiragem de 150 mil exemplares. Será guardada para forrar gavetas, e prateleiras de roupa de cama e mesa. E' que essa página vai ser impressa em tinta perfumada, fornecida ao jornal por uma importante fábrica de essências de Santiago do Chile. «La Nación» vai ser, assim, o primeiro jornal do mundo «perfumado».

● AMOR, GUERRA... E MÚSICA

Acabam de ser publicadas no Canadá as composições musicais de Mary Gordon, que serão gravadas em discos, e transmitidas pelo rádio e pela televisão. Mary não é uma compositora como as outras. Começou quando o marido estava na guerra. Em cada carta mandava-lhe uma canção, pois achava a palavra escrita insuficiente para expressar tudo que sentia. Terminado o conflito, animada pelo marido e pelos que ouviram as canções, colecionou-as sob o título «Estou sòzinha». Encontrou um editor para sua obra, que lhe ofereceu um bom contrato — incluindo gravação e transmissão pelo rádio e pela televisão.

Mary continua a compor canções, que, afirmam as críticas canadenses, são das mais bonitas no gênero sentimental. — **Lígia Junqueira.**

UM POUCO DE BELEZA

Cuide do pescoço

★ Tanto quanto o rosto, o pescoço deve ser tratado com os cremes necessários à sua limpeza e vitalização. Se você é jovem, não é razão para descuidá-lo, ao contrário, aplique-lhe o mesmo tratamento diário que dá à pele do rosto, para que mais tarde um pescoço enrugado e envelhecido não venha revelar uma idade que não é a sua (ou pelo menos, não é a que você queria ter).

★ À noite, quando estiver preparando-se para deitar, passe o creme vitalizante também no pescoço, até quase a linha que vai de uma axila à outra. Se já nota algumas ruguinhas desagradáveis não desanime. Comece o tratamento com massagens diárias, que devem ser bastante prolongadas, até a pele ficar avermelhada e o sangue vir à sua superfície. Use para essa massagem o seguinte preparado:

Lecitina pura	**20 gramas**
Óleo de amêndoa	**180 gramas**
Lanolina	**50 gramas**

(para 250 gramas de creme).

★ Depois de realizada a massagem, passe sôbre a pele do pescoço e do colo o seguinte adstringente:

Água de rosas	**350 gramas**
Alúmem	**150 gramas**

(receita para 500 gramas).

Não desanime, principalmente. A persistência e o otimismo constituem sempre o melhor dos tratamentos de beleza!

JÚLIA DE MILO

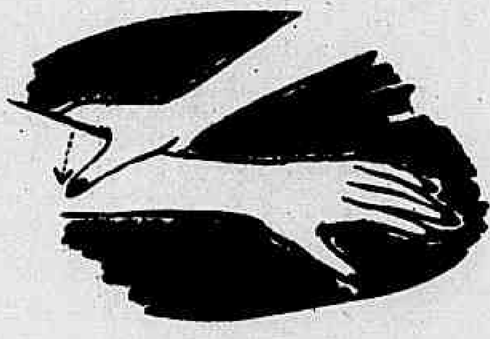
As artistas do cinema sabem o valor de um pescoço e um colo bem cuidados. Andrey Hepburn — a «estrelinha» mais famosa da atualidade — dá a ambos o mesmo tratamento diário do rosto. (Foto Paramount)

Exercício para os braços

PARA EMBELEZAR e descansar os braços, eis uma série de ótimos exercícios, que você poderá praticar diàriamente: Coloque um dos braços esticado sôbre a mesa, com a palma da mão para baixo. Com a outra mão, aperte a carne do músculo com firmeza, a começar do cotovêlo para os pulsos. Depois repita os mesmos movimentos em sentido inverso, isto é, dos pulsos para os cotovelos.



★ Envolva o braço com a outra mão, aperte o músculo com o polegar e faça movimentos como indicado pela pequenina flecha; depois, em direção oposta. Movimente a mão assim, gradualmente, em todo o comprimento do braço, do cotovelo para os pulsos.



★ Se usar nas mãos um pouco de loção apropriada, o movimento terá uma dupla finalidade: exercício para os músculos e beleza para a pele dos braços. Depois de terminado um braço, passe ao outro.

POROS ABERTOS

● As peles de poros abertos devem ser lavadas à noite com um sabão mentolado, idêntico a êsses usados para barba masculina. Põe-se na palma da mão, faz-se espuma com um pouco dágua, e passa-se sôbre o rosto. Deixa-se bastante tempo, antes de retirar com água fria.

O QUE É QUE CAYMMI TEM

DA ESTAÇÃO ATÉ O HOTEL: 25 CRUZEIROS DE TÁXI E 50 REVELAÇÕES

Texto de CARLOS MARIA DE ARAÚJO

Fotos de NORBERTO ESTEVES

O moço Caymmi, dos longos e gostosos bate-papos na Bahia e no Rio, do andar vagaroso, dos gestos repousados, parece um possesso nesta cidade de São Paulo. Chega no trem da manhã, precipita-se, já afobado, num táxi, vai ao hotel tomar banho e mudar a roupa, corre para os ensaios e os programas de rádio e de televisão e voa, depois, num táxi com motor a jato, até o trem noturno, de volta ao Rio. É um delírio. O único jeito foi ir esperá-lo na estação, perguntar coisas durante o trajeto até o hotel e terminar a entrevista ali mesmo. E eis o resultado dêste nosso jôgo de ping-pong falado.

PING — Como é que você entrou na música?

PONG — Comecei tocando no violão de papai. Fui-me viciando. E aqui estou.

PING — E como se fêz pintor?

PONG — Há uns dez anos, atrevi-me a pintar o meu retrato. Não fiquei muito assustado e fui continuando, assim, devagar...

PING — Você visitou a Bienal?

PONG — Só tive tempo de ver Tamayo, Paul Klee, Munch e Picasso. E os nacionais, vejo em casa dêles.

PING — Alguém afirmou outro dia que você ia cantar uma música nova do Ari Barroso. O que é que há?

PONG — Eu só canto música minha ou do Carlinhos Guinle... Tá bem?

PING — Dorival, o que é o amor?

PONG — Amor é fogo na roupa...

PING — Você é boêmio?

PONG — Ih! Êsse é um assunto que se presta a grandes libações...

PING — Quem «inventou» você?

PONG — Papai e mamãe, lògicamente.

PING — Eu quero referir-me à sua carreira de compositor.

PONG — O Almirante e o Teófilo de Barros Filho, mas sobretudo o Almirante.

PING — Como assim? Não foi a Carmen Miranda?

PONG — Não. A Carmen até nem gostou a princípio do «Que é que a baiana tem». Mas o Almirante persuadiu-a a cantar o troço.

PING — E quem «inventou» você como cantor?

PONG — Mamãe Bahia.

PING — O que é a Bahia?

PONG — Metade cidade e metade sereia.

PING — Por quê, sereia?

PONG — Sereia é o mar.

PING — Que opinião faz a família a seu respeito?

PONG — Um bom companheiro, mas muito chato, às vêzes. Acham que os pincéis e os cavaletes atrapalham a arrumação da casa. E também que eu encrenco as festas de «brotos» que minha filha Nana organiza.

PING — E durante essas festinhas, você não faz um «show»? Não canta?

PONG — Não deixam. Me mandam pôr na vitrola o «Because of you» e outros discos do Nat King Cole, e servir o guaraná.

PING — Escute: você topa qualquer pergunta?

PONG — Topo qualquer parada.

PING — Então confesse qual foi a maior aventura amorosa de sua vida, por causa da música?

PONG — Você quer que a Stella me mate?

PING — Que acha da nova geração de cantores da música popular brasileira?

PONG — Agora há cantores bons e cantores ruins. Antigamente havia artistas.

PING — Pode indicar nomes de alguns inimigos seus?

PONG — Eu não vou com algumas caras e os caras sabem disso...







Uma vez por semana Caymmi toma o «Vera Cruz» e vai a S. Paulo dar conta do seu programa. E por causa das dúvidas, só viaja de avião em último caso. Em 1937 Caymmi desceu do «Ita», aqui no Rio, de violão debaixo do braço. Passou 2 anos de miserê, mas depois foi a glória consagradora.



Há oito anos atrás Caymmi não tinha essa cabeleira branca de agora. Mas o resto da cara continua o mesmo.

PING — Qual a maior emoção de sua vida?

PONG — Tive duas grandes emoções. A primeira quando, bem no início da minha carreira, cantei para a Família Imperial, em Petrópolis. Parecia-me viver um conto de fadas. A outra emoção, foi quando deram meu nome a uma praça na Bahia.

PING — Você bebe?

PONG — Detesto o álcool. Até o cheiro me enjoa.

PING — O que você gostaria muito de fazer?

PONG — Uma viagem à Lua, com uma boa corriola.

PING — Então, quem levaria com você?

PONG — O Braga, para a crônica. O Maria e o Lôbo, para brigas. O Hugo Lima e o Carlinhos Guinle, para música e chistes. O Rocha, o Bernardo e o Iadir, que achariam tudo formidável. E um chato para ir mostrando à gente as constelações, e os planêtas. Todo mundo enchendo a cara. Vai ver que o foguete nem subia.

PING — Você acredita no diabo?

PONG — Não. Mas acredito no azar, urucubaca e despachos.

PING — Tem mêdo de avião?

PONG — Não, mas tenho mêdo de morrer, o que é diferente...

PING — Mas você não canta que é doce morrer no mar?

PONG — O Jorge Amado foi quem me garantiu que é.

PING — Como classifica você as mulheres?

PONG — As boas e as más.

PING — E qual o seu tipo ideal?

PONG — Chega-te às boas...

PING — Você é tímido?

PONG — Eu tímido, com esta cara?

PING — Então, se você estivesse em Itapoan, sòzinho, numa noite de lua, e das ondas lhe surgisse a Marylin Monroe, nuinha, pedindo-lhe um samba, você cantaria o João Valentão?

PONG — Não vejo razão para valentias musicais numa situação dessas...

PING — Por que é que você dá aquêle jeitinho aos olhos quando canta, por exemplo, «Eu sem Maria»?

PONG — Isso é pergunta que se faça?

PING — Então, esta é a última. O que mais adora você neste mundo?

PONG — Duas coisas: amizade boa e pura. O mar.



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projetos e inquietações povoa a mente das jovens exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça — espôsa e mãe de amanhã. Com efeito a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto **Regulador Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que freqüentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até avistados com o uso do **Regulador Gesteira.**

A ação que o **Regulador Gesteira** exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do **Regulador Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

Óleo de Peroba



COM ÓLEO DE PEROBA A SUA MOBÍLIA PARECE TER SIDO COMPRADA NA VÉSPERA

WINDSOR HOTEL



RUA GUAIANAZES 10

Telefone: 35-41-95

Enderêço telegráfico:

Windsorhotel

SÃO PAULO

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 **De quem é êste pensamento: «O amor faz nascer qualidades que a gente não tinha antes»:**

— Júlio Dantas?
— Pascal?
— Ovídio?

2 **Que quer dizer «Bonifácio»:**

— Bem vestido?
— Homem de bom coração?
— Boa fisionomia?

3 **Em quantos bilhões de habitantes se calcula a população do mundo:**

— Cinco?
— Três?
— Um e meio?

4 **Qual o nome primitivo de Nova York:**

— Hudson?
— Liberty?
— Nova Amsterdam?

5 **Qual a segunda cidade do mundo em população:**

— Londres?
— São Paulo?
— Berlim?

6 **Que nome tem a moeda no Equador:**

— Sucre?
— Pêso?
— Guarani?

7 **Em que parte de Minas nasceu Tiradentes:**

— Sabará?
— S. José del Rey?
— Vila Rica de Ouro Prêto?

8 **Quantos metros tinha a famosa estátua do «Colosso de Rodes»:**

— Cem?
— Vinte e cinco?
— Trinta e dois?

9 **Quantos anos durou a construção da Muralha da China:**

— Cem?
— Vinte?
— Cinqüenta e oito?

10 **O Canal de Suez fica entre:**

— Asia e Africa?
— América e Europa?
— Europa e Asia?

11 **Como se chamava o primeiro Imperador Romano:**

— Numa Pompílio?
— Rômulo?
— Remo?

12 **Em que ano foi restabelecida a soberania do Estado do Vaticano:**

— 1917?
— 1895?
— 1929?

13 **Quantas pessoas morreram imediatamente após a explosão da bomba atômica em Hiroshima, no Japão:**

— Dez mil?
— Sessenta mil?
— Trinta mil?

14 **Qual o país que possui uma montanha, de cujo pico se pode avistar, ao mesmo tempo, o Oceano Pacífico e o Atlântico:**

— Costa Rica?
— Cuba?
— Nicarágua?

15 **Pelo último recenseamento, qual o Estado do Brasil que apresentava maior densidade populacional:**

— São Paulo?
— Minas Gerais?
— Alagoas?

(Respostas na página 48)

CLASSIFICAÇÃO :

Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — selvagem.
De 4 a 6: cultura média — estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIM

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

E nós arrumamos, empanturrados ainda do primeiro jantar a bordo e tantos de sono, esperando os pratos como condenados à espera da execução. Serviram, para começar, um prato de sopa que me deu a impressão de que eu tinha de engolir todo o oceano; era uma espécie de água morna, levemente engordurada. O mesmo não se pode dizer do resto do cardápio.

Foi com irreprimível sensação de pavor que vimos chegar, pouco depois, uma travessa enorme de «gnoquis» farinhentos iguais aos que havíamos comido no jantar de bordo. Evidentemente, êles haviam sido cozidos e recozidos tantas vêzes que agora grudavam no fundo do prato com a fôrça e determinação de moluscos. Resolvemos, então, tentar levar a coisa esportivamente, estabelecendo uma espécie de concurso para ver quem conseguiria aguentar mais «gnoquis».

Isso me fêz lembrar um amigo que entrara em competição semelhante, sendo que, e mvez de «gnoquis», êle vencera conseguindo comer mais de cem doces folhados em menos de uma hora. Colette anunciou, triunfante, que já havia sob a mira de Montenegro, que a vigiava, por vêzes triste, por vêzes divertido, conseguido comer três, enquanto que Andrea, sempre com pouco apetite, estava mas sempre atento e preocupado. Depois disso veio um prato de carne que não consegui identificar e que acho não pode ser mesmo classificado em língua nenhuma conhecida. Mas, para explicar melhor e justificar as risadas que acolheram êste prato, devo informar que iguaria idêntica nos fôra imposta no primeiro jantar.

Eu continuava lutando para engolir mais pedacinhos de carne, enquanto, intimamente, fazia orações e votos de que semelhante castigo não tornasse a acontecer na minha vida. Como último recurso, começamos a fazer como as crianças que comem pouco e que, para despistar as mães desoladas, resolvem descentralizar o inimigo, isto é, espalham a comida em redor do prato, aos pouquinhos, para que percam a importância e se confundam com o môlho, no nosso caso anônimo, que acompanhava a carne não identificada.

Mas... como mãezinha vigilante, Montenegro estava em tôda parte e, principalmente atrás de nós, insistindo para que não deixássemos nada no prato e servindo mais!!!!

— Comam, comam — insistia êle, cortêsmente.

Catherine, por meio de gestos e caretas, nos dizia que ela não aguentava mais, ia explodir, estava morrendo, estava morta já. E Montenegro, inflexível, apontava para o seu prato, ainda quase cheio.

Para nós aquêles pratos, requentados alguns, frios outros, não tinham o menor sabor e tínhamos a impressão de representar uma cena de comédia em que as comidas são de papelão, com a diferença de que nas comédias ninguém obriga alguém a comer as ditas comidas de papelão.

Eu olhava atentamente para Montenegro, esperando um momento de distração sua para atirar o resto do meu prato para debaixo da mesa, quando êle estivesse de costas.

— Ora, para que vocês fazem tanta fita, tanto exagêro? — perguntou Gisele muito séria. — Até que o jantar está bonzinho...

Efetivamente, ela havia conseguido, não sei como, engolir uma boa quantidade de «gnoquis», imitada, de certo modo, por Colette. As duas, heròicamente, haviam conseguido comer suas porções de sopa e carne dissimulando, valentemente, o sacrifício. Imediatamente, num gesto coletivo de compreensível generosidade, todos os pratos se estenderam para ela que, sem dúvida, recusou com igual gentileza.

Para sobremesa recebemos pêras, duras como pedras.

Armado da mais forte coragem, tentei dar uma dentada na tal pêra, mas, em vista do insucesso e ante o perigo de prejudicar meus dentes, até aqui perfeitos, como num maravilhoso passe de mágica, consegui fazer desaparecer a fruta atirando-a no bôlso do casaco, o que me valeu grande elogio pela presteza com que «saboreara» a sobremesa e também recebi êste irônico comentário da inquieta Nicole:

— Mas, Michel! Você come as pêras com caroços, talo e tudo!!!

— Sim — repliquei, sem me perturbar. — Na verdade é o que mais aprecio... comer talos e caroços...

— Ah! Então aqui estão os meus... tenha a bondade, aceite.

— Ora, você é muito gentil!

E, sob o olhar impassível de Montenegro, tive de comer «gulosamente» todos os caroços e talos que me ofereceram e ainda sorrir deliciado.

E na hora de levantar... quem conseguia? Estávamos pesados e invadidos de uma moleza invencível, sentíamos barras de chumbo dentro do estômago!

— Pois bem, eu só espero tornar a encontrar aquêles franceses de Pggioreale para dizer a êles o que penso destas duplas refeições iugoslavas! — comentei a meia voz.

O mais extraordinário de tudo é que, terminado o sacrifício, não restava uma migalha sequer sôbre a mesa! Sim, digo bem: sôbre a mesa... porque embaixo da mesma havia alimento para um batalhão, mas isso é outra história.

Alguém, então, lembrou, alarmado:

— Mas, você, Montenegro! Você não jantou!

— Sim, é verdade, é isso mesmo — concordamos em côro.

E olhamos para êle, horrorizados. Havíamos sido tão educados, cordatos e obedientes que, sem discutir suas prezadas ordens, nos esquecêramos de fazê-lo participar do sacrifício... êle assim nos atirara no fogo e ficara de fora se divertindo, tranquilamente.

— É que eu encomendei jantar apenas para dez — respondeu êle, humildemente.

— Mas você nos devia fazer companhia! Nós teríamos dividido os nossos pratos com você, de boa-vontade, você sabe.

Êle nos olhou, emocionado pelo nosso cuidado, e respondeu:

— Não faz mal, eu não estava mesmo com fome...

Chegou o momento de nos despedirmos definitivamente de nossos amigos iugoslavos. Abracei Lena comovido e, sob os gritinhos ciumentos das minhas meninas e em têrmos rebuscados, agradeci a ela por tudo o que havia feito por nós, na Iugoslávia, garantindo-lhe, também, que guardaríamos uma lembrança inapagável daquela viagem que havia sido para nós uma aventura interessante e cheia de agradáveis surprêsas e emoções. Ela, então, olhou para mim com seu olhar frio e impassível e, como que insensível a tôda a minha retórica, perguntou:

— ... sinceridade nisso?

Eu fiquei um pouco desconcertado, mas repliquei:

— Mas claro que sou sincero!



Lena não me respondeu. O trem partiu e jamais vim a saber se ela havia acreditado ou não na minha sinceridade. Foi aquêle o último e indecifrável mistério iugoslavo. Olhamos para a paisagem com o ar despreocupado do funcionário que faz o mesmo trajeto quatro vêzes por dia. O trem, a tôda velocidade, nos levava para Veneza. O campanário surge ponteagudo, de repente, por trás da paisagem de areia e mar.

As pequenas se acotovelam ao meu redor, certamente temerosas de me perder naquela Veneza um pouco assustadora aos nossos corações, no seu traçado tortuoso e melodramático. Descobrimos uma cantina cuja dona parecia ter saído de um filme surrealista. Revíamos, mais uma vez, a atmosfera extraordinária daquelas cantinas italianas, onde o vovô, um tanto trôpego, ajuda a pôr as facas na mesa, o bambino traz os copos, a «sorella» os pratos, enquanto o gato passa e torna a passar roçando nas pernas de gente e ronronando como um ventilador velho. Sorrimos de prazer à simples evocação do «spaghetti» que vamos saborear.

A dona traz, afinal, com ar triunfante, onze pratos de delicioso alimento. Nós nos entreolhamos um pouco espantados e inquietos, como se sentíssemos a sombra de Lena ali entre nós. Mas, a dona, que não parece notar que trouxe um prato a mais continua a distribuição, enquanto os outros membros da família, em volta dela, parecem preparar-se para cantar um hino em nosso louvor.

O olhar da dona, malicioso e sorridente, está fixo em mim e eu comecei a me sentir pouco à vontade na minha cadeira, perguntando a mim mesmo o que estaria ela tramando.

— Ração dupla para o rapaz! — anunciou ela, finalmente, triunfante e feliz.

E colocou os dois pratos na minha frente, com um piscar de olhos significativos, enquanto a família tôda estourava em gargalhadas, que reluziram ao silêncio todos os outros ruídos ensurdecedores da rua.

Que fazer? Levantei-me, então, e, com o prato de «spaghetti» na mão, ergui um brinde à grande nação amiga. E, naquele momento, senti uma onda reconfortante e compensadora de todos os apuros que havia passado até ali.

★

É preciso mencionar que me restava ainda, no fim de nossa jornada, como que por milagre inesperado e inexplicável, um número razoável de liras, que eu pretendia consagrar à compra de um «écharpe» verde oliva que vi numa vitrina. Pois bem, já que não consegui adquirir um barrete servo compraria, pelo menos, um «écharpe» italiano.

É... mas tive a idéia infeliz de pedir o parecer das pequenas.

Ante a vitrina, onde estava exposto o desejado troféu, Nicole fêz uma caretinha e comentou:

— É... não é mau, não é mau, mas acho que não combina bem com a sua tez. Enfim, entremos para ver de perto — concluiu ela, com generosidade e condescendência.

Eu já ficara um pouco desanimado.

A princípio eu achara que o verde-oliva combinava perfeitamente com a côr da minha pele. Mas Nicole acabara por fazer nascer em mim uma dúvida atroz. O caixeiro, que falava francês, como todo veneziano que se preza, se precipitou para mim se desmanchando em exclamações entusiasmadas, vendo-me experimentar o artigo. Fitei a minha imagem no espelho com satisfação.

— Não lhe fica ab-so-lu-ta-men-te bem! — opinaram três das moças, categòricamente e a um só tempo. — Experimente aquele outro côr-de-laranja.

O caixeiro repriscu os comentários entusiasmados, enquanto eu experimentava o outro.

— É... vocês estão vendo. Êste não combina com o casaco, não, Michel, êste não é o que lhe serve.

E, num gesto decidido, Nicole fêz o caixeiro abrir mais três caixas, onde havia um sortimento de «écharpes» das côres e modelos mais variados que se possa imaginar. E eu experimentei um após outro, sem que nenhum satisfizesse às minhas meninas.

Ao fim de estafante escolha infrutífera, elas chegaram à conclusão de que eu devia era comprar um casaco amarelo-canário, feito especialmente para os freqüentadores de Saint-Germain des Prês. Recusei enèrgicamente.

— Sim, afinal você tem razão — falou Nicole.

E ela decidiu, por conta própria, que ali nada havia que me conviesse comprar.

— Ainda bem que eu estava junto com você — disse ela, quando saímos — ou você teria feito uma bobagem, comprando aquêle «écharpe» para arrepender-se depois. Em Paris mesmo, você encontrará coisa melhor e nem por isso mais cara.

Eu, no caso, nada tinha a dizer. Elas dispensaram a minha opinião.

Contra a fôrça não há resistência, pensei olhando para Nicole, que, depois, me dizia no tom mais natural, assim como quem pede um cigarro:

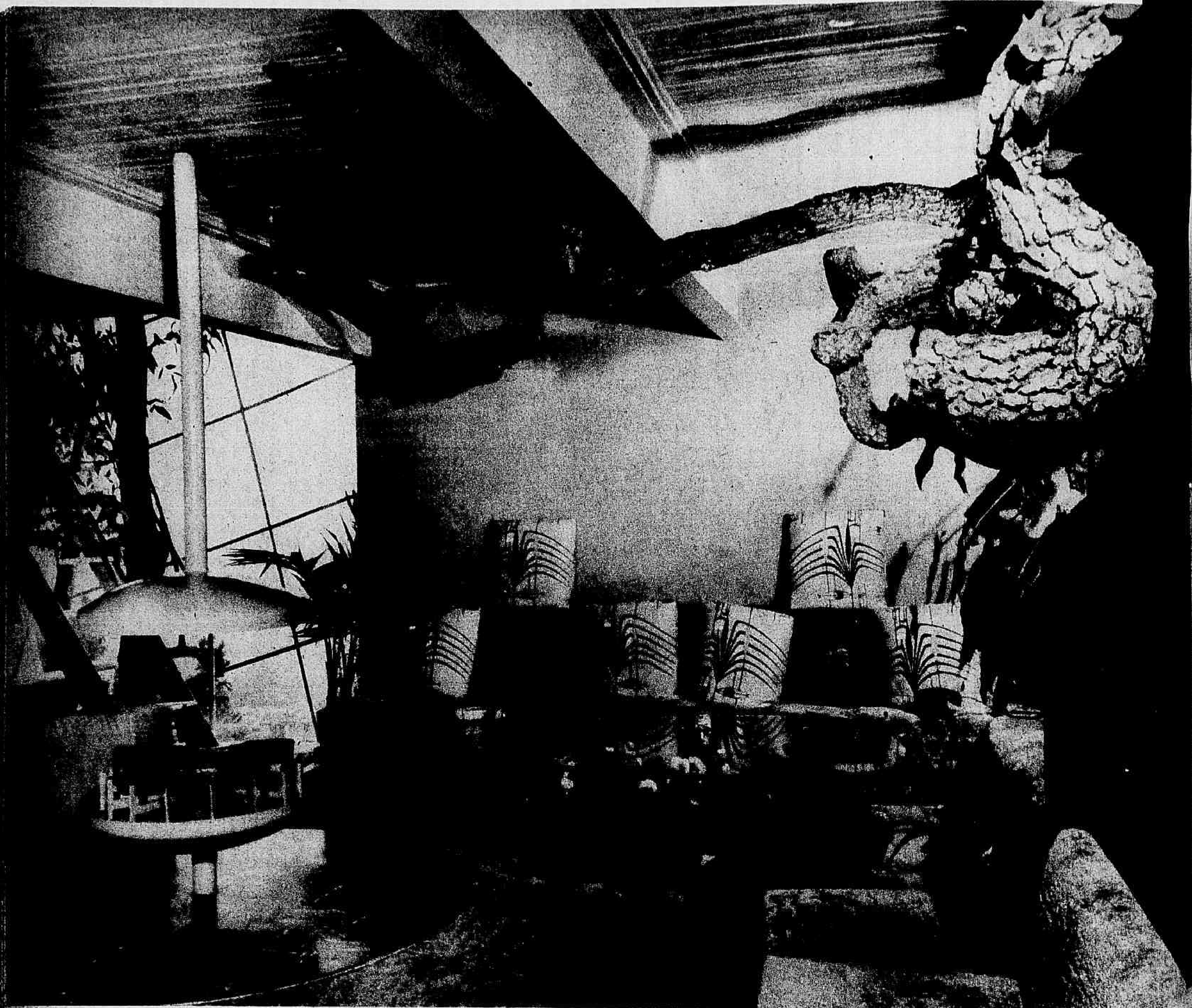
— Passe prá cá as liras que lhe restam, pois eu acabo de descobrir numa loja exatamente o tipo de meias com que venho sonhando há três anos.

E aí está porque eu não trouxe um «souvenir» sequer daquela maravilhosa viagem.

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

● O jovem Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida descobre que viajará em companhia de nove moças. Até o guia que os espera em Rijeka foi substituído por uma moça e o pobre rapaz se vê às voltas com elas tôdas, em aventuras que se passam na Casa de Estudantes em que se hospedam, na praia, no «subway», no museu, nas «boîtes», nas cataratas do Kirkas. As coisas pioraram quando resolvem agregar o grupo a outro grupo de turistas, pois os rapazes começam a assediar as nove pequenas e Michael tem de tomar atitudes defensivas por tôdas elas. Vão também a Zafta, onde visitam a residência-museu de um pintor extinto que não agrada a Michel e êste vem, depois, a saber, para seu desapontamento, que o mesmo estudou na Escola de Belas-Artes de Paris. Depois de certo tempo, Michel começa a cansar-se de ser sempre sacrificado, como único cavalheiro de seu grupo, e resolve reagir, o que muito surpreende as pequenas. De coração empedernido, êle se nega a ceder sua vez em tudo, como fazia a princípio, e sente uma satisfação íntima pela coragem que teve em tomar tal atitude. A viagem de volta a Rijeka, ponto de partida da visita ao país, se faz num vapor, onde outras peripécias se sucedem. Outra aventura é o jantar de recepção que lhes é oferecido por um amigo iugoslavo na mesma noite em que desembarcam, já um tanto superalimentados pela refeição feita a bordo, e que é levado avante como um sacrifício.



À primeira vista, esta fotografia parece estar de cabeça para baixo. Mas... não! Aquêles troncos estão mesmo encrustados na parede e no teto... e a iluminação é produzida pelo «abat-jour» suspenso que jorra a luz sôbre a exótica lareira em formato de concha!

A CASA MAIS LOUCA DE HOLLYWOOD PERTENCE A UM HOMEM SÉRIO

SEU DONO E IDEALIZADOR COMEÇOU COMO PEDREIRO E ACABOU COMO UM DOS HOMENS DE MAIOR PRESTÍGIO PERANTE O GOVÊRNO AMERICANO! ★ COGNOMINADO «O JÚLIO VERNE DO SÉCULO XX», HAL B. HAYES PÕE NO CHINELO OS «ASTROS» DE HOLLYWOOD EM EXCENTRICIDADE

Texto de DOROTHY SHAW

Fotos PRESS-CINEMA

ALÉM da industrialização da arte que lhe deu fama, a Meca do Cinema celebrizou-se também como o lugar onde a excentricidade domina de tal forma que muitas vêzes se esquece o que verdadeiramente significa uma vida normal... No mundo inteiro, escreve-se, fala-se e comenta-se a respeito das últimas peculiaridades dos «astros» e «estrêlas» hollywoodianos, pois cada uma procura agir da maneira mais exótica, a fim de adquirir a reputação de diferente. Contudo, no setor do estilo de casas — em que há uma imensa variedade na universalmente conhecida Beverly Hills — quem leva a melhor (ou a pior, de acôrdo com a interpretação do caso...) é um homem que nada tem a ver com cinema, a não ser os seus amigos que são, na sua maioria, artistas do «écran». Chama-se Hal B. Hayes, tem 42 anos, é solteiro e começou a vida como pedreiro a 20 dólares por semana, atingindo hoje a posição de um dos mais importantes inventores e construtores dos Estados Unidos, o que lhe acarretou também a invejável fortuna de **alguns** bilhões. Além de tôdas essas qualidades, Hayes vem se popularizando como um digno sucessor do falecido Atwater Kent, na arte de entreter seus convidados durante as fabulosas festas que oferece em sua casa.

É um anfitrião de primeira e às suas recepções nunca faltam celebridades como Joan Crawford, Robert Cummings, Ginny Simms, James Mason, Esther Williams, Shelley Winters, John Payne, etc. Mas não foi êsse lado de Hal B. Hayes que atraiu as minhas vistas de repórter. Com dinheiro, educação e desembaraço qualquer pessoa pode ser boa anfitriã. Contudo, não é apenas com boa vontade que se adquire o dom de esteta na intrínseca arte do bom gôsto! O que me embasbacou com referência a Hayes foi a audácia e originalidade da sua casa, uma das coisas mais fantásticas que já tive oportunidade de ver no mundo! Desde a aparência externa até os interiores, vive-se num ambiente de sonho, em que parecem mesclar-se a imaginação de Salvador Dali ao talento de Picasso. Pelas fotografias destas páginas, o leitor poderá ter uma idéia da casa, mas para se compreender como um ser humano consegue atingir tal ponto, precisaremos remontar ao passado.

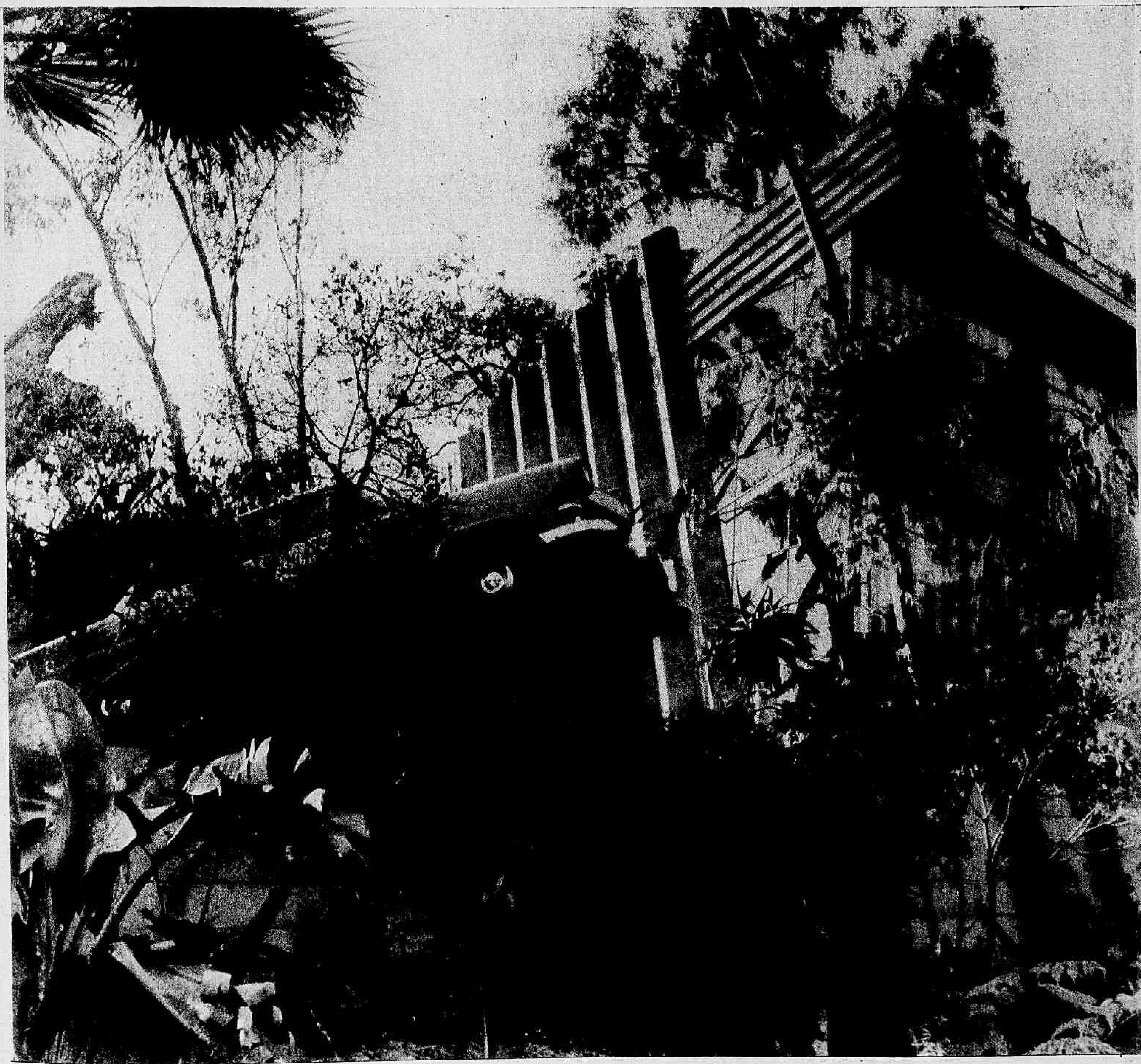


★

Embora dedicando-se à tarefa de construtor de modernos edifícios, Hal B. Hayes vem mantendo como «hobby» os seus engenhosos inventos há vinte anos. Contudo, na maioria das vêzes os mesmos acabam resultando em coisas de tão grande utilidade que lhe acarretam uma renda fabulosa — ainda maior do que a que percebe na sua verdadeira profissão. Em 1937, Hayes foi o primeiro a desenhar e construir um moderno automóvel de encomenda como o hoje famoso «rabo de peixe» do Cadillac. Em 1945, provou à revista «Life» que era capaz de fazer construir uma casa inteira com jardim replantado e tudo em menos de uma hora! Durante a II Grande Guerra, Hayes inventou um tipo de cimento armado super-leve que o Govêrno Americano está estudando para usar na produção em massa de navios para a Marinha de Guerra. Foi ainda êle quem criou essas máquinas enormes que são hoje usadas para emendar automàticamente com cimento as partes das casas pré-fabricadas. Quando se iniciou a guerra da Coréia e o Govêrno Americano precisou instalar uma base aérea no deserto Mojave, Hayes foi chamado para construir 1.000 casas no árido território, o que êle conseguiu num tempo recorde: 3 semanas! Desde então, é o favorito de Tio Sam para tais projetos relâmpagos, desincumbindo-se sempre brilhantemente das missões que lhe são confiadas.

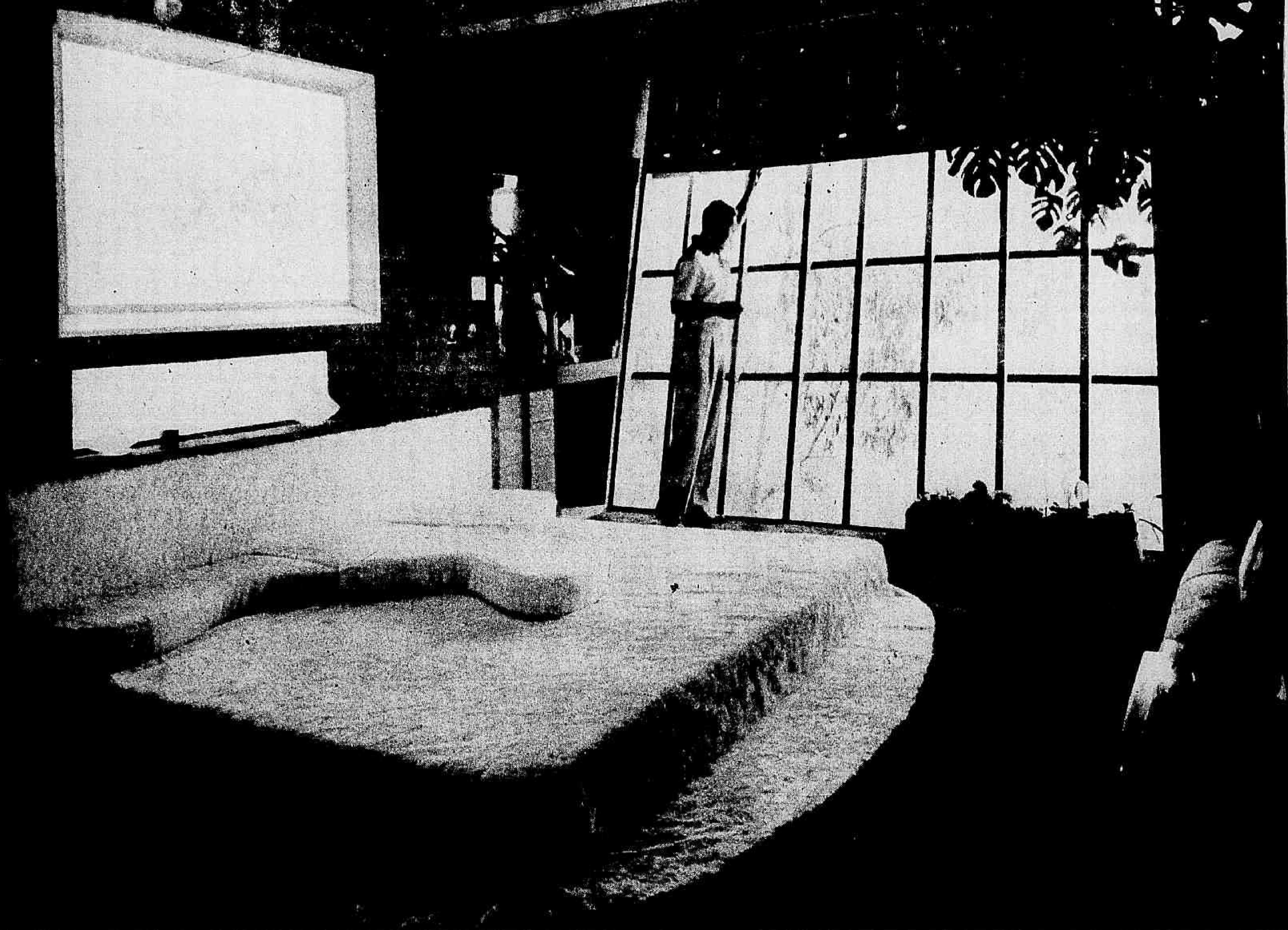
Mas, apesar de tudo isso, Hayes ainda encontra tempo para ser «o mais perfeito anfitrião de Hollywood». Sua fabulosa, modernissima e super-surrealista casa é hoje a mais célebre de Beverly Hills. E para quem duvida dos projetos inventivos de Hal B. Hayes, basta uma visita à sua residência para se acreditar em tudo o que ainda se contar a respeito dêle...

Construída em sete planos diferentes, o visitante vê-se transportado a um ambiente paradisíaco dos mares do sul desde o momento em que atravessa a porta de entrada em forma de um túnel que corta a montanha na qual a casa foi **encravada**. O «hall» é composto de uma alta queda dágua com milhares de orquídeas brotando dentre as paredes, sendo estas — por sua vez — formadas por rochedos de imitação de coral. Árvores verdadeiras foram plantadas dentro da casa, onde se pode encontrar maior variedade de flores do que numa floricultura. Um



Vista exterior da residência de Hal B. Hayes, em Beverly Hills. Notem a plataforma de estacionamento do carro. Até nisso êle quis ser diferente!

A casa mais louca...



O quarto de Hayes: uma enorme peça de borracha sintética esponjosa, que lhe serve de cama. A «colcha» é um tapête de pele de carneiro.

aparelho de televisão foi encaixado no tronco de uma árvore e a única cama da casa — no qurto de dormir de Hayes — é composta de uma alta peça quadrada de borracha esponjosa sintética (ultra-macia), colocada no chão sem qualquer armação de moças ou madeira. A banheira — única no mundo — é do formato ampliado do corpo humano e tôda cercada de vidro espelhado, de maneira que é transparente apenas para quem está dentro dela, pois do lado do jardim não se consegue ver através do mesmo. Há na casa cinco salões de festa, três bares e uma piscina de 26 metros de comprimento, ficando metade ao ar livre e metade recoberta de vidro, com calefação interna para o inverno. O pesado tapête do «living-room» **sobe** para a parede ao simples apertar de um botão; isolando completamente qualquer barulho da sala vizinha. As luzes são acesas ou apagadas mediante determinadas palavras em esperanto que a pessoa disser em tom alto. Há um abrigo anti-aéreo no porão, que armazena munições, comida e bebidas para, no mínimo, dois anos! Hayes desenhou tôdas as peças da mobília da casa, supervisionando pessoalmente a construção da mesma. O carinho que tem para com sua casa é imenso — **«não por causa do que me custou em dinheiro, mas pelo que significa na minha teoria de provar que o lar pode ser um paraíso na verdadeira acepção da palavra!»** Apesar de ter um grande escritório na cidade, Hayes prefere tratar de negócios em casa. Contudo, o seu automóvel é também um «business office», pois há instalados: um telefone, arquivo, máquina de escrever, ditafone, etc., mediante os quais Hayes pode resolver qualquer assunto que surja na sua fabulosa organização construtora. Na parte traseira do carro, encontra-se um bem montado bar, e na frente do assento, um jôgo de botões através dos quais Hayes controla a iluminação da sua casa, a vitrola, etc. Contudo, todos êsses confortos de uma vida luxuosa não nasceram com Hayes: êle os adquiriu à custa do seu próprio esfôrço, talento e engenhosidade. Seu sucesso começou quando ainda era pedreiro. Estava encarregado de uma reforma no St. Francis Hotel, em São Francisco, mas alguns dias após o início da mesma, quebrou uma dessas complicadas máquinas que expelem cimento através de um «revólver». Era sábado e a fábrica estava fechada. Hayes remexeu-a durante tôda a tarde de domingo e, na segunda-feira de manhã, apresentou-a funcionando perfeitamente ao atônito construtor, que o nomeou logo gerente da firma encarregada da reforma! Daí à sua própria companhia de construções foi um pulo para Hal B. Hayes. Mas o ambicioso rapaz não queria ser apenas um homem de negócios e começou imediatamente a requerer patentes para os seus já inúmeros inventos. Descobriu, então, que uma profissão ajuda a outra e passou a criar projetos que facilitam de tal forma a construção em massa de casas, túneis, pontes, etc., que se tornou um dos homens de maior prestígio perante o Govêrno Americano. É hoje conhecido em todo o país como o **Júlio Verne do século XX** e, quando o Exército fêz experiências com a bomba atômica em Las Vegas, Hayes foi o único cidadão à paisana — além da imprensa, naturalmente — convidado a testemunhar as mesmas, a fim de estudar as condições de construção após um ataque daquela natureza. Os cientistas dos Departamentos de Energia Atômica consideram o relatório de Hayes digno de uma verdadeira autoridade no setor nuclear. Tal reputação espalhou-se de tal forma que, recentemente, quando desembarcou em Paris, Hayes viu-se recebido pela polícia secreta francesa, que lhe pediu para não entrar na zona russa da Alemanha, pois os «soviets» poderiam sequestrá-lo!

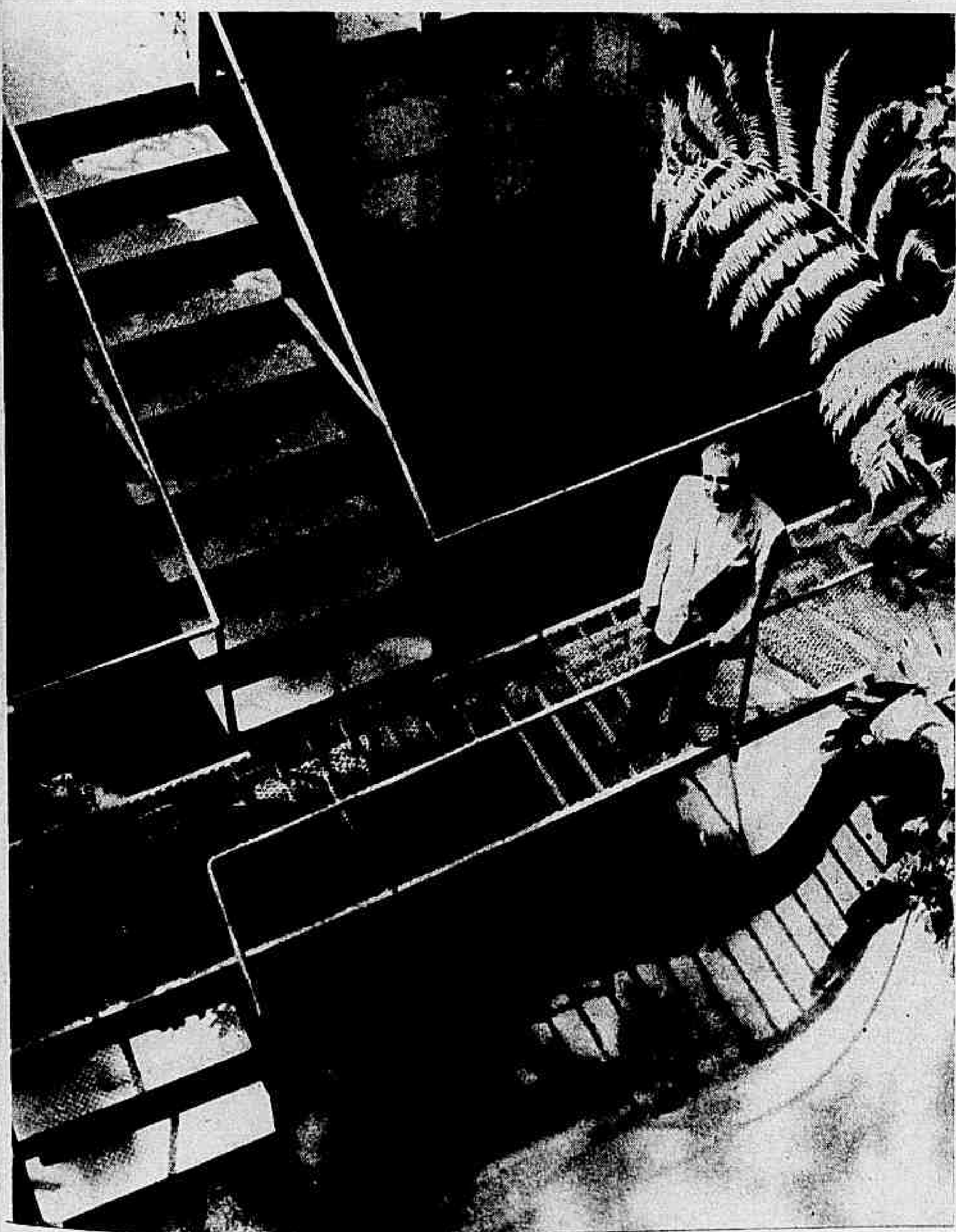
Mas êsse é apenas o lado político de Hal B. Hayes porque, na verdade, aqui em Hollywood, a reputação dêle é outra: anfitrião perfeito de festas fabulosas e... gênio louco, dono da casa mais exótica da cidade mais exótica do mundo.



Numa das salas usadas para festas, encontramos vegetação variada, sendo o teto sustentado por duas gigantescas árvores. Os visitantes têm a impressão paradisíaca de uma ilha dos Mares do Sul.



A fim de dar a impressão de uma lagoa cercada de coral, Hayes construiu a sua piscina em recortes irregulares, cercando-a de vegetação, se bem que as vidraças imprimem um cunho moderno.



O «hall» pròpriamente dito consiste de uma encruzilhada formada por escadas sôbre a piscina. Eis aí o dono da casa — Hal B. Hayes em pessoa! — todo orgulhoso da sua formidável obra...



O banheiro é único no mundo. Todo cercado de vidro, só é transparente do lado de dentro; de fora a pessoa vê apenas um espelho. A banheira contôrna o corpo humano, em proporções maiores.

CICLISTAS!

JA' CHEGOU O

AFAMADO FREIO

CONTRA-PEDAL





O mais perfeito freio contra pedal do mundo

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LTD.

BIRMINGHAN — INGLATERRA



COM ÊLE EM CASA É MUITO FÁCIL GANHAR

Cr$ 1.000,00...

RESULTADO DA «VISITA-SURPRÊSA»

DOMINGO NO "O RADICAL"

SEGUNDA-FEIRA NO "CORREIO DA NOITE"

e "O MUNDO"

O MELHOR PARA OS MÓVEIS

VENDAS PARA O INTERIOR DO PAÍS

PEDIDOS AOS REVENDEDORES: Telefones: 32-9309 e 32-9415
Av. Rio Branco, 137 - sala 616
• RIO

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use **BÉL-HORMON nº. 1** e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME........................

RUA.................. Nº.....

CIDADE......................

ESTADO......................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

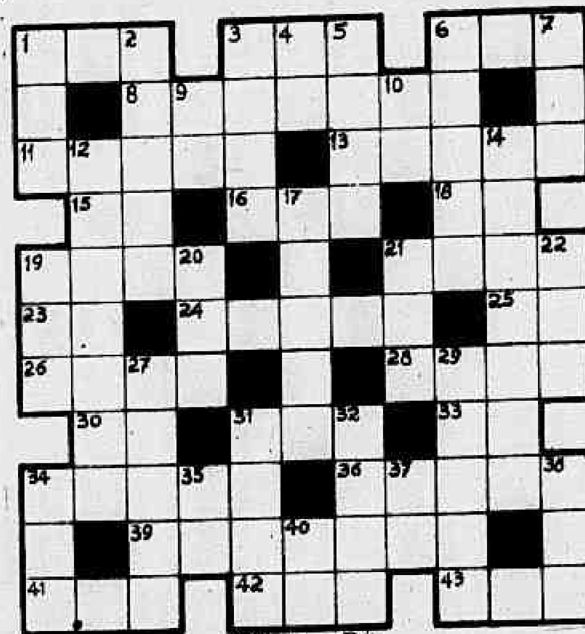
RESPOSTAS DA PAGINA 42

1 — Pascal ★ 2 — Boa fisionomia ★ 3 — Três ★ 4 — Nova Amsterdam ★ 5 — Londres ★ 6 — Sucre ★ 7 — S. José del 'Rey (hoje Tiradentes) ★ 8 — Trinta e dois ★ 9 — Vinte ★ 10 — Asia e Africa ★ 11 — Rômulo ★ 12 — 1929 ★ 13 — Sessenta mil ★ 14 — Costa Rica ★ 15 — Alagoas.

Palavras Cruzadas

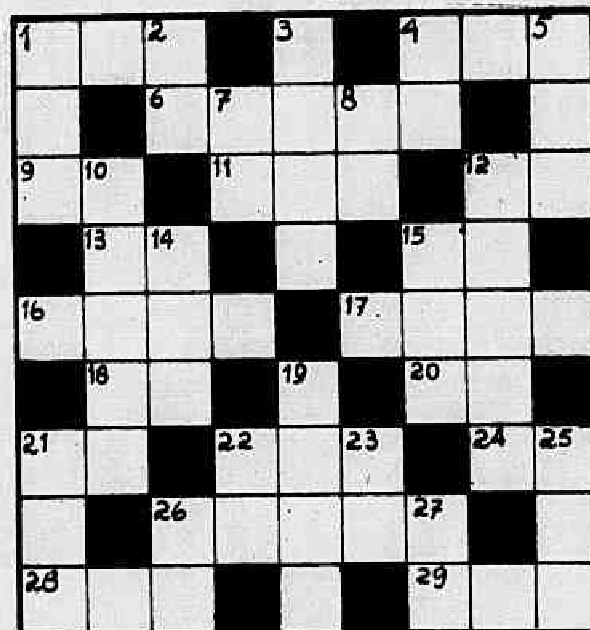
PROBLEMA Nº 13

PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Dança escocesa — 3. Monossílabo místico que representa a trindade de Brahama, Vishnu e Civa — 6. Cinzas — 8. Arte clínica — 11. Fôrça — 13. Cultos — 15. Em partes iguais — 16. Singular — 18. Prefixo que denota privação — 19. Negra — 21. Tira proveito — 23. Nota musical — 24. Procura o reprodutor cavalar as éguas para a cobertura — 25. Nome da divindade entre os primitivos semitas — 26. Fatiche dos candomblés (pl.) — 28. Signa — 30. Prefixo designativo de tendência, direção — 31. Aprovação — 33. Terceira letra do alfabeto árabe — 34. Indígena da tribo xapacura do Gi-Paraná — 36. Espécie de palmeira — 39. Que diz respeito aos sentidos — 41. Governanta — 42. Contração plural — 43. Ara!

Verticais: — 1. Grande quantidade — 2. Gozar — 3. Ligou — 4. Cidade da Caldéia — 5. Instrumento de matemática — 6. Homem austero — 7. Emblema da realeza francesa — 9. Modo — 10. A mãe de tôdas as coisas — 12. Cortar lenha no mato — 14. Emprestar com grande usura — 17. Chefe religioso muçulmano — 19. Jarro (planta) — 20. Cidade da França — 21. Espírito — 22. Resguardo lateral de ponte — 27. Mostra — 29. Romano — 31. Desfaz — 32. Nefastos — 34. Espécie de gramínea — 35. A ponta do cabo com que se vira a vela — 37. Interjeição de consentimento — 38. Camareira — 40. Órfão.



PARA NOVATOS

Horizontais: — 1. Senhor — 4. Reza — 6. Rumos — 9. Outra coisa — 11. Transpira — 12. Perversa — 13. Forma arcaica do artigo o — 15. Poeira — 16. Nome de homem — 17. Fluxo e refluxo das águas do mar — 18. Brisa — 20. Seguir — 21. Do verbo ser — 22. Contudo, porém — 24. Preposição — 26. Enrubescer — 28. Liga — 29. Cólera.

Verticais: — 1. Lavra — 2. Sufixo designativo de agente — 3. Age — 4. Artigo plural — 5. Camareira — 7. Símbolo do ósmio — 8. Em partes iguais — 10. Emblemas, sentenças — 12. Falece — 14. A casa — 15. Genitor — 19. Conceder — 21. Época — 22. Pedra do moinho — 23. Sadia — 25. Dá miados — 26. Aqui — 27. Escarnece.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 12

PARA VETERANOS

Horizontais: — **vau** — **Ara** — **uca** — **magicar** — **libar** — **abusa** — **Ar** — **ers** — **pé** — **atóis** — **tsela** — **or** — **atuei** — **Ar** — **siusi** — **laivo** — **cá** — **doa** — **la** — **bacia** — **drusa** — **andions** — **Las** — **Els** — **oca.**

Verticais: — **vil** — **umbro** — **agrestidade** — **ri** — **acastelados** — **urupê** — **ama** — **aa** — **ab** — **iátrica** — **selavas** — **aos** — **ias** — **siá** — **aro** — **uacás** — **iluso** — **bol** — **in** — **Rn** — **aca** — **il.**

PARA NOVATOS

Horizontais: — **talo** — **cala** — **irradia** — **ri** — **eiró** — **aam** — **sonsa** — **rés** — **siá** — **bania** — **sim** — **taca** — **aí** — **atirara** — **lura** — **orar.**

Verticais: — **tara** — **li** — **ore** — **caros** — **adonis** — **LI** — **aatá** — **ris** — **iara** — **mentir** — **saia** — **siara** — **Baal** — **aca** — **miar** — **aro** — **tu** — **ar.**



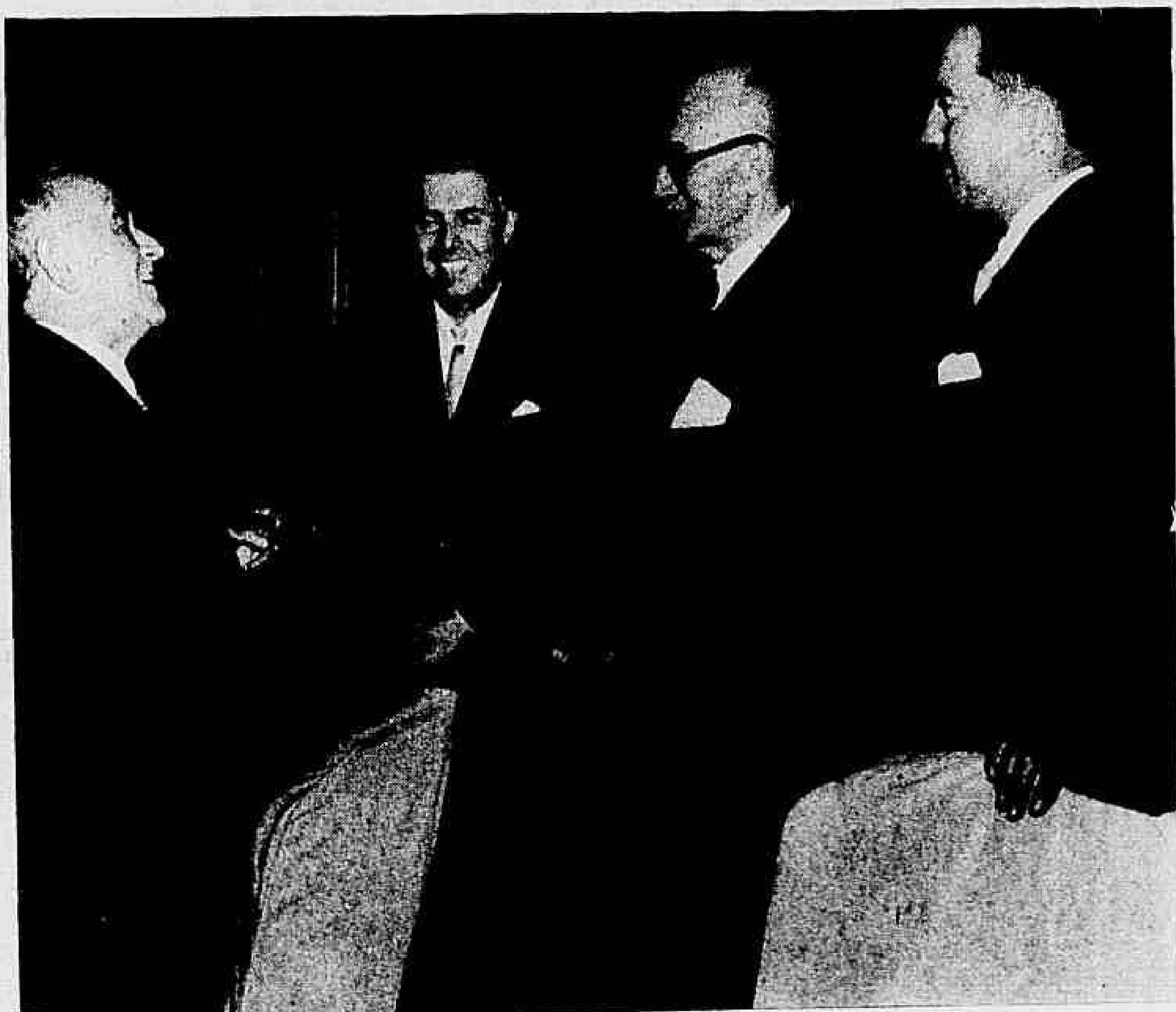
Da esquerda para a direita: sras. Américo Campelo, João Pedro Tomaz Pereira, Alfredo Trigo Loureiro, Juan Arieta, Marcos Gasparian, Morais Barros, Serratosa Cibils, Ildefonso Lardosa, Monteiro da Silva, Muniz Gregory e Augusto Niklaus.

SERRATOSA NO BRASIL

PUBLICAMOS nesta página aspectos tomados no Rio de Janeiro por ocasião da recente visita ao nosso país do sr. Joaquim Serratosa Cibils e senhora, oportunidade em que foram alvo de muitas homenagens, não só dos seus companheiros do Brasil, mais também de autoridades e elementos destacods da nossa sociedade. Falando à imprensa, na A.B.I., em reunião presidida pelo sr. Herbert Moses, o sr. Serratosa fêz também de autoridades e elementos destacados da nossa meio; no Arboreto do Rotary, na Tijuca, o sr. Serratosa, em brilhante cerimônia, da qual foi orador o sr. Paulo Martins, plantou um exemplar de «Pau Mulato». E foi recebido em audiência no Palácio São Joaquim pelo sr. cardeal d. Jaime de Barros Câmara.



Flagrante tomado durante o chá oferecido em Petrópolis ao ilustre casal pelos clubes fluminenses da região serrana vendo-se as senhoras Pacheco de Aragão, Serratosa Cibils, Ribeiro Meneses e Morais Barros.





O sr. Serratosa foi recebido no Palácio Rio Negro (na foto à esquerda) pelo sr. Getúlio Vargas, presidente da República, vendo-se na foto também os srs. Morais e Barros e Imbassay de Melo. Após o grande almôço que foi oferecido ao sr. Serratosa no Rotary Club do Rio, o presidente de R.I. palestra com o marechal Dutra (na foto à direita) em companhia dos srs. Robinson D'Aintolo, rotariano argentino e Augusto Niklaus, do Rio.



Luís Roberto Vidigal:

POSIÇÃO DAS CLASSES PRODUTORAS ANTE O PROBLEMA DA REVISÃO DO SALÁRIO MÍNIMO

NÃO SE PODEM CONFUNDIR SALÁRIOS MÉDIO E MÍNIMO — INDISPENSÁVEL SEJA CONSIDERADA A REALIDADE ECONÔMICA NACIONAL.

Entrevista de HÉLIO ABREU

● A revisão do salário mínimo vem agitando o país de norte a sul e, o caso, em algumas de suas facêtas, tem levado a intranqüilidade aos quatro cantos da nação. Líderes (falsos) completamente estranhos às classes trabalhadoras ou patronais, pelegos de sindicatos e aventureiros de tôdas as águas exploram com fins políticos eleitorais a grave crise por que passa o Brasil. O que interessa ao trabalhador brasileiro, pensamos, não é a trituração do comércio e da indústria nacionais (o que aconteceria se a questão dependesse dos pelegos ministeriais e sindicais) mas tão sòmente uma fórmula capaz de conciliar os interêsses de empregados e empregadores. Em tôrno do momentoso assunto, buscamos ouvir a palavra de um homem de ação do comércio: Luís Roberto Vidigal. Com pouco mais de trinta anos, é êle o Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e um dos capitães que vem acompanhando, de perto, o assunto em foco. Sôbre a revisão do salário mínimo, assim se expressou o Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo:

«Não se podem dissociar, nas discussões em tôrno da revisão do salário mínimo, os aspectos sociais dos econômicos que o problema envolve. O salário mínimo destina-se a atender ao custo da vida da camada econômicamente mais fraca da população operária, conforme acentua o artigo 76 da Consolidação das Leis do Trabalho, que o define como a contraprestação mínima devida e paga diretamente pelo empregador a todo o trabalhador, inclusive ao trabalhador rural, sem distinção de sexo, por jornada normal de serviço, e capaz de satisfazer, em determinadas épocas e região do país, às suas necessidades de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte. Nesta definição legal, encontra-se clara a referência ao trabalhador não qualificado, de qualquer categoria. Tanto assim, que a disposição legal acima referida, ao especificar quais os itens do orçamento individual que deveriam ser considerados, fixou automàticamente o gênero de vida a que a remuneração mínima se refere: limitou as rubricas às cinco já enumeradas, deixando de lado outras parcelas, como seja por exemplo, recreação e instrução do trabalhador.

Não há confundir, portanto, com salário médio, que é coisa completamente distinta. O salário mínimo visa atender às necessidades elementares de vida do cidadão destituído de qualquer qualificação profissional; a proteger aquêles trabalhadores que, na livre competição do mercado de mão de obra, poderiam ser colocados à margem. No entanto, a confusão vem ocorrendo por injunções políticas: os estudos referentes à revisão do salário mínimo, pelo errôneo caminho seguido pelos órgãos responsáveis da administração pública, tornaram-se campo fértil à atuação de elementos interessados em tirar vantagens político-eleitorais, esquecidos de que se trata de problema de capital importância para as atividades econômicas nacionais e para a harmonia social do país.

POSIÇÃO DAS CLASSES PRODUTORAS

Julgo indispensável, para bem situar a posição das classes produtoras, êsse esclarecimento preliminar.

Defendemos a remuneração adequada a todos os trabalhadores — ponto de vista antigo, várias vêzes externado pùblicamente através de atos e palavras, e firmados em 1945, na Carta de Teresópolis, que consubstancia as recomendações aprovadas pelas classes produtoras reunidas em memorável conferência de âmbito nacional. Aliás, no caso da presente revisão, desde o início se observou o empenho com que os empregadores se batem pelo reajustamento salarial dos que percebem remuneração mínima. Não fôsse a concordância da bancada empregadora em subscrever a realização do reajustamento, êste não poderia, legalmente, ser cogitado antes do fim do ano em curso. Somos contrários, isso sim, a que, confundindo-se concepções e objetivos do salário mínimo, se pretenda desorganizar ainda mais a incipiente economia brasileira, com a criação de novos óbices ao seu progresso e de uma falsa mentalidade de euforia no espírito de todos os brasileiros.

ÊXODO RURAL

Os estudos acurados, realizados pelos departamentos técnicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, com base em dados honestos e irrefutáveis, mostraram que o custo da vida na Capital de São Paulo se elevou de janeiro de 1952 a dezembro de 1953 de 40,12% — porcentagem que se estendeu a todo o Estado por duas razões: por falta de estatística de âmbito estadual e pelo paralelismo da tendência dos preços em todo o território paulista. Com fundamento nesses estudos — no qual se colocaram de lado, por reconhecidamente irreais, as propostas de reajustamento aritmético e geométrico — sugerimos um aumento de 40,12%. Assim, para a primeira região o salário mínimo passaria a ser de Cr$ 1.637,40; para a segunda Cr$ 1.359,20; para a terceira, Cr$ 1.205,00; para a quarta, Cr$ 1.163,00; e para a quinta região do Estado de São Paulo, Cr$ 980,80. Os números, posteriormente, no memorial apresentado pela bancada empregadora à Comissão de Salário Mínimo de S. Paulo, foram arredondados — para, mais tarde, haver nova concessão dos empregadores, a fim de que se evitassem os problemas de ordem social que já estavam surgindo como conseqüência da interferência política.

Consideramos altamente perigosa uma revisão desproporcional, por várias razões. Uma delas refere-se à capacidade da indústria e do comércio ao novo ônus que iria cair sôbre a composição das mercadorias produzidas e distribuídas. Se existem organizações que, pela exploração de setores novos em que a concorrência é menos acentuada, em que a obtenção de matérias-primas é fácil e barata, a mão de obra empregada é reduzida, em que outros fatôres de produção desfrutam de posição especial — a maioria das emprêsas econômicas não está em condições de suportar maiores encarecimentos. Não há excesso de nossa parte na afirmação de que, mesmo nas bases propostas pela bancada empregadora, muitas emprêsas comerciais e industriais passarão por dificuldades consideráveis, havendo até perigo de encerramento de suas atividades. Outro ponto é o êxodo rural. Dois grandes centros produtores do país — o Estado de São Paulo e o Distrito Federal — se responsabilizaram, em 1952, por 49,2% do total da renda nacional, que é reconhecidamente pequena: 308.055,4 milhões no ano em foco. Êsses dois centros, é evidente, apresentam salário mínimo maior do que outros Estados. Um aumento desproporcional, ditado pela aparência, tornará mais profundo o desequilíbrio entre os vários Estados, agravando o êxodo de populações do Nordeste e outras regiões do país para São Paulo e o Distrito Federal — o que encerra no bojo tôda uma conhecida pletora de inconvenientes de ordem social, naturais à desordenada concentração populacional.



Por outro lado, mesmo no Estado de São Paulo um excessivo aumento na Capital — afora o mal que trará a grande número de emprêsas, ao encarecimento dos preços das utilidades — irá dar novo impulso ao êxodo rural, pois mais numerosos contingentes de famílias deixarão as atividades agrárias, básicas na economia nacional, para tentar a vida nas cidades. E' a produção rural que se desorganiza. Os braços deixam de produzir gêneros, mas os estômagos continuam a exigi-los. As dificuldades de habitação, de abastecimento, de transportes, da vida das cidades maiores enfim, ganham, assim, em extensão e profundidade. Defendemos a revisão do salário mínimo, por patriotismo e por espírito de solidariedade humana. Mas, acostumados a encarar os problemas econômicos e sociais com realismo e objetividade, verificamos que para tôda a população brasileira — assalariada ou não — os inconvenientes verdadeiros de uma providência errada serão incomparàvelmente maiores do que as ilusórias vantagens imediatas. Acabamos, aliás, de ver que o Conselho Nacional de Economia, ao estudar o problema do salário mínimo, chegou à mesma conclusão — o que não poderia deixar de ocorrer pois o C.N.E., órgão especializado e cujos estudos se alicerçam na realidade brasileira, não podia dar outra interpretação aos fatos que aí estão para todos verem e concluírem. A demora na decretação das novas bases de salário mínimo, conquanto tenha possibilitado explorações prejudiciais ao próprio regime, parece que foi justificada: esperaram as superiores autoridades federais o parecer de seu órgão consultivo, o Conselho Nacional de Economia.

Cannes e o escândalo

PRIMEIRO foi um telegrama um tanto lacônico e depois para satisfazer a curiosidade de milhares veio a foto. Uma jovem atriz (inglêsa ou brasileira, não se sabe ao certo) deixou que os raios benéficos do sol de Cannes queimassem o seu lindo busto. Tudo estaria bem para uma jovem bonita que desejava conseguir em seu corpo o bronzeado tão ambicionado; tudo estaria bem se ela não estivesse em companhia de um «astro» famoso (Robert Mitchum) e não estivesse tão perto dos fotógrafos. Todos vieram correndo ao seu encontro e dizem os despachos mais longos que aconteceram certas brigas cordiais entre colegas de profissão pelo melhor flagrante. Se alguém conseguiu o «flash» a tempo não teve consentimento de enviá-lo aos jornais do mundo, porque a foto mais estampada mostra a nada cerimoniosa atriz, de costas, amparada pelo «astro» famoso. Depois, falando aos jornalistas, a atriz confessou que fizera tudo premeditadamente, pois desejava ingressar no cinema e vendo o exemplo «eficiente» de Marilyn Monroe, resolveu segui-lo por dois motivos. Primeiro porque era o que estava mais ao seu alcance: o mais fácil; o mais prático e de resultados quase certos. Segundo porque sabendo-se bonita e possuindo bela plástica, ninguém deixaria de olhá-la. Para ela, Cannes e o seu Festival haviam chamado até ali figuras proeminentes da produção cinematográfica.

O escândalo provocou no público uma natural curiosidade e durante algumas horas Cannes foi comentada. Não pela qualidade de seus filmes, que à exemplo de festivais outros, continua muito duvidosa. Unicamente porque servira para revelar uma bela mulher desejosa da fama (um tanto efêmera, nem por isso menos ambicionável) tão comum às «estrêlas do cinema... TEDDY

June Haver

Lex Barker

FALA SE EM HOLLYWOOD

● Até hoje não foi descoberto o ladrão que roubou 19.000 dólares em jóias da casa de Jane Wyman, numa noite em que a atriz dormia a sono sôlto. Nem Jane, nem seu marido — o compositor Frederick Karger, seus dois filhos e uma criada acordaram com os movimentos do ladrão pela casa! E a caixa de jóias da «estrêla» estava, justamente, no quarto de dormir do casal... A propósito, Jane e Fred reconciliaram-se afinal, depois de tôdas as ameaças de divórcio. Mas muita gente duvida que o casamento dure...

● Lex Barker parece estar perseguindo sua ex-espôsa Arlene Dahl! Duas semanas depois que ela terminou «Bengal Rifles», na Universal, êle surgiu nos estúdios para filmar «Nevada Gold» e deram-lhe o mesmo camarim ocupado por Arlene, dias antes...

● Merle Oberon foi convidada pela Metro para ser a companheira de José Ferrer em «Deep in My Heart», versão cinematográfica da biografia do compositor Sigmund Romberg. Será êste o primeiro filme de Merle em Hollywood após uma ausência de três anos.

● Há 40 anos atrás, cinco médicos disseram a Charles Coburn que se êle continuasse no cinema trabalhando àrduamente não duraria mais de 10 anos, pois seu coração se achava fraquíssimo. Charles não deu ouvidos e, hoje, nem pode discutir com os médicos, pois todos êles já morreram...

● Comenta-se por aqui a ligeira rusga entre os dois namorados June Haver e Fred MacMurray, que acabam de regressar da viagem ao Brasil para o Festival de São Paulo. Aquêles eternos apressados que vaticinaram o casamento para algumas semanas mais, deixaram de abrir a bôca... desolados com a realidade.

ENTRE AS «ESTRÊLAS»

★ ESTHER WILLIAMS não cabe de contentamento com a chegada do novo membro da família: Susan, uma graciosa menina que breve estará freqüentando a piscina dos felizes Gage...

★ SUSAN HAYWARD tentou desmentir, porém não convenceu ninguém sôbre seu propalado romance com o «astro» dos cabelos platinados, ou seja, Jeff Chandler. Jeff, por sua vez, também tentou desmentir que se estivessem amando. Certo é que se vêem com freqüência desuzada entre simples amigos...

★ GRACE KELLY, a «ladra» de corações, não conseguiu desfazer o lar dos Milland. Ray Milland voltou aos braços da espôsa, certo de que uma aventura sentimental sempre dura pouco... quando se tem boa cabeça!

★ CORINNE CALVET andou querendo deixar para sempre o espôso, agora também «astro» de cinema. Parece que concorrência entre marido e mulher, quando ambos trabalham diante das câmaras, tende a ser um motivo forte para divórcio...

★ GENE TIERNEY vai casar mesmo com Ali Khan.

★ RITA HAYWORTH deve seguir seu adorado Dick Haymes (palavras da «estrêla») para onde êle venha a ser deportado.

A DRAMÁTICA VIRA "PIN-UP"!

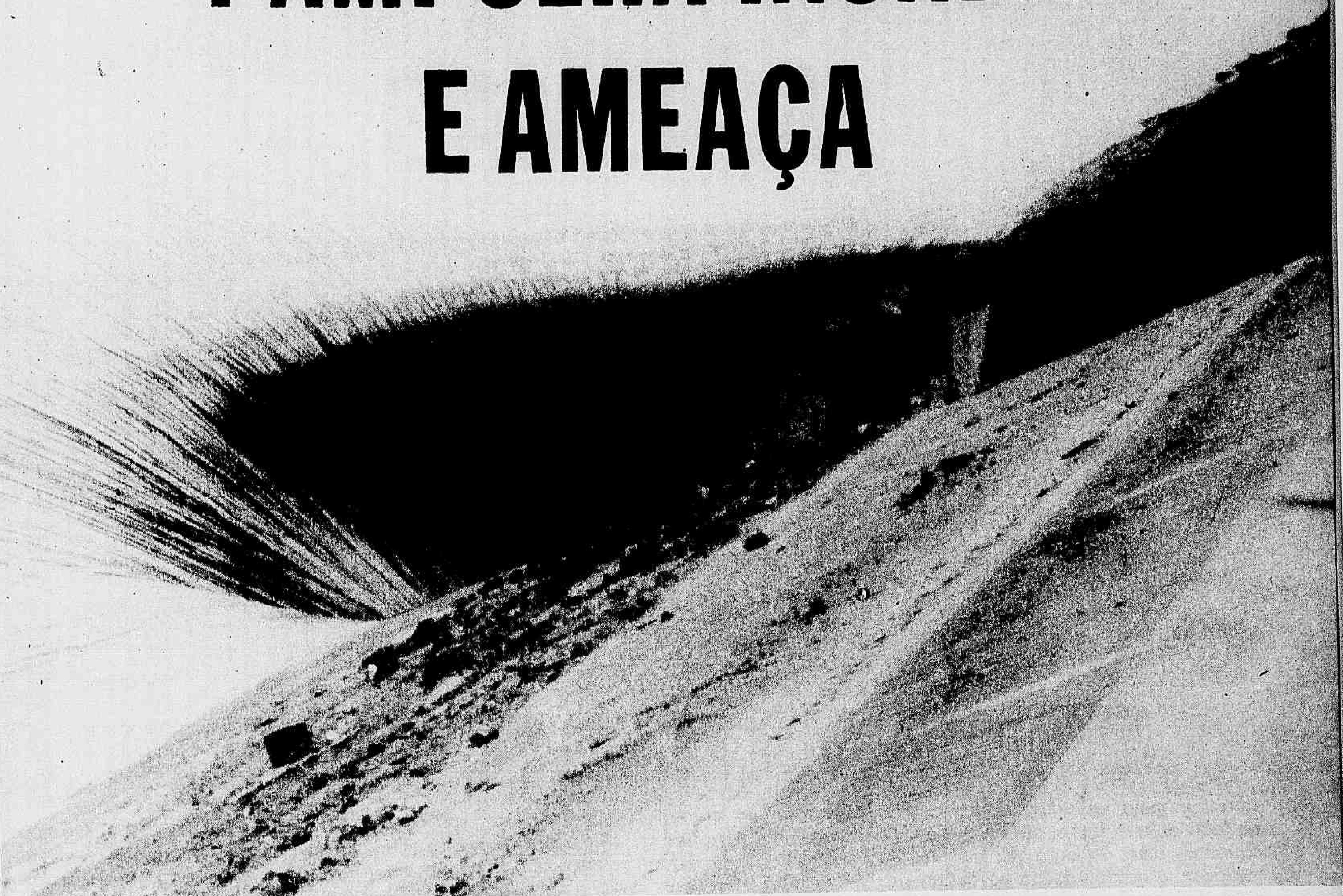
● Deborah Kerr — a inesquecível freira de «Narciso Negro» e tantos outros filmes de alta intensidade dramática — é a nova «pin-up girl» de Hollywood! Tal atributo da bela atriz inglêsa foi descoberto durante as filmagens de «À um Passo da Eternidade», no qual Deborah interpreta uma mulher sensualíssima. Tendo que aparecer de «maillot» em algumas cenas, Miss Kerr exibiu tão bela plástica, que os produtores resolveram explorar melhor a sua figura física, até então negligenciada em favor do talento. Na foto, Miss Kerr exibi-se em seu novo gênero. Repetir-se-á o fenômeno Marylin Monroe? — indaga tôda Hollywood. Só o tempo poderá dizer...

GENTE DE HOLLYWOOD

● Há muito June Allyson pretendia deixar a Metro e filmar com o espôso Dick Powell, agora na RKO, dirigindo e produzindo. Conseguiu seu intento, porém Dick mostra-se rigoroso na escolha dos próximos filmes da espôsa e por isso ela já perdeu duas excelentes oportunidades. June, que é sem dúvida alguma, uma «estrêla» de talento, deverá reagir, a menos que consinta trocar sua carreira pelo lar, definitivamente. Os mais chegados ao casal afirmam que a «ranzinzisse» de Dick tem êsse objetivo...

Parecia que o mundo ia acabar

PAMPULHA INUNDA E AMEAÇA

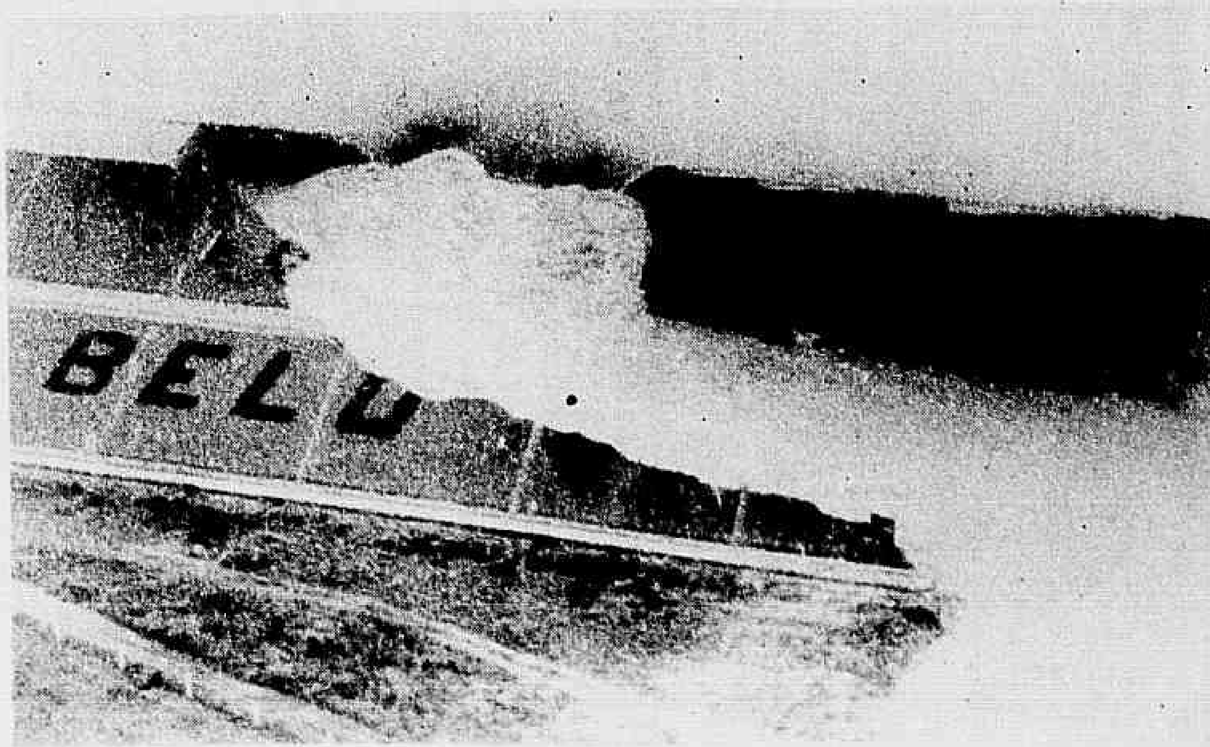


«O chão chupava a terra com uma violência como nunca se viu» — assim escreveu um matutino de Belo Horizonte. E minutos após à rutura, os arredores de Pampulha viraram um mar encrespado e gordo. O rio rompeu (foto abaixo) a parede de cimento e desaguou, violento, no bem cuidado aeroporto da capital mineira. Quando as águas sumiram milhares de peixes mortos ficaram enterrados na lama.

ÁGUA: 18 BILHÕES DE LITROS AMEAÇARAM BELO HORIZONTE ★ BRECHA DE 75 METROS JORRANDO TONELADAS DE PERIGO ★ INTERDITADO O AEROPORTO ★ 200 CASAS ATINGIDAS E MILHÕES DE PEIXES APODRECENDO AO SOL.

Reportagem de ÁLVARO PRADO.

O mineiro (que não dispõe de mar) tem na reprêsa da Pampulha o seu maior monumento. É um recanto verdadeiramente maravilhoso e, ao seu redor, Oscar Niemeyer construiu obras-primas como o Cassino, a famosa igrejinha de linhas arrojadas que tanta dor de cabeça tem dado ao clero e aos governantes do Estado Montanhês. Nenhum rio alimenta Pampulha. Suas águas vêm de numerosas nascentes situadas nos grotões que emulduram a reprêsa. A capacidade de Pampulha, em volume dágua, é de cêrca de 18 bilhões de litros. Pois bem, sem que ninguém esperasse (ou pudesse esperar) a maravilha veio abaixo e o poder destrutivo da torrente sôlta levou o pânico aos mais longínquos recantos de Belo Horizonte e a inquietação ao Brasil inteiro.



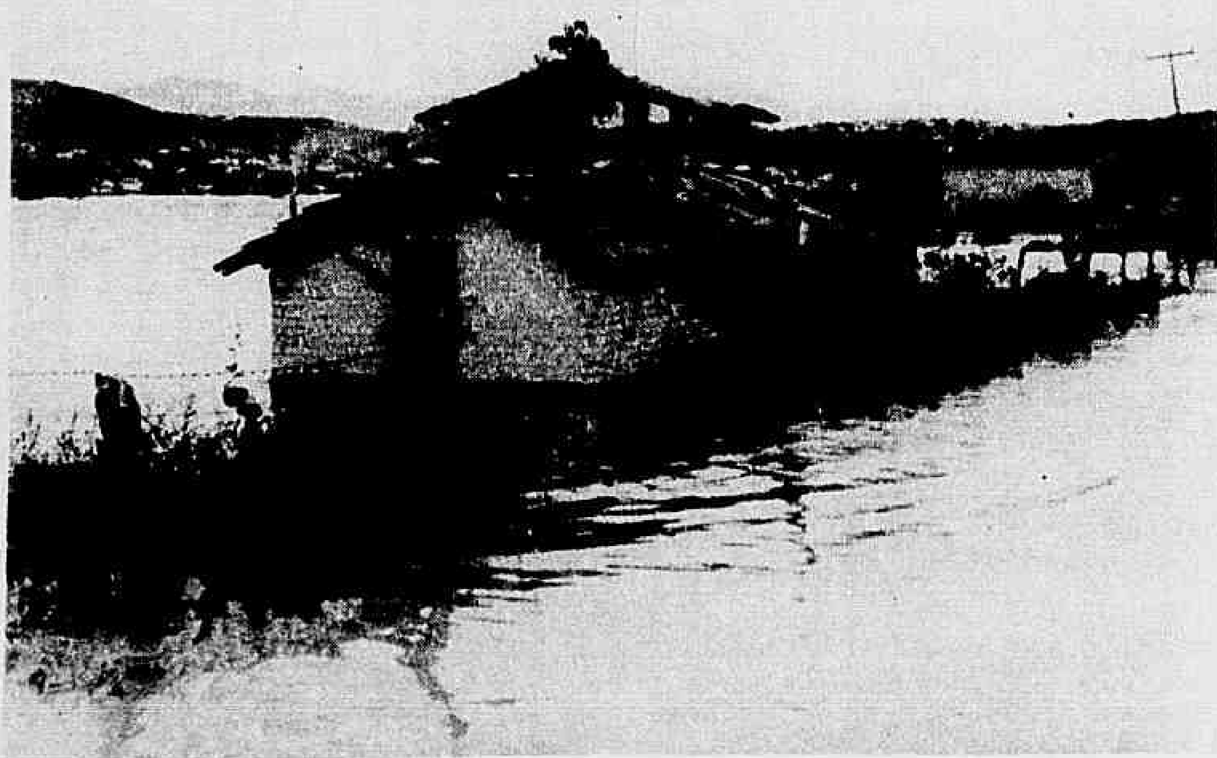
OS PRIMEIROS SINAIS DE RUPTURA

Precisamente no dia 16 de abril notou o serviço de inspeção



COM A INVASÃO DAS ÁGUAS DA PAMPULHA

(mantido pela municipalidade) que a barragem de concreto, no lado do aeroporto, apresentava rachaduras em duas partes, distantes uma da outra 25 metros. Providências foram então tomadas e cuidou-se do esvasiamento da reprêsa. Com surprêsa geral não funcionavam os escapamentos de emergência (ladrões) de uma das comportas. Ante o perigo de ruptura iminente, trataram as autoridades de fazer evacuar as populações da área ameaçada. Não foi com facilidade que o conseguiram, uma vez que os moradores se recusavam, de maneira enérgica, abandonar seus lares. Foi necessária a intervenção do próprio governador Juscelino Kubtschek que, numa autêntica maratona, bateu de porta em porta aconselhando a medida.



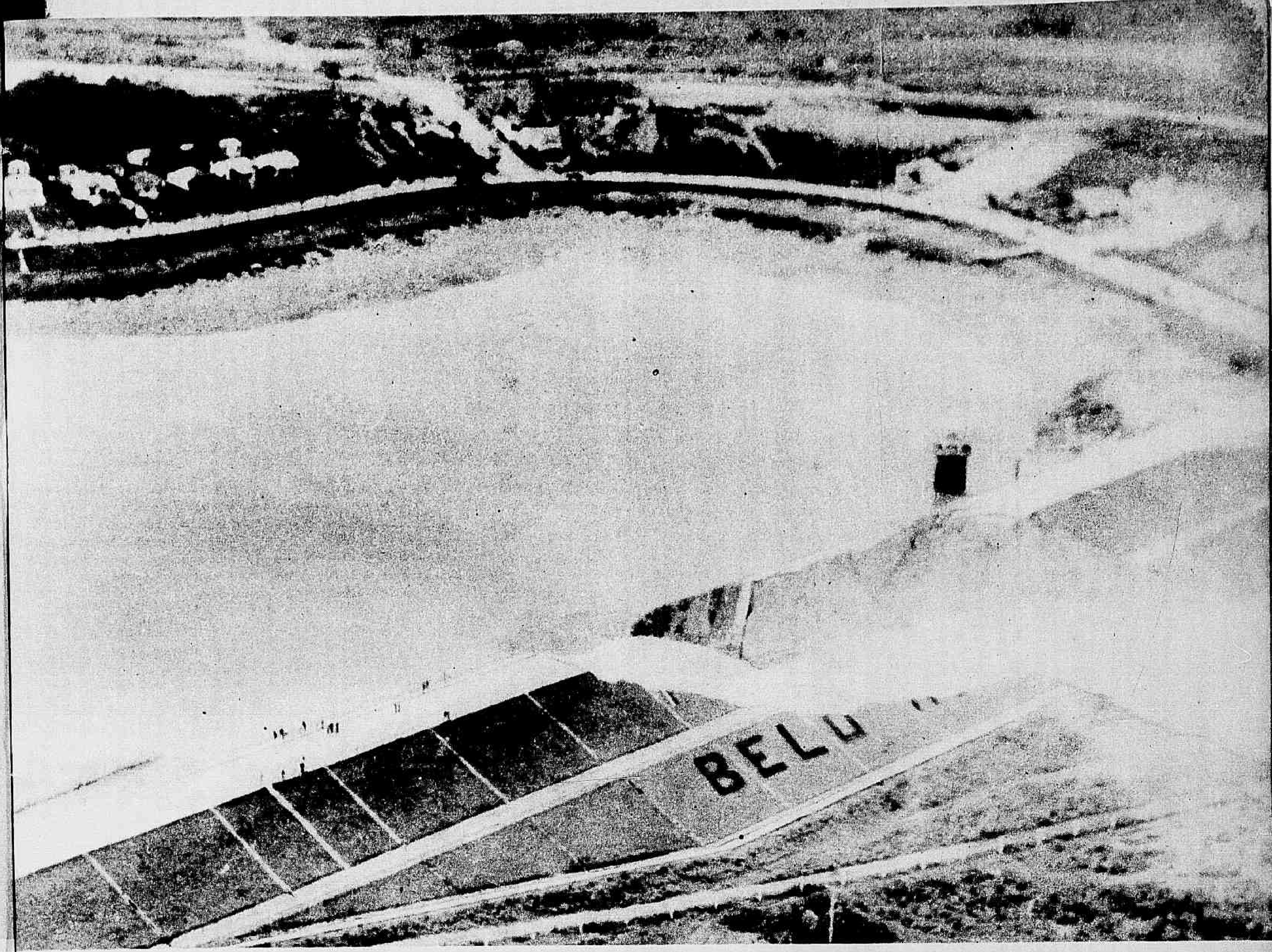
A foto acima, essencialmente lacustre, parece enchente do Amazonas. A rebentação da Pampulha proporcionou aos mineiros espetáculo inédito.

ZONA EVACUADA: A INUNDAÇÃO

Os aviões que se destinavam a capital de Minas foram desviados para a Base Aérea de Lagoa Santa (distante 40 quilômetros de Belo Horizonte) e a diversas olarias situadas no vale foram desmontadas e transferidas para regiões fora de perigo. Dia 20 de abril, quando todo o Estado de Minas se preparava para cultuar a data de 21 (Tiradentes), foi o Brasil sacudido com a notícia do desabamento da barragem principal da reprêsa da Pampulha. Assim, 20 quilômetros de massa líquida e furiosa se precipitou por sôbre a zona ameaçada e cobriu literalmente o aeroporto da cidade. Nada menos de duzentas residências e muitos prédios industriais foram comprimidos pelo extenso lençol de água barrenta que tudo levava de roldão. 75 metros de largura por 15 de altura de concreto, pedras e guias de ferro e aço que faziam parte da barragem principal foram jogados para o lado ou levados como se fôssem papel pela violência das águas libertadas. Peixes de mais de meio metros seguiram a torrente enfurecida ou ficaram em algumas poças que restavam no leito sêco, enquanto os alvos barquinhos foram esmigalhados na garganta onde se deu a ruptura.

AMEAÇA DE PESTE?

Agora, depois da reprêsa sêca, o espetáculo que se depara é desolador. Peixes (aos milhões) apodrecendo ao sol, fato



MINAS GANHOU O QUE NUNCA TEVE: UM MAR

que tem causado grandes preocupações as autoridades, pois existe o perigo de uma epidemia. Todos os recursos de que dispõe Minas Gerais estão mobilizados na dragagem da represa. Brigadas de saneamento, comandadas pelo sr. Américo Gianette, prefeito municipal, cuidam de afastar mais essa ameaça que pesa sôbre Belo Horizonte.

A RECONSTRUÇÃO

Felizmente, e graças as medidas acauteladoras tomadas pelas autoridades, nenhuma vida foi perdida. Porém, para que os leitores possam avaliar a extensão dos danos caso não fôssem tomados os cuidados acima, diremos que nada menos que 10 mil pessoas perderiam a vida e cêrca de 11 mil prédios seriam destruídos. Merecem os melhores louvores todos os que se empenharam nos trabalhos que evitaram fôsse o desastre transformado numa grande tragédia. A abertura de canais (Corpo de Bombeiros) preventivos, que guiassem as águas em caso de desabamento da barragem, o que efetivamente aconteceu, foi, entre tôdas as medidas, a mais acertada.

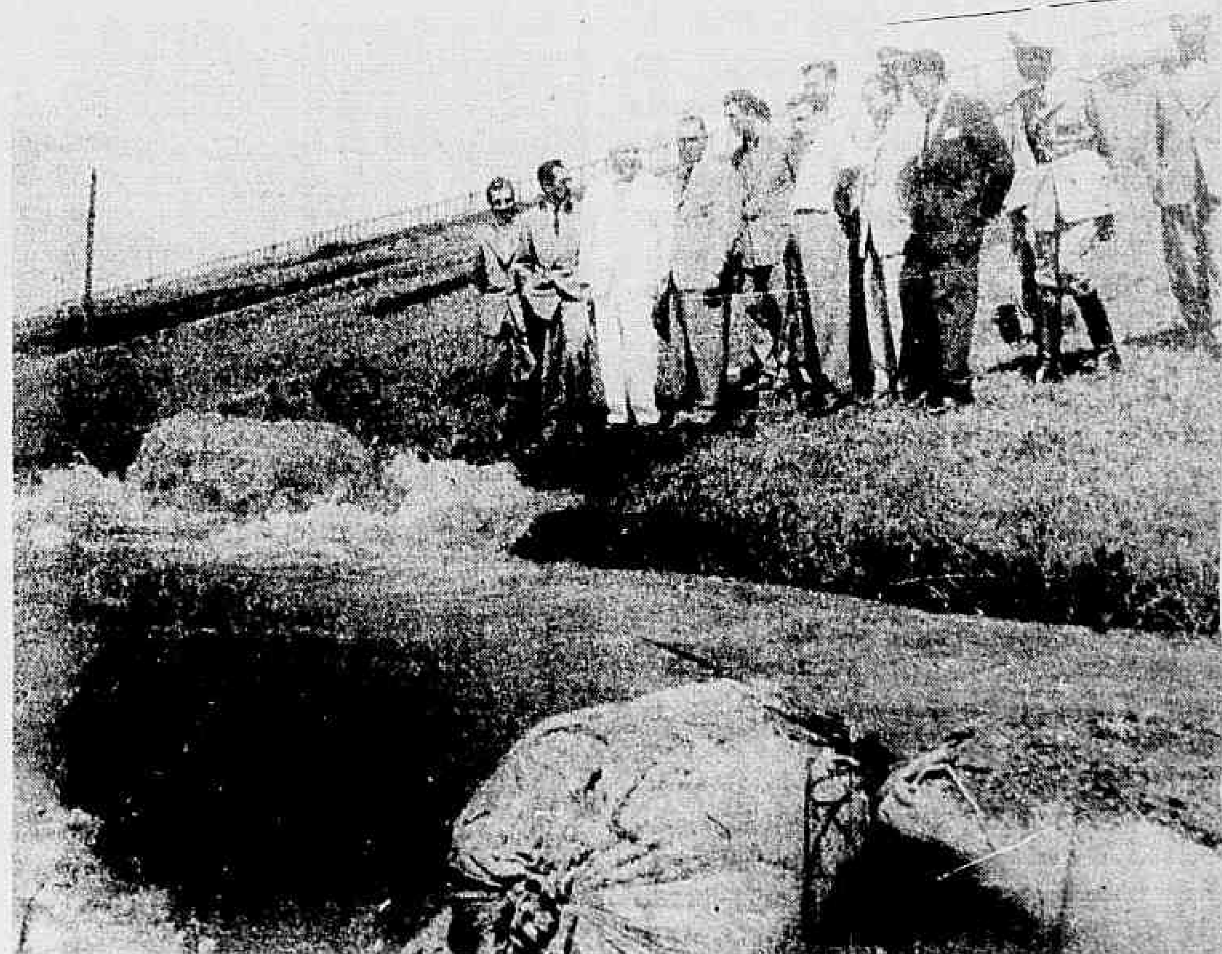
A reconstrução de Pampulha levará seis meses e nada menos de um ano será preciso para que se transforme novamente em gradioso lago. No momento em que escrevemos, engenheiros de Minas estão cuidando de salvar tôda a barragem direita que, livre das águas e sem a pressão das mesmas, começa a ruir.

O ENGENHEIRO CHOROU DE EMOÇÃO

Um dos engenheiros presentes (e trabalhando) no momento em que se verificou o desabamento, chorou copiosamente ao ver a extensão do desastre e a morte de uma das maiores obras de engenharia do Estado de Minas Gerais.

DECLARAÇÕES DE JUSCELINO

Ouvido pela reportagem, assim se expressou o governador de Minas sôbre o acontecimento: **"Reconstruiremos Pampulha e desta vez melhor. Nada privará os mineiros e os brasileiros de assistir, em breve, o espetáculo grandioso que oferece Pampulha".**



O governador Kubitschek, mavioso cantor do «Peixe Vivo», contempla, em companhia do prefeito Gianetti, os peixes mortos da Pampulha.





VOLTARAM DE MÃOS VAZIAS — Êstes dois gravebundos cavalheiros que aparecem na foto acima são os funcionários soviéticos encarregados de levar de volta a Moscou o casal Petrov, elementos da embaixada da Rússia na Austrália que escolheram a liberdade. O sr. Petrov asilou-se voluntàriamente. E a sua mulher já ia sendo recambiada para a URSS quando, atendendo aos seus gritos de socorro, o govêrno australiano arrancou-a, no avião, das garras dos seus guardas. Resultado: a Rússia rompeu relações com a Austrália.

Por êsse Mundo de Deus

A GRAÇA DE FRANÇOISE ARNOUL — Françoise Arnoul, aquela magnífica moça que aparece semi-despida em «Tormentos do Desejo», também está em Cannes. Mas, com êsse penteado de pé de vento e enrolada num Cristiani Dior, ela nem parece aquela nativa selvagem do filme que foi um sucesso mundial. Após o Festival de Cannes, Françoise irá a Londres para um novo filme.

●

OS HERÓIS DE DIEN BIEN PHU — O coronel De Castries já é general, mas a sua fortaleza e os seus 11 mil homens continuam a resistir aos violentos ataques dos comunistas — lá naquela longínqua guerra do Viet-Min. O flagrante acima foi tomado quando o território defendido por De Castries estava reduzido a apenas um quilômetro quadrado, ilha indomável cercada de fogo por todos os lados. «Morrerei aqui mesmo. Jamais me renderei» — foi a última resposta de De Castries aos constantes «ultimatuns» dos vermelhos de Ho Chi Min.





EDEN, MAIS GORDO — Anthony Eden, que recentemente foi operado por três vêzes seguidas (fígado e visículo) volta aos poucos ao seu «aplomb» anterior. Hitler chamava-o de «o palhaço mais bem vestido da Europa». Mas o fato é que Hitler é hoje um fantasma, e Eden ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha. É nessa qualidade que presentemente êle se encontra em Genebra, onde as Nações que participaram do conflito coreano procuram uma solução honrosa (e quase impossível) para aquêle atormentado pedaço do mundo. Na foto, Eden e sua espôsa, que é também sua secretária.



ELIZABETH CORRE O MUNDO — Na visita que está fazendo ao seu espalhado Império, Elizabeth II chegou ao Ceilão, de onde, aliás, já partiu. Na foto, ela aparece admirando a estátua do deus Sinhalese, nos arredores de Polonnaruwa, próximo a Colombo. Próximo objetivo da intinerante Elizabeth: o nevrálgico Canal de Suez.

CHAMPANHOTA

PETER



Patrícia Lacerda

● **Ana Maria Coelho Neto Lacerda, ou mais conhecida, Patrícia Lacerda, tem tôdas as qualidades exigidas por um nosso vespertino para vir a ser «Miss Brasil». Tem um nome de tradição, sabe caminhar, vestir-se com discrição e, o que é importante, apresenta dotes físicos e intelectuais que só um cego não veria. Com a bola do concurso, Patrícia Lacerda.**

● DUAS TRANSFERÊNCIAS

O Itamarati acaba de determinar a indicação de dois diplomatas brasileiros: trata-se do ministro Mauro de Freitas para o consulado de Paris, onde com a sua simpatia deverá se matar de mostrar lugares aos brasileiros e a retirada do Cônsul Geral Berenger Cezar de Nova York (onde já estava há bastante tempo) para a Colômbia.

● PARECE VERDADE

Na última coluna, eu disse ser completamente destituída de fundamento a notícia do namôro do sr. Jorge Doria (considerado o ministro da melhor «pasta») com a srta. Silvinha Bouças. Agora, já não seria capaz de desmentir a notícia com tanta veemência. Não há fogo sem fumaça.

● NOIVO NO DURO

Primeiro, o sr. Valdemar Schiller disse-me que não estava noivo oficialmente. Ainda ia ficar, mas, tinha recebido parabéns que era como se já o fôsse. Agora, o fato acaba de ser concretizado com muito uísque e alguma champanhota. A srta. Glória Neder está decididamente noiva.

● CRESCE A FAMÍLIA BRAGANÇA

Sem dúvida, o fato social mais importante do mês foi o nascimento, na semana passada, do primogênito (João) do casal Dão João de Orleãns e Bragança, membros da família Imperial brasileira. A criança nasceu sob a assistência do dr. Paulo Barata Ribeiro e sua mãe, a Princesa Fátima, encontra-se em ótimo estado de saúde. O pai, como todo bom pai, já anda contando as proezas do pequenino João.

● ATAÚLFO ALVES

Agora que se encerra «Esta vida é um Carnaval», no Casablanca, para dar lugar a um novo «show» (cheio de francesas mais ou menos nuas), nós queremos agradecer a Ataúlfo Alves a beleza de movimentos, côr e som de que foi responsável em «Clarins em Fá» e nesta última apresentação de Carlos Machado. As suas pastoras, também.



O sr. Paulo Sampaio faz aviação e boa vizinhança. — (Foto Rio-Magazine)

ANTÔNIO MARIA — A crônica de Antônio Maria, que publicamos semanalmente nas páginas 26 e 27 (acompanhada sempre de um admirável desenho de Darel) saiu desta vez, por um lapso da impressão, sem a assinatura do seu autor. Fica aqui a corrigenda.



Porfírio pensa na velhice

● Porfírio Rubirosa — o homem que vem insistentemente ocupando o cabeçalho dos jornais e o coração das mulheres de todo o mundo — iniciou sua carreira diplomática (e amorosa) casando-se pela primeira vez com a bela Flor de Oro Trujillo, filha do ditador Trujillo. Até então era um simples 3º secretário de embaixada, passando a ser embaixador em Paris. Ràpidamente veio o divórcio e mais rápido ainda outro casamento, ligando-se à rainha dos cigarros Lucky Strike. Mas parece que Porfírio não gostou da «marca» — o que tornou possível seu terceiro casamento. Deixou então a diplomacia e passou a dedicar-se de corpo e alma — mais corpo do que alma — à sua fulminante carreira de d. Juan. Foi aí que estorou o seu 4º casamento, com a linda Barbara Hutton, milionária proprietária da maior cadeia de hotéis dos Estados Unidos. Ainda desta vez, o simpático «Rubi» não acertou a mão — e passou a cortejar Zsa Zsa Gabor, proprietária também, de um dos mais belos bustos do mundo. Zsa Zsa levou muito a sério as promessas de «Rubi» e deixou definitivamente o seu marido George Sanders. E enquanto o 5º casamento de Porfírio não se realiza (e o 4º de Gabor), o famoso d. Juan anuncia que pretende ser embaixador da República Dominicana no Brasil. Mas afirma mesmo que seus interêsses são mais comerciais do que diplomáticos, pois pretende comprar terras no Paraná, cujos entendimentos já foram iniciados. E uma interrogação nasce forçosamente: está Porfírio preocupado com a velhice ou pretende dar outro «golpe diplomático», casando-se com alguma milionária brasileira? De qualquer forma não deixa de ser «golpe diplomático» tal casamento.

CARTAZ POLÍTICO É ISSO QUE COMEÇA NAS PAREDES E ACABA NA CABEÇA



ENTREVISTA MIAU-PONG

1 — E' verdade que os gatos têm sete vidas?

R — Miau.

2 — Que acha da Bomba de Hidrogênio?

R — Miau, miau.

3 — Cite os 3 gatos mais importantes que você conhece.

R — Miau, Miau e Miau.

4 — V. acredita no amor à primeira telha?

R — Miau, miau, miau, miau, miau, miau... Miau, miau, miau, miau! Miau, miau, miau miau. Miau?

5 — Que v. preferia ser: dactilógrafa ou tamborim?

R — Nem miau, nem miau.

6 — Qual o animal que v. mais detesta?

R — Au-Au.

7 — E o prato que v. mais gosta?

R — Hot-dog.

8 — Se v. fôsse jornalista como assinaria seus artigos?

R — Mimi.

9 — Qual a marca de cigarro que v. fuma?

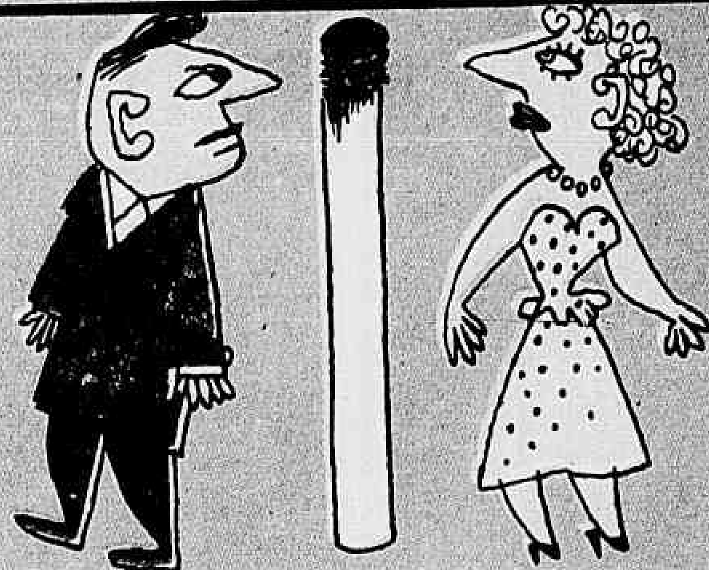
R — Mata-rato.

10 — E, finalmente, qual a gata mais encantadora que v. conhece?

R — Miaurilyn!

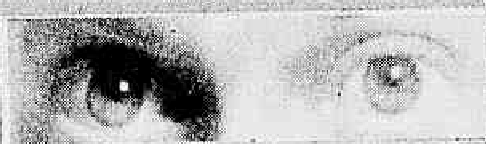
NAO COMPREENDO...

... porque sempre que recebemos uma carta viramos o envelope várias vêzes para ver de quem é, quando seria muito mais fácil abri-lo.



Demonstração de como um cigarro pode separar um homem de uma mulher.

PONTOS DE VISTA



***DICIONÁRIO** é um livro cheio de palavras difíceis.*

●

***REVÓLVER** é isso que traz sempre um valente atrás do cabo e um medroso atrás do cano.*

●

***RÊDE** é isso que só para de balançar quando a gente dorme.*

CUCO

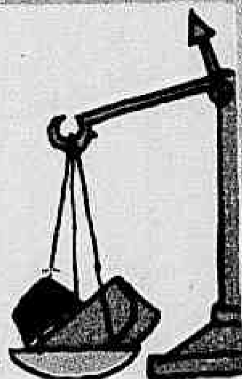
Uma seção meio pancada

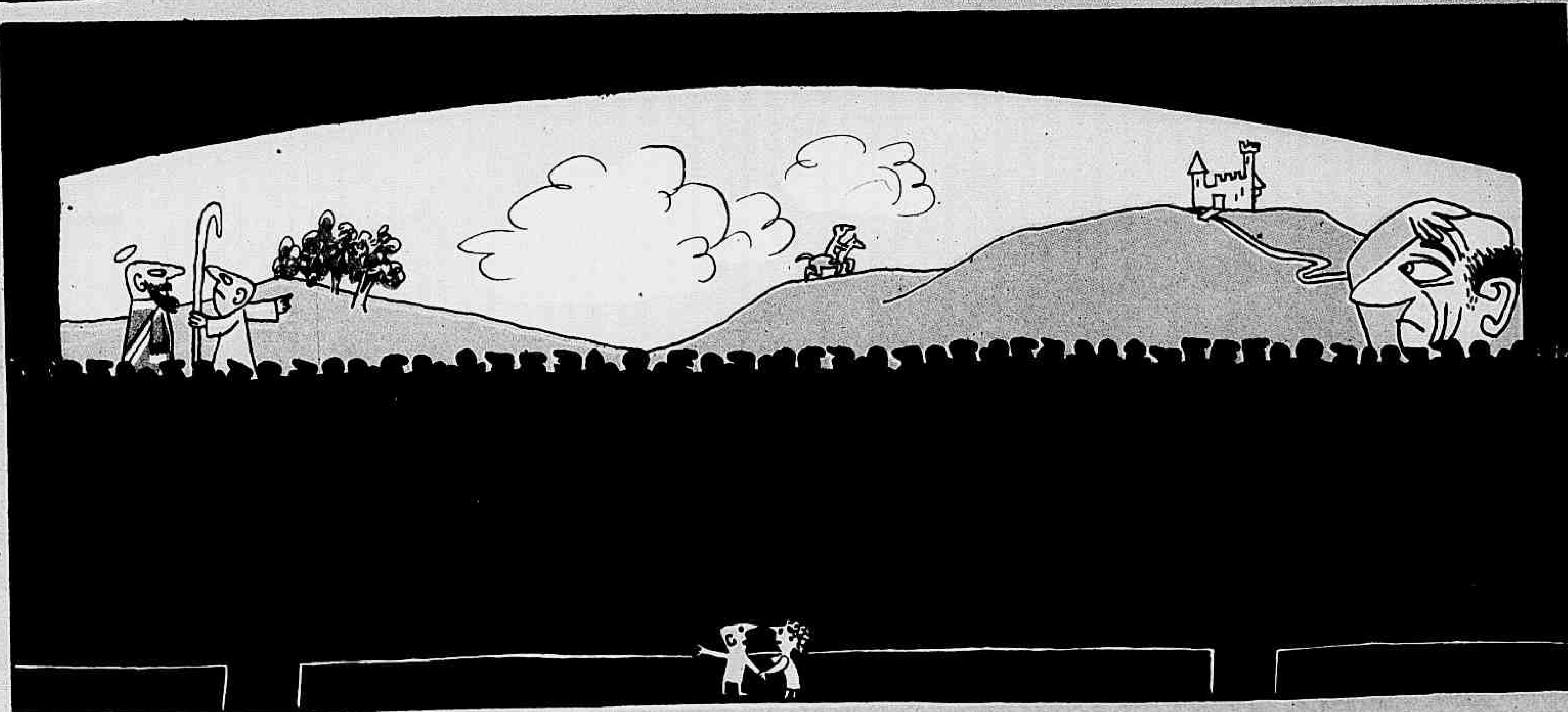
leon eliachar

Assinatura do autor, em CinemaScope.

Ilustrado por PIQUI'

UM QUILO SÃO AS 900 GRAMAS DE MERCADORIA QUE FICAM NO OUTRO PRATO DA BALANÇA





— Você senta no canto de lá que eu sento no de cá. Depois eu te conto meu pedaço.









Há mais de 50 anos a Goiabada marca PEIXE tem a preferência nos mercados, porque é fabricada com as melhores goiabas, rigorosamente selecionadas para manter o seu verdadeiro sabor conservando todos os valores vitaminosos.

PEIXE

Produto das INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITO S. A. ★ RECIFE — RIO — SÃO PAULO — MINAS